



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Soraia Farias Reolon Pereira

**A Referenciação e o mundo de nossos discursos
do sintagma nominal à construção das cadeias referenciais do texto escrito**

Rio de Janeiro

2013

Soraia Farias Reolon Pereira

**A Referenciação e o mundo de nossos discursos
do sintagma nominal à construção das cadeias referenciais do texto escrito**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

P436	<p>Pereira, Soraia Farias Reolon. A referenciação e o mundo de nossos discursos: do sintagma nominal à construção das cadeias referenciais do texto escrito / Soraia Farias Reolon Pereira. – 2013. 197 f.</p> <p>Orientador: José Carlos Santos de Azeredo. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Referência (Linguística) - Teses. 2. Língua portuguesa - Gramática – Teses. 3. Língua portuguesa – Sintagma nominal – Teses. 4. Análise do discurso – Teses. 5. Linguística textual – Teses. I. Azeredo, José Carlos de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p>CDU 82.085</p>
------	---

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Soraia Farias Reolon Pereira

**A Referenciação e o mundo de nossos discursos
do sintagma nominal à construção das cadeias referenciais do texto escrito**

Tese apresentada, como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor, ao
Programa de Pós-Graduação Letras, da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 30 de setembro de 2013.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo (Orientador)
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. André Crim Valente
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Denise Salim Santos
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Maria Lília Simões de Oliveira
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Lúcia Helena Lopes Matos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2013

DEDICATÓRIA

A minha mãe e meu pai, Perpétua e Luiz, pelo exemplo de luta, persistência, dignidade, amor ao estudo e, especialmente, fé em Deus.

À minha querida irmã Patrícia, pela preocupação comigo e pelo incentivo constante.

Às minhas filhas, Letícia, Roberta e Juliana – razão maior de tudo – pelo apoio e amor, todos os dias.

À Profª Maria Teresa Gonçalves Pereira, pela palavra firme na hora certa.

A todos os amigos, especialmente Kátia Zandomingo, Marta de Senna e Laura do Carmo, que me ajudaram a “compreender a marcha e ir tocando em frente”.

A ele, que inicialmente me mostrou a necessidade de duvidar das certezas na construção do conhecimento e aos poucos foi me ajudando a perceber o quanto as estruturas linguísticas revelam sobre a interpretação do texto, sobre o mundo construído em nossos discursos e, em última análise, sobre nossa natureza humana. Muito obrigada mesmo. O referente de “ele”? É claro: meu orientador, José Carlos de Azeredo!

AGRADECIMENTOS

À Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), pela concessão de licença para capacitação profissional.

À Rejane M. M. de Almeida Magalhães, chefe do setor Ruiano, e à Rachel Valença, antiga Diretora do Centro de Pesquisas da FCRB, pela generosidade e confiança em mim depositadas.

À FAETEC e à Direção da Escola Técnica Estadual Oscar Tenório, pela redução de carga horária durante a feitura do Doutorado.

À Coordenadora Geral da Pós-Graduação em Letras da UERJ, Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu, ao Coordenador André Crim Valente e aos Professores do Doutorado em Língua Portuguesa, pela dedicação, competência e compreensão.

A Cláudia Pires Medeiros Bastos e Tânia Saldanha Machado Lopes, por secretariarem a Pós-Graduação de forma tão sensível e solidária.

À Banca de Qualificação, pela leitura atenta, dedicada e meticulosa, pelas importantes críticas e sugestões.

Aos Professores da Banca Examinadora, por terem aceito meu convite, pela paciência na leitura.

A todos que colaboraram para que eu chegasse até aqui.

O homem vive dentro do mundo como corpo,
mas o mundo vive dentro do homem como palavra.

José Carlos de Azeredo. Gramática Houaiss.

O homem é um animal amarrado a teias
de significados que ele mesmo teceu.

Clifford Geertz. A interpretação das culturas.

Tenho medo de escrever. É tão perigoso.
Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está
oculto – e o mundo não está à tona [...]

Clarice Lispector. Um sopro de vida.

RESUMO

PEREIRA, S. F. R. *A referenciação e o mundo de nossos discursos: do sintagma nominal à construção das cadeias referenciais do texto escrito*. 2013. 197 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

A presente tese revisita uma velha questão: como a língua refere o mundo? Para tanto, apresenta um percurso teórico que vai da referência à referenciação, do referente ao objeto-do-discurso. Trata, assim, de questões relativas a léxico, semântica, sintaxe, pragmática, cognição, para analisar aspectos da textualidade, notadamente a coesão referencial, passeando principalmente por teorias funcionalistas e da Linguística Textual. Buscando um aproveitamento prático das questões teóricas levantadas, propõe-se a leitura e a interpretação de textos literários e não literários – cujos modos de organização do discurso variam entre argumentativo, narrativo, descritivo, expositivo, injuntivo – através do acompanhamento das cadeias referenciais e do fluxo de informação do texto. Acompanhar as categorizações e recategorizações das expressões referenciais (presentes nos sintagmas nominais), a introdução e reintrodução dos tópicos discursivos possibilita analisar como ocorre, na interação autor-leitor, a construção dos sentidos e do “mundo de nossos discursos”.

Palavras-chave: Referenciação. Sintagma nominal. Objeto-do-discurso. Cadeias referenciais dos textos.

ABSTRACT

PEREIRA, S. F. R. *Referenciation and the world of our discourses: from nominal syntagm to the construction of referential chains of the written text*. 2013. 197 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

This thesis deals with an old issue: how does language refer the world? It presents a theoretical line that goes from reference to referenciation, from the referent to the object-of-the discourse. Thus, it deals with questions concerning vocabulary, semantics, syntax, pragmatics, cognition, in order to analyze aspects of textuality, noticeably referential cohesion, visiting, mainly, functionalist theories and Textual Linguistics. Aiming at putting into practice the theoretical questions raised, it proposes the reading and interpretation of literary and non literary texts, whose modes of organizing discourse vary from to argumentative, narrative, descriptive, expositive, injunctive. This reading and interpretation is carried through following the texts' referential chains and of the information flow of the text. Following the categorizations and recategorizations of the referential expressions (present in the nominals syntagmes), the introduction and reintroduction of discursive topics allows one to analyze, in the author-reader relationship, how the construction of meanings and of the "world of our discourse" takes place.

Keywords: Referenciation. Nominal syntagm. Discourse object. Referential chains of texts.

RÉSUMÉ

PEREIRA, S.F.R. *La référentiation et le monde de nos discours: du syntagme nominal à la construction des chaînes référentielles du texte écrit*. 2013. 197 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Cette thèse revisite une vieille question: comment la langue réfère le monde? Pour atteindre ce but, la thèse présente un parcours théorique qui va de la référence à la référentiation, du référent à l'objet-du-discours. Elle s'occupe, donc, de questions relatives au lexique, à la sémantique, à la syntaxe, à la pragmatique, à la cognition, pour analyser des aspects de textualité, notamment la cohésion référentielle, s'appuyant surtout sur des théories fonctionnalistes et de la Linguistique Textuelle. En cherchant un usage pratique des questions théoriques soulevées, nous proposons la lecture et l'interprétation de textes littéraires et non-littéraires – dont les modes d'organisation du discours varient entre l'argumentatif, narratif, descriptif, expositif, injonctif – par le biais du suivi des chaînes référentielles et du flux d'information du texte. Suivre les catégories et recatégories des expressions référentielles, (présentes dans les syntagmes nominaux), à l'introduction et réintroduction des topiques discursifs nous permet d'analyser la construction du sens et du "monde de nos discours".

Mots-clés: Référentiation. Syntagme nominal. Objet-du-discours. Chaînes référentielles des textes

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	A LINGUAGEM, O MUNDO E O CONHECIMENTO	19
1.1	O ser cultural e sua capacidade simbólica	19
1.2	Mas o que é mesmo a verdade?	21
1.3	Objetos do mundo / Referente / Objetos do conhecimento / Objetos-de-discurso	24
2	REFERENCIAÇÃO: DA FORMA LINGUÍSTICA À CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NO TEXTO ESCRITO	28
2.1	O Funcionalismo, a Linguística Textual e o Cognitivismo na análise da referenciação	28
2.2	O sintagma nominal	36
2.2.1	<u>O sintagma nominal (SN) e a referenciação</u>	36
2.2.2	<u>Três procedimentos básicos da referenciação</u>	38
2.2.3	<u>Funções discursivo-textuais dos determinantes</u>	41
2.2.4	<u>Importância dos modificadores dentro do SN</u>	42
2.3	Os processos de referenciação	46
2.3.1	<u>Introdução referencial (1ª categorização)</u>	46
2.3.2	<u>Recategorizações de referentes</u>	46
2.4	Organização tópica, fluxo informacional e condições de interpretação do sintagma nominal	47
3	A REFERENCIAÇÃO NO TEXTO ESCRITO	49
3.1	Análise do <i>corpus</i>: do SN à construção das cadeias referenciais do texto escrito	50
3.1.1	<u>“Só as consciências mortas deixam de gritar”:</u> a intertextualidade na <u>construção da referenciação</u>	52
3.1.1.1	Acompanhamento das cadeias coesivas referenciais e do fluxo informacional do texto (através dos SNs / tópicos discursivos)	59
3.1.1.2	Os tópicos do texto	87

3.1.1.3	As cadeias referenciais do texto	89
3.1.1.4	Estatística dos SNs das cadeias e análise da referenciação	99
3.1.2	<u>“GATO GATO GATO”</u> : a exaustiva referenciação na tentativa obsessiva de decifrar o mistério do mundo	102
3.1.2.1	Sequência de SNs	113
3.1.2.2	Os tópicos do texto	138
3.1.2.3	As cadeias referenciais do texto	139
3.1.2.4	Estatística dos SNs das cadeias e análise da referenciação	159
3.1.3	<u>“Imitação da água”</u> : a “tortura” da referência	164
3.1.3.1	Sequência de SNs	168
3.1.3.2	Os tópicos do texto	172
3.1.3.3	As cadeias referenciais do texto	173
3.1.3.4	Estatística dos SNs das cadeias e análise da referenciação	174
	CONCLUSÕES	176
	REFERÊNCIAS	178
	ANEXO A – Crônica “Sobre o amor, etc”	184
	ANEXO B – Letra de música “Pais e filhos”	187
	ANEXO C – Poema “Morte e vida Severina: auto de natal pernambucano” (1ª parte)	189
	ANEXO D – Trecho do livro “O que é ideologia”	191
	ANEXO E – Horóscopo “Previsão anual 2013 e o ano da serpente”..	193
	ANEXO F – Receita culinária “Pudim de leite condensado”	195
	ANEXO G – Receita culinária portuguesa: “Pastel de bacalhau e pimentos”	196

INTRODUÇÃO

O mundo é um grande livro sem texto.

Cabe ao homem legendar o mundo.

Bartholomeu Campos de Queirós

Como professora de Língua Portuguesa, sempre senti ser necessário colocar em discussão, logo no primeiro dia de aula, as razões que justificariam o ensino e a aprendizagem da língua. Dentre elas, costumo salientar o que a língua representa para o ser humano enquanto patrimônio simbólico: sua possibilidade de simbolizar o mundo, para significá-lo ou ressignificá-lo, através da construção de discursos sobre esse mundo, nós mesmos e o outro. E surgem questões: que mundo é esse que conhecemos e sobre o qual falamos? Como referimos o mundo com a língua? Como estabelecemos relações entre as formas do sistema linguístico e os significados na construção desses discursos?

Normalmente os alunos nunca pensaram nisso e se fascinam. Realmente é fascinante o desafio de responder às indagações e de percorrer o caminho das dúvidas. Na análise da relação entre a linguagem e o mundo, um dos problemas mais antigos, tanto na Filosofia da Linguagem quanto na Linguística e outras ciências, é saber como referimos o mundo com a língua. Mas o que seria exatamente “referir o mundo”? Se assumirmos a posição kantiana admitindo que o mundo conhecido é um mundo construído, a pergunta se complica. Marcuschi (2007, p. 128-129) alerta que não devemos “confundir os objetos que conhecemos com os objetos independentes de nosso conhecimento. É o caso de perguntar que mundo dizemos quando dizemos algo.” Para dizer o mundo, precisamos nomear os seres e objetos desse mundo e referenciar, representá-los linguisticamente, mas como fazer isso? Ligar a cada ser do mundo um item lexical, como se seu nome naquela língua fosse a “etiqueta” daquele ser?

Em um artigo sobre a “base contextual da semântica cognitiva”, Ronald Langacker (1997 apud Marcuschi, 2007, p.134-135) expõe sua teoria: “[...] a ideia de ‘representação conceitual’ ou ‘representação linguística’ não pode ser tomada como se fosse uma fotografia mental de

referência ou como se fosse algo estático e ligado a um conjunto de ações de base neural apenas.”
 Marcuschi (2007) desenvolve a noção de Langacker:

As “representações mentais” não são fixas, pois elas emergem na interação, são negociadas e móveis. É equivocado imaginar que uma entidade lexical seja um tipo de representação mental fixo, pois um item lexical pode dar origem a uma série de associações e ser a entrada para a ativação de um amplo domínio cognitivo. Além do mais, um item lexical tem, a cada vez que ocorre, uma série de relações associativas a depender dos outros itens com que coocorre. O léxico é um sistema de enquadres e não uma lista de itens referidores ou funcionais. As línguas não são códigos com elementos bem definidos e valores pré-estabelecidos. Pode ocorrer de um item ser mais usado, adquirir novos contornos e receber uma carga específica num contexto em que foi negociado o seu uso. [...] (p. 135)

[Davidson (1974) postula] que a interpretação das palavras e dos enunciados se dá na suposição de elementos comuns em relação a crenças coerentes entre os interlocutores, [o que] [...] permite invocar não apenas o partilhamento, mas a possibilidade de negociação e, sobretudo, uma comunidade de mentes sociais construindo as significações publicamente. [...]

[...] Diz o autor (p. 202) que “compreendemos ao máximo as palavras e pensamentos dos outros quando os interpretamos de uma forma que otimize o acordo”. [...]

Assim, concordo com Mondada e Dubois (1995/2003) quando afirmam que o mundo e a linguagem não têm uma estabilidade *a priori*. Nenhum dos dois está previamente discretizado de modo definitivo. A estabilização e a discretização decorrem de um trabalho sociointerativo dos indivíduos que interagem linguisticamente. Por isso, Marcuschi (2007, p. 137-139) afirma que, em consequência dessa instabilidade e variabilidade,

[...] o mundo não é um grande supermercado com gôndolas universais divinamente mobiliadas, restando aos humanos nomearem esse mobiliário para uso coletivo. A contribuição histórica dos humanos para a configuração dessas gôndolas é imensa e não desprezível. Ao lado disso, a linguagem também não é um instrumento transparente, preciso e claro capaz de etiquetar de forma universalmente igual cada elemento desse suposto mobiliário. [...] **A nomeação e a referência** é um processo complexo que precisa ser analisado na atividade sociointerativa. A depender dos pontos de vista dos interlocutores, vamos construir os seres e objetos do mundo de uma ou outra forma. [...]

Conhecer um objeto como *cadeira, mesa, bicicleta, avião, livro, banana, sapoti* não é apenas identificar algo que está ali, nem usar um termo que lhes caiba, mas é fazer uma experiência de reconhecimento com base num conjunto de condições que foram estabilizadas numa dada cultura. **O mundo de nossos**

discursos (não sabemos como é o outro) é sociocognitivamente produzido. O discurso é o lugar privilegiado da designação desse mundo. [...] se pode observar [...] as maneiras de lidar com objetos e construí-los. Ver-se-á que se trata no geral de “objetos-de-discurso” e não do mundo. Não se pretende negar o valor referencial da língua e sim de rever a maneira como se dá esse processo de referenciação.

Todo esse esforço intelectual de Marcuschi (2007) se realizou no sentido de estabelecer o princípio de uma teoria pragmática da cognição contendo aspectos sociointerativos, a partir do questionamento do modo como a língua refere o mundo; partiu da questão da referência (processo de referenciar, possibilidade de um nome designar um referente) e chegou à referenciação (termo utilizado quando de modo mais específico se está falando da construção discursiva, da constituição textual, da formação da rede referencial). A referenciação não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores. A proposta de substituição do termo referência por referenciação, na visão discursiva, está em Mondada e Dubois (1995, p. 274-277).

Dik (1997, p. 131 apud Neves, 2006, p. 148) observa que a função de referenciar é restrita aos termos que atuam como argumentos e satélites das predicções, e Azeredo (2008) ressalta que as expressões referenciais são entidades que constituem termos das predicções, estruturados como sintagmas nominais (SNs), ou seja, estes SNs têm como função comunicativa fundamental tornar possível a construção de uma referência. Assim, para tratar da referenciação construída e observada nos textos, partirei da microestrutura sintagmática do SN.

Adotarei em minha pesquisa essa visão sociointerativa da linguística cognitivista, paralelamente a conceitos do Funcionalismo, que trabalha com o “tripé COGNIÇÃO — GRAMÁTICA — DISCURSIVIZAÇÃO” (NEVES, 2006, p.13) e, por isso, apresenta vários pontos coincidentes com Marcuschi, principalmente em relação à abordagem discursiva da língua. Porém, o foco da gramática funcionalista, conforme Neves (2006, p. 11), é outro: discutem-se os processos de constituição do enunciado sim, porém dirige-se a atenção para a gramática “que organiza as relações, constrói as significações e define os efeitos pragmáticos que, afinal, fazem do texto uma peça em função [...] é no entrecruzamento dos processos ativados, e pela gramática organizados, que a interação discursiva compõe os textos”.

A partir desta primeira exposição do percurso da referenciação, já posso detalhar minha proposta de trabalho e objetivos. O tema geral da tese relaciona-se à Sintaxe, Cognição e Discurso. O tema específico liga-se à observação da referenciação no texto escrito (do SN à construção das cadeias referenciais). O *corpus* é composto por 10 textos, de diferentes gêneros textuais e modos de organização do discurso, sendo que sete (os presentes nos ANEXOS) serão utilizados na exemplificação de questões levantadas na parte teórica. Objetivo fazer um breve estudo teórico da questão da referência e da referenciação e, a seguir, analisar a referenciação presente em três textos do *corpus*, transcritos no capítulo 3. Será um texto jornalístico (artigo assinado) de Dalcídio Jurandir, organizado predominantemente pelo modo argumentativo, e mais dois textos literários: um conto de atmosfera de Otto Lara Resende, organizado pelo modo narrativo, mas com forte presença da descrição, e um poema de João Cabral de Melo Neto, organizado pelo modo descritivo.

O texto de Dalcídio apresentará uma análise exemplar, detalhada. Objetivo:

- a) destacar **em negrito**, no próprio corpo do texto, todos seus sintagmas nominais (SNs);
- b) fazer uma apresentação do texto, de seu autor e das condições de produção do discurso;
- c) realizar o acompanhamento das cadeias coesivas referenciais e do fluxo informacional do texto (através dos SNs / tópicos discursivos). Para tanto, o texto será dividido em segmentos de sentido onde todos os SNs daquele segmento serão numerados de forma crescente pela ordem de aparecimento no texto. Estes SNs serão descritos em sua estrutura sintagmática (o núcleo, seus determinantes e modificadores, atentando-se para seus papéis discursivos e para o acesso à informação). Realizarei, assim, uma descrição de seus aspectos linguísticos e do seu funcionamento discursivo. Alguns SNs corresponderão à 1ª categorização de um tópico discursivo. Nos SNs em que se faça recategorização de um mesmo tópico, será registrada e classificada a anáfora, o processo de referenciação.
- d) fazer o levantamento de todos os tópicos discursivos do texto. Os que aparecem mais de uma vez comporão cadeias referenciais;
- e) registrar em tabelas as cadeias referenciais relativas a cada tópico discursivo, anotando o número de ocorrências e todos os SNs a elas relacionados;

- f) realizar a estatística dos SNs das cadeias e a análise da referenciação, avaliando os tópicos com maior número de ocorrências e classificando-os por colocação. As colocações dos tópicos serão analisadas em relação com o gênero e o modo de organização do discurso daquele texto.

Nos outros dois textos, o de Otto e o de João Cabral, será realizado o mesmo procedimento descritivo e analítico, apenas com mudanças quanto ao item c. Haverá o registro da sequência de SNs numerados dentro de cada segmento de sentido do texto, porém não serão minuciosamente analisados todos os determinantes e modificadores de cada SN com seus papéis discursivos nem será feita a classificação das anáforas, por entendermos que os tipos de determinantes se repetem e esse tipo de classificação já foi exaustivamente explorado no texto de Dalcídio. Para não repetir desnecessariamente, simplificamos as anotações relativas aos SNs nesta parte da análise.

Através do levantamento dos SNs e dos tópicos discursivos e da construção das cadeias referenciais, pretendo mostrar como o enunciador vai simbolizando e criando a teia de sentidos durante a produção discursiva, o “fazer do texto”, de acordo com suas intenções comunicativas e com o modo de organização de cada texto, que direcionam o autor para escolhas gramaticais sintático-semânticas dentre as opções do sistema linguístico da língua portuguesa.

Meu objetivo geral é propor, com o estudo da referenciação, o desenvolvimento de uma “metaconsciência textual” (RONCARATI, 2010), de uma sensibilidade para uma arquitetura sintático-semântico-discursiva que revela não os objetos do mundo, mas os objetos-de-discurso que vão construindo sentidos à medida que vão formando cadeias referenciais ao longo dos textos de diversos gêneros textuais e modos de organização do discurso. Os SNs funcionam como objetos-de-discurso que vão construir uma trajetória ao longo do texto por conta de suas recategorizações de um mesmo tópico, as quais vão construindo o sentido e o mundo de nossos discursos.

Trabalho com as seguintes hipóteses: o microtextual (aspectos linguísticos dos sintagmas nominais) ajuda a construir a significação e a coerência do texto (o macrotextual); a construção das cadeias referenciais de um texto está diretamente ligada ao seu gênero textual e principalmente ao seu modo de organização do discurso. Por isso, ao fim de cada texto,

apresenta-se a estatística dos SNs de cada cadeia e a análise da referenciação, onde se conjugam os dados obtidos com as intenções comunicativas e o(s) modo(s) de organização do discurso.

As etapas da pesquisa realizada ligaram-se aos objetivos anteriormente traçados. Seguindo esse detalhamento, a metodologia divide o trabalho em duas etapas: breve estudo teórico, com seleção de textos literários e não literários (de diversos gêneros textuais e modos de organização do discurso), e análise do *corpus*.

Antes de se estudar os processos de referenciação, é necessário tratar do problema da referência no nível da Filosofia da Linguagem, enquanto representação do mundo: a linguagem como espelho e mapa do mundo, até chegar à visão sociocognitiva. Para tal, pesquisarei Marcuschi (2007) e os autores citados por ele nesse trabalho.

Para o estudo teórico da mudança de paradigma da referência para a referenciação, do referente para o objeto-de-discurso, recorrerei a uma visão cognitiva sociointeracionista dos trabalhos de Marcuschi (2007), Mondada e Dubois (1995/2003).

Como os objetos-de-discurso são entidades que constituem termos das predicções estruturados como sintagmas nominais (SNs), recorrerei a Azeredo (1999, 2000, 2008) para analisar a constituição do SN e a sua função de referenciação. O autor especifica os três tipos possíveis de referenciação realizada pelo SN. Para os estudos sobre processos de referenciação, recorrerei a Neves (2006) e a diversos trabalhos em Linguística Textual, entre eles os de Koch (1998, 2005), Azeredo (2007) e Cavalcante (2003, 2011).

É importante ressaltar com Mondada (1994, p. 64, apud Neves, 2006, p. 148) que “é no e pelo discurso que [os objetos-de-discurso] são postos, delimitados, desenvolvidos, transformados, [...] não têm uma estrutura fixa, mas [...] ao contrário emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva”. Essa construção das cadeias referenciais com os objetos-de-discurso, que passam por uma categorização (e depois recategorizações), ocorre segundo estratégias dependentes da formulação textual dos diversos gêneros de texto com seus modos de produção do discurso. Por isso, para tipologia textual e modos de organização do discurso, considere a obra organizada por Dionísio (2002), as conceituações de Azeredo (2000) e as de Charaudeau (2008), baseadas na Análise do Discurso.

Em ligação com a progressão ou a manutenção referencial, formada pelas cadeias referenciais, vai sendo construída a progressão ou a manutenção tópica, que sustenta a organização informativa e dirige o fluxo de informação. Para o acompanhamento tópico e da

informação, utilizarei Givón (1983) e Marcuschi (2008). Para conceituar as cadeias, com a categorização e recategorização dos objetos-de-discurso, recorrerei a Roncarati (2010). Embasada pelos estudos e conceitos teóricos, partirei para a análise dos textos, que permitem enfocar aspectos da referenciação.

Por fim, considero que a investigação proposta nesta tese se justifica, pois reconhecer que nosso conhecimento do mundo se dá pela construção discursiva e aprofundar o estudo desses processos de construção contribuem para uma dupla conscientização: a do papel da linguagem na vida humana e a das flutuações e instabilidades do que é ser humano.

1 A LINGUAGEM, O MUNDO E O CONHECIMENTO

1.1 O ser cultural e sua capacidade simbólica

Meu trabalho parte da relação da linguagem com o conhecimento humano sobre o mundo.

Sabe-se que o homem faz parte da natureza, e como tal é um ser biológico, porém foi o único ser que conseguiu se “descolar” da natureza através da cultura e, por seu afastamento, foi capaz de tornar-se sujeito e tomar a natureza como objeto de observação, reflexão e conhecimento. Os animais são objetos; o homem é sujeito, um ser cultural, que dá sentido, interpreta, significa e ressignifica o mundo a todo instante.

Nesse caminho de significar, interpretar e ressignificar, enfim, conhecer o mundo e si mesmo, o ser humano utiliza a linguagem. Enquanto a relação do animal com a natureza é direta, guiada pelos instintos, a relação do homem com a natureza tem de ser mediada pela linguagem. Ao homem, não é possível encarar diretamente o real. A Psicologia estuda que o ser humano vive na representação do real e essa representação é o imaginário. E o imaginário só existe porque existe uma linguagem que o representa. Ter e usar uma língua significa ter à nossa disposição um grande patrimônio simbólico para conhecer o mundo e construir discursos sobre ele.

O ser humano sente a necessidade de organizar, de ter certezas, de categorizar as coisas que existem no mundo. É como pôr ordem no caos do mundo através da linguagem, o que lhe dá a ilusão de que o mundo e a linguagem são estáveis, de que há uma ordem. O homem está em busca incessante dessa ordem. Ele vive na tensão da ordem e desordem, equilíbrio e desequilíbrio. Os animais não têm esse problema; eles se adaptam, dentro do possível, ao mundo. O homem transforma o mundo para atender a suas carências naturais e culturais.

A língua é uma camada sobreposta à realidade. Nessa camada está a significação. A língua nos dá a imagem de um mundo organizado que não existe. Só está organizado na linguagem. O mundo é o que é para todo ser vivo. O homem é que resolveu organizá-lo, mas não há estabilidade garantida nem na vida nem na linguagem.

A capacidade de armazenar e transmitir conhecimento através da linguagem é uma característica humana. Somente o ser humano apresenta uma linguagem articulada e capacidade simbólica. A comunicação entre animais ocorre apenas para a sobrevivência da espécie (para alimentação, procriação, defesa, atividade lúdica). O homem constrói a linguagem para realizar a

simbolização do real e também para representar a fantasia. Uma pessoa pode criar uma frase inverossímil, mas que tem significado e é capaz de produzir uma referência, ou seja, o homem é o único ser capaz de produzir realidade que é fruto da imaginação. A linguagem humana vai além da comunicação, ela é responsável pela criação de mundos. Se a linguagem fosse só para a comunicação, não poderíamos produzir a frase “Meu vizinho marciano cria um cachorro verde que se põe a rezar quando ouve Ave Maria”, pois ela não corresponde a nada que exista no mundo. Por isso, dizer-se que a linguagem é responsável pela criação de mundos.

Uma língua não é apenas um meio de comunicação. O código de trânsito e a linguagem matemática são simples códigos de comunicação, estáveis, imutáveis, sem ambiguidades. Uma língua natural depende do ponto de vista de quem produz o discurso. Duas realidades diferentes podem ser expressas por uma mesma expressão. [Ex: “bom preço”. Ponto de vista do vendedor: “Vendi o carro por um bom preço.” Ponto de vista do comprador: “Comprei um carro por um bom preço.”] E uma única realidade pode ser expressa por duas expressões diferentes. [Ex: Sobre o resultado de um jogo de futebol entre Botafogo e Atlético Mineiro, diria um locutor carioca: “Botafogo arranca o empate no último minuto.” E um locutor mineiro: “Atlético Mineiro cede o empate no último minuto.” Aqui, a diferença é de significação e não de informação.] Retrata a questão do ponto de vista, a letra de música abaixo, de João Cavalcanti e Eduardo Krieger:

Ponto de vista
 Do ponto de vista da terra quem gira é o sol
 Do ponto de vista da mãe todo filho é bonito
 Do ponto de vista do ponto o círculo é infinito
 Do ponto de vista do cego sirene é farol

Do ponto de vista do mar quem balança é a praia
 Do ponto de vista um dia é pouco
 Guardado no bolso do louco
 Há sempre um pedaço de deus
 Respeite meus pontos de vista
 Que eu respeito os teus

Às vezes o ponto de vista tem certa miopia,
 Pois enxerga diferente do que a gente gostaria
 Não é preciso pôr lente nem óculos de grau
 Tampouco que exista somente
 Um ponto de vista igual

O jeito é manter o respeito e ponto final

Uma língua é um meio de representação do mundo transformado em significação, ou seja, a língua transforma a realidade em significação. Por outro lado, às vezes não existe uma determinada realidade no “mundo concreto”, mas existe um enunciado representando-a, existe um significado, assim podemos dizer que um enunciado dá origem a uma realidade. É o caso do exemplo: “Meu vizinho marciano cria um cachorro verde que se põe a rezar quando ouve Ave Maria.” Poderíamos pensar que a relação fosse: **Realidade → Expressão**. Pelo exemplo, observamos que existe um significado, apesar de não existir a realidade. Então, a língua é um meio de geração de conteúdos, de realidades, e na verdade, a relação é: **Expressão → Realidade**. Um enunciado dá origem a uma realidade.

Por isso dizermos que a relação do homem com o mundo, com a realidade não é direta. A relação do homem é com o mundo de signos. Nada significa por si próprio; só significa dentro de um sistema de referências (que está na cabeça do homem e que ele é capaz de reconhecer). O assunto de nossos textos não é a realidade e sim o processamento (da nossa cabeça) sobre a realidade. Nem o discurso científico expressa “a verdade”. A mentira (fuga pela fantasia) e a ficção (categoria da arte) só são possíveis na linguagem humana.

1.2 Mas o que é mesmo a verdade?

No artigo “A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização”, Marcuschi (2007) trata de um antigo problema da Filosofia da Linguagem, na análise da relação entre a linguagem e o mundo, que é a pergunta: “Como referimos o mundo com a língua?” Antes de mais nada, temos que indagar o que é exatamente “referir o mundo” e o que é o mundo para nós. Seguindo Marcuschi (2007), adoto a posição kantiana admitindo que o mundo conhecido é um mundo construído. Uma coisa são os objetos que conhecemos, outra coisa são os objetos independentes de nosso conhecimento. Conforme Marcuschi, é o caso de perguntar “que mundo dizemos quando dizemos algo.” (2007, p. 128-129) Antes de dizê-lo, temos de conhecê-lo. Dizer implica em referenciar, predicar e estar diante do problema da verdade, mas o que é a verdade? Um belo poema de Drummond, no livro *Corpo* (1984), questiona o tema:

Verdade

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

O poema nos mostra que há muitas “verdades” e que cada uma é sempre parte, nunca uma totalidade, e reflete sempre uma escolha, um posicionamento. Marcuschi (2007, p. 126) dá o exemplo de duas proposições sobre o mesmo referente — “Tiradentes é um herói”, “Tiradentes é um traidor” — e discute se dizer de alguém que é um *herói* ou um *traidor* é explicitar um atributo imanente ou atribuir uma propriedade por um ponto de vista de nossas crenças:

É um tanto simplista dizer que a verdade é uma relação entre o mundo e o que dizemos sobre ele. O problema está muito mais na natureza do dito e na natureza do acesso ao mundo que na natureza da coisa em si mesma. Aqui nada é óbvio e o papel da linguagem na cognição é imenso. Não se pode escamoteá-lo e tratar a verdade como uma questão de correspondência entre um enunciado e o fato. [...] É pouco iluminador dizer que “é verdade” equivale a “corresponde aos fatos”, pois toma os fatos como se fossem dados naturalmente e como se a linguagem tivesse a propriedade de dizê-los naturalmente.

Também não se trata de discutir a distinção entre sentidos literais e figurados, noções hoje em crise aguda, como mostra Mira Ariel (2002), mas de saber que estamos construindo modos de existência e referenciação e não apenas comunicando fatos ontológicos. As coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros. A maneira como nós dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação intersubjetiva *sobre* o mundo e da inserção sociocognitiva no mundo em que vivemos. O mundo comunicado é sempre fruto

de um agir intersubjetivo (não voluntarista) diante da realidade externa e não de uma identificação de realidades discretas.

Marcuschi (2007, p.130-132) busca uma teoria da verdade que não seja a visão clássica da correspondência. Ele afirma que “o léxico não é uma lista notarial do mobiliário do mundo a serviço de uma relação de correspondência cujo resultado seria a verdade.” (p. 137-138), porém admite a teoria coerencial da verdade de Davidson (1991/2001) e esclarece que

[...] O essencial dessa teoria é que ela postula a verdade como coerência interna entre todas as crenças. Assim, a crença torna-se uma condição do conhecimento (1991/2001: 209). O autor deixa claro que não se trata de um subjetivismo. Pois as crenças não são individuais ou simples fruto de uma subjetividade privada, mas de uma comunidade de mentes.

[...] A verdade é constituída pela correspondência coerente entre crenças e não pela correspondência de uma crença com algo externo [...]

[Segundo Davidson, o] *princípio de correspondência* permite ao intérprete entender o falante como respondendo aos mesmos traços do mundo que o intérprete responderia nas mesmas circunstâncias.

E nessa base pode-se dizer que a objetividade tem sua fonte na intersubjetividade. As pessoas concordam intersubjetivamente porque classificam e organizam o mundo de forma parecida quando vivem na mesma cultura. Assim, o conhecimento objetivo, a verdade, a categorização etc surgem como fruto de uma triangulação entre dois indivíduos e o mundo sem a necessidade de uma relação direta da mente com o mundo, e sim a coerência de crenças na relação com o mundo. (2007, p. 132)

Desta forma, Marcuschi conclui que a verdade não independe de nós, mas o mundo sim. Tanto a verdade quanto o conhecimento são produções discursivas, mas o mundo não. Então as verdades (e não “a Verdade”) são produções discursivas elaboradas na relação intersubjetiva tendo como ponto de intersecção o mundo empírico e mentes “de tal modo constituídas que podem agir intersubjetivamente com base em princípios e regularidades que operam de modo similar” (2007, p. 132).

Não há uma Verdade, há discursos. É importante ter essa consciência e perceber que mundo está sendo apresentado em cada texto. Fazer o acompanhamento dos SNs e tópicos discursivos, construindo cadeias referenciais, é uma forma de ver como esses sentidos são construídos.

1.3 Objetos do mundo/ Referente / Objetos do conhecimento / Objetos de discurso

É importante ter a consciência de que esse mundo conhecido através da língua é um mundo construído. Como diz Marcuschi (2007, p. 128-129), não devemos “confundir os objetos que conhecemos com os objetos independentes de nosso conhecimento.” Ou seja, os objetos do mundo não são a mesma coisa que os objetos do nosso conhecimento. O conhecimento objetivo surge de “uma triangulação entre dois indivíduos e o mundo sem a necessidade de uma relação direta da mente com o mundo, e sim a coerência de crenças na relação com o mundo.” (Marcuschi, 2007, p. 132). A objetividade, então, tem sua fonte na intersubjetividade. A coerência de crenças liga-se à cultura: as pessoas concordam intersubjetivamente porque classificam e organizam o mundo de forma parecida quando vivem na mesma cultura.

Quando nomeamos um objeto do mundo, relacionando-o a um item lexical, seu nome naquela língua não é uma “etiqueta” daquele objeto. A língua não tem o papel de espelho do mundo. Se pensarmos bem, a própria noção de referente é delicada. Referente não está diretamente ligado a uma “coisa no mundo”. Às vezes, o “mesmo objeto” recebe 2 designações. Antigamente era comum usar uma câmara de ar para boiar no mar. Assim, era chamada de “câmara de ar” e “boia” (como metonímia, designada pelo uso). As designações eram diferentes pela utilidade, pelo uso em cada situação, o que acabava tornando os objetos diferentes. Afinal, o próprio objeto do mundo é o mesmo?!? O conceito de referente fica abalado. Na verdade, o referente é socioculturalmente construído. Qual é o referente de “talher”? Garfo, faca, colher... O hiperônimo talher já é uma abstração. E fruta? E animal? Hiperônimos são abstrações...

Marilena Chauí mostra em um texto (ANEXO 4) que, antes de ser objeto de discurso, já é objeto de conhecimento (cultural):

O real não é constituído por coisas. Nossa experiência direta e imediata da realidade nos leva a imaginar que o real é feito de coisas (sejam elas naturais ou humanas), isto é, de objetos físicos, psíquicos, culturais oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências.

Assim, por exemplo, costumamos dizer que uma montanha é real porque é uma coisa. No entanto, o simples fato de que essa “coisa” possua um nome, que a chamemos “montanha”, indica que ela é, pelo menos, uma “coisa-para-nós”, isto é, algo que possui um sentido em nossa experiência. Suponhamos que pertencemos a uma sociedade cuja religião é politeísta e cujos deuses são imaginados com formas e sentimentos humanos, embora superiores aos dos

homens, e que nossa sociedade exprima essa superioridade divina fazendo com que os deuses sejam habitantes dos altos lugares. A montanha já não é uma coisa: é a morada dos deuses. Suponhamos, agora, que somos uma empresa capitalista que pretende explorar minério de ferro e que descobrimos uma grande jazida numa montanha. Como empresários, compramos a montanha, que, portanto, não é uma coisa, mas propriedade privada. Visto que iremos explorá-la para obtenção de lucros, não é uma coisa, mas capital. Ora, sendo propriedade privada capitalista, só existe como tal se for lugar de trabalho. Assim, a montanha não é coisa, mas relação econômica e, portanto, relação social.[...]

Não se trata de supor que há, de um lado, a “coisa” física ou material e, de outro, a “coisa” como ideia ou significação. Não há, de um lado, a coisa em-si, e, de outro, a coisa para-nós, mas entrelaçamento do físico-material e da significação, a unidade de um ser e de seu sentido, fazendo com que aquilo que chamamos “coisa” seja sempre um campo significativo. [...]

O que dissemos sobre a montanha, podemos também dizer a respeito de todos os entes reais. São formas de nossas relações com a natureza mediadas por nossas relações sociais, são seres culturais, campos de significação variados no tempo e no espaço, dependentes de nossa sociedade, de nossa classe social, de nossa posição na divisão social do trabalho, dos investimentos simbólicos que cada cultura imprime a si mesma através das coisas e dos homens.

Outro exemplo de que o referente é socioculturalmente construído é o caso da palavra “vaca”. O que é o referente “vaca” para um indiano e para um brasileiro? Se perguntarmos a cada um deles, ouviremos definições bem diferentes, a ponto de parecer que se fala de outro ser. Isto porque a forma de categorizar os objetos do mundo varia de acordo com a cultura. Para o brasileiro, a vaca é um animal quadrúpede, mamífero, que nos proporciona o leite, a carne, o couro... Para o indiano, é um animal sagrado. O que representaria para um brasileiro uma vaca no meio do trânsito de uma rua da cidade? Um grande transtorno, impedindo o trânsito. E para o indiano? A vaca conviveria pacificamente com os homens e os veículos; é uma honra ela estar ali.

Para que existe o ser biológico “vaca” independentemente da representação? Não dá para responder. Qualquer resposta que se dê é um ato discursivo, é uma representação. Não temos, assim, um referente definido, discretizado. Por isso Mondada & Dubois [1995/2003] afirmam que não existe “uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua” (p. 19), pois as categorias linguísticas e cognitivistas são instáveis e culturalmente sensíveis. Seguindo este raciocínio, Marcuschi (2007) afirma que “conhecer não é um ato de identificação de algo discreto existente no mundo e mediado pela linguagem: conhecer é uma atividade sociocognitiva produzida na atividade intersubjetiva [...]”.

Por outro lado, as categorias não são capazes de apreender totalmente o dito mundo real. Antes dos estudos cognitivistas, Otto Jespersen, em *The philosophy of grammar* (1924, p. 63), já tinha observado que a língua é generalizante e incapaz de refletir todas as particularidades dos objetos do mundo:

Por toda parte, a realidade oferece-nos somente dados concretos: você vê uma maçã determinada, vermelha em uma banda e amarelada na outra, de dimensões, forma e peso precisos, [...] em um momento definido de um dia particular etc. Como a linguagem é totalmente incapaz de retratar cada objeto com a individualidade que o caracteriza e distingue em sua existência material, somos obrigados, em nome da comunicação, a ignorar muitas dessas características particulares e concretas: o vocábulo ‘maçã’ [...] aplica-se a muitos outros objetos análogos, que convém englobar sob a mesma designação, ou teríamos de dispor de uma quantidade infinita de denominações distintas e seríamos levados a inventar nomes particulares para objetos novos a cada momento do dia. A realidade muda incessantemente à nossa volta e dentro de nós; para lidar com ela, criamos na linguagem certos pontos mais ou menos fixos, de valor médio. [...] Em outras palavras, se queremos comunicar nossas impressões e ideias sobre o mundo, temos necessidade de denominações abstratas para conceitos agrupados em classes: o termo ‘maçã’ é uma abstração quando comparado a uma maçã individual ao alcance dos nossos sentidos [...]. A linguagem move-se em toda parte por meio de palavras de sentido abstrato; o grau de abstração, por sua vez, varia ao infinito.

Como disse uma vez o professor Azeredo em sala de aula, “a palavra sempre está aquém ou além. A palavra sobra. A palavra falta. A linguagem é tão própria do homem. O silêncio precede o nascimento, ocorre depois da morte. Silêncio é quando não há palavra.”

Ao usar as palavras que nomeiam os seres, não estamos usando etiquetas dos objetos do mundo. Anteriormente ao discurso nós já conhecemos esses objetos do mundo como objetos do nosso conhecimento e atualizamos a forma de vê-los ao usá-los como objetos-de-discurso em nossos textos. A 1ª aparição do objeto-de-discurso na 1ª categorização e depois suas retomadas nas recategorizações, em diálogo com o gênero textual e o modo de organização do discurso, vão atualizar o sentido e construir uma imagem daquele ser.

A observação dessa categorização e das retomadas se dá a partir do sintagma nominal (SN) e de suas formas anafóricas, incluindo a elipse, anáfora zero. Informacionalmente, temos tópicos discursivos que são recategorizados através dos SNs que vão constituir cadeias referenciais. Nossa proposta de trabalho é encarar textos completos, grandes, não só parágrafos,

levantando os SNs, verificando os tópicos explorados no texto, montando as cadeias referenciais, observando os processos de referenciação, e vendo como os SNs mais recategorizados, das maiores cadeias, se relacionam com os objetivos daquele gênero, do(s) seu(s) modo(s) de organização do discurso e vendo como o microtextual (aspectos linguísticos do SN) ajuda a construir a significação e a coerência do texto.

Com que tipo de texto poderíamos realizar nosso trabalho? Azeredo (2007, p. 175) ressalta que há “textos-meio”, que atendem a objetivos fora deles, como receita culinária, manual de instrução, ofício etc. Estes textos confirmam a ordem do mundo que está organizado. São discursos construtores, muito presentes no discurso do senso comum, da ciência e da religião. Geralmente são textos lineares, convencionais, que tiram proveito da cristalização da linguagem, usam discurso pronto como clichês, lugar-comum. No nosso *corpus*, os anexos 5, 6 e 7 são exemplos de textos-meio. Por outro lado, há “textos-objeto”. Neste caso, a finalidade do texto está nele próprio, são textos com modo de organização argumentativo (como editoriais, artigos de opinião assinados), são textos literários, textos filosóficos etc. Eles criam mundos, oferecendo ao leitor um universo alternativo de experiências; são discursos desconstrutores, anticonvencionais, que recriam a linguagem e propõem uma nova forma de ver o mundo. No nosso *corpus*, os anexos 1, 2, 3 e 4 e os três textos da parte prática (do capítulo 3) são exemplos de textos-objeto. Seus autores têm a consciência de que criam mundos ao recriar a linguagem. Por essa consciência é que escolhemos um artigo assinado, um conto de atmosfera e um poema para análise da referenciação no capítulo 3.

2 REFERENCIAÇÃO: DA FORMA LINGUÍSTICA À CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NO TEXTO ESCRITO

Depois de apresentar o tema referenciação sob um ponto de vista mais filosófico, passaremos à questão propriamente linguística e discursiva. Como podemos acompanhar a referenciação que vai sendo criada no texto, a partir de sua arquitetura sintático-semântico-discursiva? Que arquitetura é essa? Neste capítulo analisaremos alguns conceitos do Funcionalismo, da Linguística Textual e do Cognitivismo que podem colaborar para a nossa proposta de análise da referenciação no texto escrito. Logo após, esmiuçaremos os sintagmas nominais, apresentaremos os processos de referenciação, as cadeias referenciais, a organização tópica e o fluxo informacional.

2.1 O Funcionalismo, a Linguística Textual e o Cognitivismo na análise da referenciação

Adoto a teoria pragmática da cognição contendo aspectos sociointerativos, defendida por Marcuschi (2007) e apresentada na Introdução desta tese, paralelamente a conceitos do Funcionalismo, que trabalha com o “tripé COGNIÇÃO — GRAMÁTICA — DISCURSIVIZAÇÃO” (Neves, 2006, p.13) e, por isso, apresenta vários pontos coincidentes com Marcuschi, principalmente em relação à abordagem discursiva da língua e à importância dada à referenciação nos textos.

Concordo com Neves (2006, p.75) quando fala que referenciação envolve interação e intenção, por isso na língua em uso os participantes de um discurso negociam o universo de discurso de que falam e, em determinado momento, optam por referir-se a algum ser cuja identidade estabelecem ou não, conforme desejem ou não garantir sua existência nesse universo. Ao compor seus enunciados, os falantes instituem os objetos-de-discurso (e não objetos do mundo; segundo Mondada, os objetos-de-discurso são entidades interativa e discursivamente produzidas pelos participantes no fio de sua enunciação, não preexistem ao discurso), o que significa que “a primeira noção de referência é a de construção de referentes” (Neves, 2006, p. 75). Como os objetos-de-discurso vão montar no texto a rede referencial que constitui uma das marcas da própria textualidade, isso resulta em uma “segunda noção de referência, que é a de identificação de referentes” (ibidem). Segundo Neves (2006, p. 75-76), pode-se falar, então, de

dois modos de referenciar textualmente: o construtivo e o identificador. No modo construtivo, o falante usa um termo para que o ouvinte construa um referente para este termo e introduza este referente em seu modelo mental; no modo identificador, o falante usa um termo para que o ouvinte identifique um referente que já de algum modo esteja disponível, o que ocorre quando há uma fonte para a identificação.

A construção e a identificação de referentes, como primeira e segunda noções de referência, lembra-nos o que a Linguística Textual (LT) chama respectivamente de categorização e recategorização realizadas pelas expressões nominais, quando da sua primeira aparição no texto e depois sua retomada anafórica, fazendo parte da coesão referencial. M. A. K. Halliday e R. Hasan no clássico *Cohesion in English* (1976 apud Figueiredo, 2003, p. 231) definem a coesão “como uma relação semântica composta de relações de significados que existem dentro do texto. A coesão ocorreria quando a interpretação de alguns elementos no texto estariam dependentes de outros.” Ou seja, nesta primeira visão de coesão (referencial), o elemento que realizaria a categorização (ou construção do referente) seria o “antecedente”, e o segundo elemento que retomaria o primeiro seria o “elemento anafórico” ou anáfora, e por isso responsável pela identificação do referente e sua recategorização. Muitas vezes os dois elementos relacionados pela anáfora são textuais (ou melhor, cotextuais); porém vários estudos observaram que o chamado “primeiro elemento” poderia ser localizado na situação comunicativa ou através do conhecimento de mundo ou por associação. Assim, fez-se uma revisão do conceito generalizante de antecedente e Apothéloz (1995) propõe mais um termo: “desencadeador do antecedente”. A LT passa a incorporar aspectos pragmáticos e cognitivos para a compreensão dos processos de referenciação.

Nos estudos de LT, a identificabilidade e a acessibilidade são consideradas propriedades da referencialidade no discurso, ambas ligadas à distribuição de informação. Entende-se que a referenciação textual está bem estabelecida quando há identificação do referente no ponto em que ela é necessária, o que ocorre quando o falante deixou disponível o acesso à informação. Um caso a ser estudado é o dos pronomes de 3ª pessoa. Há pronomes que, independentemente do texto, realizam uma referência. É o caso de “ninguém”, que equivale a “nenhuma pessoa”. Outros dependem de alguma informação já disponível no cotexto ou facilmente inferível a partir da situação comunicativa ou do conhecimento de mundo. É o caso dos pronomes pessoais de 3ª pessoa, como “ela”. Acontece que às vezes aparece no discurso um pronome pessoal anafórico,

só que sem antecedente explícito. Isto gera uma dificuldade de se associar a ele um referente, o que pode comprometer a identificabilidade, a acessibilidade e, conseqüentemente, a interpretação do texto. Buscamos o referente pelo contexto, pelo conhecimento de mundo. É o que acontece na música “Pais e Filhos” (ANEXO 2), da banda Legião Urbana. É um texto escrito, planejado, só que feito para ser falado/cantado. Então, pelo contrato de comunicação, o leitor-ouvinte tem acesso à letra de música e espera ouvi-la. A música, cantada, se parece com um texto oral. E isso cria expectativas no receptor, com a possibilidade de associações mais livres entre os versos. Vejamos a primeira estrofe da música:

Pais e Filhos

Estátuas e cofres e paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu.
Ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender.

Há um cenário que pressupõe um ambiente refinado, de luxo, e ninguém sabe o que motivou o suicídio “dela”, nem se diz quem é ela. Pelo título, pelo conhecimento de mundo, infere-se que seria uma jovem, uma “filha” de alguém. Aí vem a 2ª estrofe. Como diz Marcuschi, na *Gramática do português culto falado no Brasil* (2006, p. 219 e 384), a repetição é típica da fala:

[...] a repetição é uma das estratégias de formulação textual mais presentes na oralidade. [...]

Contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual, favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis, dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas.

Esta característica da oralidade nos dá a impressão de que da segunda estrofe em diante vai se falar do mesmo objeto-de-discurso (“ela”), mas isso deve ser observado com cuidado.

Dorme agora,
é só o vento lá fora.

A 2ª estrofe funciona como uma transição. Inicialmente parece-nos que “Dorme agora” apresenta um sujeito elíptico (ela) e o verbo no Presente do Indicativo representa um eufemismo para a morte, seria o discurso de quem não quer enxergar o que aconteceu. Depois percebemos o segundo verso e pensamos que poderia ser uma fala de consolo, como a de uma mãe que tranquiliza o filho ou a filha, sendo que aí o verbo estaria na 2ª pessoa do singular do Imperativo: “Dorme agora/ é só o vento lá fora.” Para ser coerente com a 1ª estrofe, refletimos: “Seria o início de uma narrativa em *flash-back*? A mãe se lembrando da infância da filha? Ou uma outra fala de uma outra mãe?”

Colaborando com a coerência do texto, pensamos que a 3ª e 4ª estrofes poderiam ser falas respectivamente da pessoa que se jogou do 5º andar e de seus pais, como lembranças do passado. O primeiro enunciador “eu”, como sujeito elíptico, seria a filha em vários momentos de sua infância e adolescência. Na 4ª estrofe, o “eu” seria cada um dos pais, à espera do nascimento.

Quero colo! Vou fugir de casa!
 Posso dormir aqui com vocês?
 Estou com medo, tive um pesadelo
 Só vou voltar depois das três.

Meu filho vai ter nome de santo
 Quero o nome mais bonito.

Na 5ª estrofe, o narrador faz uma advertência que nos faz refletir sobre a personagem da 1ª estrofe e sobre nosso relacionamento com as pessoas em geral:

É preciso amar as pessoas
 Como se não houvesse amanhã
 Porque se você parar pra pensar
 Na verdade não há.

Na 6ª estrofe, os dois primeiros versos poderiam ser falas do personagem referido como “ela”, porém os dois outros versos não poderiam se referir à filha nem aos seus pais.

Me diz, por que que o céu é azul?
 Explica a grande fúria do mundo
 São meus filhos
 Que tomam conta de mim.

E nesse momento, essa falta de conexão abre espaço para uma ressignificação de toda a letra da música. A 1ª estrofe é a voz do narrador relatando o acontecido a “ela”. A 2ª, 3ª e 4ª estrofes podem não se referir a “ela” e serem diversas vozes, de diversos “eus”, pais e filhos, em distintas situações discursivas. Uma mãe ou pai acalmando o (a) filho (a) com medo: “Dorme agora,/ é só o vento lá fora”. É uma criança pedindo colo. É um adolescente rebelde: “Vou fugir de casa!” Uma criança que pede: “Posso dormir aqui com vocês? Estou com medo, tive um pesadelo”. E o jovem que avisa: “Só vou voltar depois das três”. Por sua vez, pais que esperam pelo nascimento do filho (que poderiam ser qualquer um na multidão) fazem planos e exteriorizam isso por frases do senso comum: “Meu filho vai ter nome de santo”, “Quero o nome mais bonito”.

Na 5ª e 9ª estrofes, o narrador nos adverte para a necessidade de viver o aqui e agora, enquanto pais e filhos, e amar, pois o que existe é o hoje, o amanhã não se sabe se existirá.

A 6ª, 7ª e 8ª estrofes também trazem muitas vozes. São perguntas de filhos a seus pais e afirmações que revelam diversas possibilidades de vida de acordo com a presença/ausência de pais e filhos:

Me diz, por que que o céu é azul?
 Explica a grande fúria do mundo
 São meus filhos
 Que tomam conta de mim.

Eu moro com a minha mãe
 Mas meu pai vem me visitar
 Eu moro na rua, não tenho ninguém
 Eu moro em qualquer lugar.

Já morei em tanta casa
 Que nem me lembro mais
 Eu moro com os meus pais.

E o narrador continua:

É preciso amar as pessoas
 Como se não houvesse amanhã
 Porque se você parar pra pensar
 Na verdade não há.

Sou uma gota d'água,
 sou um grão de areia
 Você me diz que seus pais não te entendem,
 Mas você não entende seus pais.

Na penúltima estrofe acima, o narrador se coloca humildemente como “uma gota d’água”, “um grão de areia”, ou seja, uma individualidade e ao mesmo tempo uma pequena parte de algo muito maior. O narrador e cada um de nós somos vozes no mundo, fazendo parte da humanidade, e vivenciando relações na posição ora de pais ora de filhos. O compositor constrói o texto com essas vozes para que elas o ajudem a contar como essas relações se constituem. Há citação do discurso do senso comum, quanto ao conflito de gerações: “Você me diz que seus pais não te entendem” e o questionamento disso: “Mas você não entende seus pais”. Na última estrofe, abaixo citada, o narrador belamente alerta que os pais “São crianças como você” e pergunta citando uma fala do senso comum, que pode ter um duplo sentido. Além do sentido conhecido, pode-se pensar: “Você também não vai ser pai quando crescer?”

Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo
 São crianças como você
 O que você vai ser,
 Quando você crescer?

A partir da análise dessa letra de música, podemos dizer que a falta de antecedente da forma anafórica gerou uma ilusão de referência, que só se desfez ao se perceber a polifonia do texto. “Ela” aparece de forma genérica, não especificando referente. “Ela” refere um indivíduo não diretamente designado, mas inferível. A 1ª estrofe apresenta uma pequena narração de um caso entre tantos casos ocorridos a jovens, que funciona como um exemplo inicial de questões ligadas à relação entre pais e filhos. Se essa questão do pronome anafórico sem antecedente não for bem observada, pode gerar um encaminhamento equivocados da interpretação do texto.

Constatamos que há uma grande harmonia entre os trabalhos de Linguística Textual e o aparato teórico funcionalista no que se refere às propostas de análise da referencialização. Esclarecemos que a citação abaixo será longa, mas necessária, por abranger muitos aspectos, importantes para esta tese. Neves (2006, p. 27-30) ressalta que:

Interfere na reflexão uma categoria central do componente pragmático que a gramática funcional (Dik 1989; 1997) considera integrado à gramática, que é o Tópico (seja frasal seja discursivo), o qual, juntamente com o Foco, permite que os eventos descritos no discurso e as entidades nelas envolvidas tenham sua importância comunicativa e sua relevância relativa estabelecidas. O tópico discursivo, matéria e inspiração de grandes trabalhos da linguística do texto, é uma entidade de estatuto teórico no modelo funcionalista. [...]

Divido em cinco itens este apanhado bastante geral que faço do que considero uma natural ligação, nesse campo, do trabalho da linguística textual com o aparato teórico funcionalista:

1) É assunção básica da linguística do texto que no processo de referencialização não estão envolvidos objetos da realidade, mas, sim, referentes que têm seu estatuto estabelecido segundo a sua existência como entidades de um determinado discurso. São eles os ‘objetos-de-discurso’ [...], introduzidos na rede referencial e nela mantidos, conforme determina a formulação textual. E é em ligação com a progressão ou a manutenção desses referentes que se faz a progressão ou a manutenção dos tópicos discursivos, a qual dirige o fluxo de informação, sustentando a organização informativa do texto.

[...] diz a gramática funcional que todo o discurso é ‘sobre’ alguma entidade (o tópico discursivo), que tem de ser apresentada pela primeira vez (o tópico novo) (Dik, 1997, p. 314). Os tópicos discursivos podem ser vários, e podem ser hierarquizados (isto é, um pode ser mais central), eles podem ser de uma parte maior ou menor do discurso [...], podem ser sequencialmente organizados ou ser não-relacionados [...] Alguns tópicos desaparecem logo, outros ficam vivos durante todo o discurso etc.

2) A linguística do texto trata [...] da categorização, que configura nominalmente as entidades. Mostra que um objeto pode ter sido configurado no discurso mas não ter sido ainda categorizado, ou também pode já ter sido nomeado mas será sempre candidato a uma recategorização. Cada (re)categorização é uma atribuição de propriedades ao objeto nomeado, ocorrendo, pois [...], se houver duas designações – a inicial e a anafórica – [...] frequentemente [...] uma mudança de visão.

Disso cuida a gramática funcional quando trata da introdução primeira de um tópico (‘tópico novo’) bem como da reintrodução de um tópico e de sua consideração, nesse caso, como tópico dado (Dik, 1997, p. 314). O ‘tópico novo’ é associado por Dik (1997, p. 312) à outra categoria do componente pragmático, a focalidade [...]

3) Uma reflexão básica da linguística textual diz respeito à cadeia referencial do texto, constituindo ponto-chave [...] a ‘coesão referencial’. [...] Obviamente, não se trata de simples recuperação de referente, pois a própria construção textual-discursiva, que é o fazer do texto, implica contínua construção dos objetos-de-discurso, de tal modo que cada referência é uma instância de incorporação de significados no bojo da composição dos valores do texto. Como diz Koch (2004), ‘a interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, consiste não em localizar um segmento linguístico (antecedente) ou um objeto específico no mundo, mas em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória discursiva’ (p. 59).

Dik (1997, p. 319) fala em ‘cadeia fórica’ e ‘cadeia tópica’ ao explicitar as estratégias de ‘manutenção de tópico dado’, ressaltando que os falantes usam estratégias destinadas a manter um tópico dado até o momento em que ele for relevante para a comunicação.

4) Nos estudos da linguística do texto considera-se como propriedades da referencialidade, no discurso, a identificabilidade e a acessibilidade, ambas ligadas à distribuição de informação. Considera-se que a referenciação textual está bem estabelecida quando há identificação do referente no ponto em que ela é necessária, o que ocorre quando o falante deixou disponível o acesso à informação [...]

A gramática funcional (Dik, 1997, p. 131) trata [...] da disponibilidade de referentes, apontando como potenciais fontes: a informação de longo termo disponível para os interlocutores; a informação introduzida em segmento precedente do texto; a construção do referente com base em informação perceptualmente disponível na situação; a inferência da identidade do referente a partir de informação disponível em qualquer dessas fontes já apontadas. [...]

5) Também é recorrente, no estado atual da linguística do texto, a investigação da anáfora associativa, um tipo de anáfora nominal não-correferencial. [...]

Dessa questão trata a gramática funcional (Dik, 1989; 1997), referindo-se ao fato de que, às vezes, dado um certo tópico [...], podemos falar de outro tópico [...] ou outros tópicos relacionados com ele, como se já tivessem sido introduzidos antes [...], caso em que cada um dos posteriores [...] pode ser chamado de subtópico. [...]

Em todos os casos, como mostra Chafe (1994, p. 122), o esquema (o *script* ou o *frame*) que está na mente dos parceiros da interação garante as inferências que permitem o estabelecimento da relação associativa que leva à interpretação dos referentes.

Enfim, a teoria funcionalista e a Linguística Textual se entrelaçam na questão da referenciação, pois ambas estão ligadas a aspectos cognitivos e pragmáticos, numa visão sociointerativa. Serão úteis nesta tese os conceitos explanados de Neves e Dik, Marcuschi e Koch, para o acompanhamento da cadeia coesiva referencial e para a observação da contínua

(re)construção dos objetos-de-discurso, pela manutenção e progressão dos tópicos e referentes, o que vai dirigindo o fluxo de informação e sustentando a organização informativa do texto.

Uma questão estudada pela semântica cognitiva é muito importante para nosso trabalho: trata-se da categorização. Neves (2006, p. 100), estudiosa funcionalista, afirma que cada “expressão referencial nominal é uma categorização, isto é, uma colocação do referente em determinada categoria cognitivamente estabelecida.”

2.2 O sintagma nominal

Para acompanhar a cadeia referencial e o conseqüente fluxo de informação do texto, não só se deve observar as categorizações e recategorizações das expressões referenciais, a introdução e reintrodução dos tópicos discursivos, como também ter a consciência de que o autor do texto (falante ou escritor) realiza essa contínua construção dos objetos-de-discurso tendo sempre em seu horizonte seu (provável ou efetivo) interlocutor. A interação é um fundamento da visão discursiva do texto como processo, porém não se pode esquecer que o discurso se constrói materialmente pelo uso que se faz das estruturas da língua, e que essas escolhas linguísticas, realizadas dentro das possibilidades que o sistema oferece ao usuário, refletem seu projeto de dizer e dar pistas para o interlocutor a fim de ambos construírem o sentido. Formas linguísticas realmente são pistas para a construção dos sentidos.

2.2.1 O sintagma nominal (SN) e a referenciação

Dik (1997, p.131 apud Neves, 2006, p. 148) observa que, embora a função de referenciar seja restrita aos termos que atuam como argumentos e satélites das predicções, o falante, usando um termo, ou constrói ou ajuda o ouvinte a encontrar um referente para colocá-lo numa predicção, e, assim, outras representações mentais se acrescem, de modo a ser recuperáveis pelos subseqüentes elementos anafóricos. Neves (2006, p. 37) ressalta que

Para Dik (1985, 1997), todos os itens lexicais de uma língua se analisam dentro da predicção. Nesse modelo fica indicado que a descrição de uma

expressão linguística começa com a construção de uma predicação subjacente, que é, então, projetada por meio de regras que determinam a forma e a ordem em que os constituintes da predicação subjacente são realizados. Desse ponto de partida que é a predicação, passa-se à expressão referencial, em seguida à expressão relativa à unidade de informação (o conteúdo transmitido em um ato de fala) e, finalmente, à fala real.

Podemos dizer que as expressões referenciais são entidades que constituem termos das predicções, estruturados como sintagmas nominais (SNs). Azeredo (2008, p. 238-239) ressalta que a função comunicativa fundamental de um SN é tornar possível a construção de uma referência:

Servimo-nos de sintagmas nominais, portanto, para designar parcelas de nossa experiência de mundo concebidas como unidades reais ou imaginárias, naturais ou culturais, únicas ou genéricas, concretas ou abstratas. [...]

Um dado objeto do mundo real ou imaginário pode, portanto, ser designado por uma infinita variedade de representações, segundo as relações do enunciador com esse objeto e segundo as motivações e as necessidades ou peculiaridades comunicativas do evento discursivo — e do texto — em questão. A seleção dos elementos formadores do sintagma nominal obedece, assim, à necessidade de tornar o conteúdo referenciado por meio dele acessível ao interlocutor. A isto damos o nome de *referenciação*.

O fato de servirmo-nos de SNs para designar parcelas de nossa experiência de mundo remete às citadas discussões de Marcuschi sobre a linguagem e a simbolização. O sintagma nominal estabelece a referenciação não do “mundo como ele é”, mas do mundo tal como nós o conhecemos. Por isso referenciar é construir o mundo de nossos discursos. Por isso, um texto é a construção de um discurso sobre o mundo (segundo determinadas motivações ou necessidades comunicativas) e não a “Verdade” sobre o mundo, sobre a realidade. E esta construção do discurso é urdida materialmente na estruturação linguística, segundo a intencionalidade do autor, seu projeto de dizer e fazer-se entender buscando a parceria e a aceitabilidade do leitor. Logicamente que há um “algo a mais” para a formação da textualidade e do sentido, que são os aspectos pragmáticos (estudados pela Linguística do Texto e pelo Funcionalismo) ou as chamadas “condições de produção do discurso”, conforme a Análise do Discurso (Orlandi, 2006). Contudo, valorizar o aspecto pragmático não deve levar a uma visão do aspecto formal como algo destacado, isolado ou de menor valor em relação ao funcionamento textual. Acredito que tudo deva ser visto em conjunto, com todos os princípios constitutivos da textualidade

trabalhando de forma intrincada, para a construção do sentido. O microtextual constrói o macro, de acordo com as necessidades dos aspectos pragmáticos envolvidos naquela produção discursiva. Se as condições de produção fossem outras, outras estruturas linguísticas seriam escolhidas e combinadas pelo autor para construir o outro sentido coerente com aqueles novos aspectos pragmáticos. Por outro lado, o leitor, no processo de interpretação, deve ler a superfície do texto, com as estruturas linguísticas combinadas e em coesão no texto, relacionando-as aos aspectos pragmáticos, a fim de acompanhar o fluxo da informação, construir o sentido e a coerência do texto, sua visão macrotextual. Assim, considero muito importante estarmos atentos à estruturação linguística do sentido em diálogo com as necessidades comunicativas. Prossigamos então com a observação da formação do sintagma nominal.

2.2.2 Três procedimentos básicos da referenciação

Azeredo (2008, p. 239) ressalta três procedimentos básicos de referenciação: o emprego de nomes próprios, o uso de nomes concretos comuns acompanhados de alguma especificação e o uso de pronomes substantivos:

Os nomes próprios têm o poder de ativar na memória enciclopédica do leitor um referente único e inconfundível. Já os nomes comuns se referem a classes de seres ou a noções gerais, por isso a construção da referência por meio deles depende sempre de condições ou procedimentos complementares. [...] Quanto aos pronomes, há os que realizam uma referência independentemente do texto, como *ninguém*, que é um quantificador absoluto negativo, equivalente a ‘nenhuma pessoa’; e os que dependem de alguma informação já disponível como a forma *elas*, que tem função estritamente remissiva, pois apenas recupera uma referenciação já construída no texto [...]

O autor (2008, p. 244) destaca que há três posições, na construção do SN: a base, normalmente preenchida por um substantivo comum; a porção que precede a base, preenchida pelos determinantes; e a porção subsequente à base, ocupada por modificadores (adjetivos, locuções ou orações adjetivas).

É curioso constatar que, em textos literários, muitas vezes o nome próprio recebe especificação de determinantes e modificadores, na função de adjunto adnominal, como se

precisasse desses acréscimos para compor a referência. (Como se sabe, os adjuntos adnominais são sintaticamente considerados elementos acessórios, porém discursivamente têm papel muito importante na informatividade.) É como se houvesse em alguns casos uma “neutralização” das diferenças entre substantivo próprio e comum. É o que ocorre em “Morte e vida severina, auto de natal pernambucano”, de João Cabral de Melo Neto (ANEXO 3).

Pelo título, já vemos o adjetivo “severina”, caracterizando e aproximando morte e vida. Na primeira parte, “O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI”, o retirante se apresenta, buscando construir a sua identidade através da construção da referência. Nas três primeiras estrofes, o poema é estruturado pelo seguinte movimento: o retirante se apresenta em primeira pessoa por um nome próprio (“O meu nome é Severino”), depois observa a identificação do seu nome com outros e por isso propõe um outro nome mais especificado (“Severino” e um adjunto adnominal), observa novamente a identificação com outros Severinos e propõe novas categorizações (cada vez com mais adjuntos adnominais...), conforme sublinhado abaixo :

— O meu nome é Severino,
 não tenho outro de pia.
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar
Severino de Maria;
 como há muitos Severinos
 com mães chamadas Maria,
 fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.

Mas isso ainda diz pouco:
 há muitos na freguesia,
 por causa de um coronel
 que se chamou Zacarias
 e que foi o mais antigo
 senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem fala
 ora a Vossas Senhorias?
 Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.

O bordão “Mas isso ainda diz pouco” mostra que a referência ainda não é exata, não corresponde exatamente ao ser que quer se identificar e por isso requer um maior detalhamento. As identificações com outros Severinos são tantas que o retirante a partir do verso 9 da 4ª estrofe assume a 1ª pessoa do plural, passa a fazer parte de uma espécie de ser com muitas caracterizações: os severinos/Severinos, que têm vida e morte severina.

Mas isso ainda diz pouco:
 se ao menos mais cinco havia
 com nome de Severino
 filhos de tantas Marias
 mulheres de outros tantos,
 já finados, Zacarias,
 vivendo na mesma serra
 magra e ossuda em que eu vivia.
 Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos
 iguais em tudo na vida,
 morremos de morte igual,
 mesma morte severina:
 que é a morte de que se morre
 de velhice antes dos trinta,
 de emboscada antes dos vinte,
 de fome um pouco por dia
 (de fraqueza e de doença
 é que a morte severina
 ataca em qualquer idade,
 e até gente não nascida).

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.

Depois de exaustiva referenciação, o retirante se identifica por uma necessidade do contexto:

Mas, para que me conheçam
 melhor Vossas Senhorias
 e melhor possam seguir
 a história de minha vida,
 passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

2.2.3 Funções discursivo-textuais dos determinantes

Os determinantes (artigos definidos e indefinidos, pronomes possessivos e demonstrativos, pronomes indefinidos, alguns adjetivos que sofrem um processo de gramaticalização) são importantes na construção da referência, pois instruem o leitor para identificar as entidades referenciadas pelos vários SNs que têm como base um substantivo comum. Assim, Azeredo ressalta que os determinantes têm funções discursivo-textuais realizadas pela combinação variável de traços semânticos e por traços morfossintáticos. Os traços semânticos seriam: dêitico, identificador, vinculativo, remissivo, focalizador, indefinido, quantificador e interrogativo. Os morfossintáticos possíveis, ele nomeia como: variável em número, variável em gênero, plural, singular, subordinante.

Azeredo (2008, p. 134) observa que as “noções expressas pelos determinantes formam conjuntos restritos de oposições e não se referem a entidades estáveis no ‘mundo das coisas’, mas a informações apreendidas na situação discursiva ou no espaço do texto.” Esta característica dos determinantes não é compartilhada pelos numerais, pois estes têm natureza lexical e significam quantidades constantes e precisas, apesar de ocorrerem na mesma posição dos determinantes.

As funções discursivo-textuais dos determinantes serão bem exploradas quando da análise de todos os sintagmas nominais do texto de Dalcídio Jurandir, no subitem “Acompanhamento das cadeias coesivas referenciais e do fluxo informacional do texto (através dos SNs/ tópicos discursivos)”.

2.2.4 Importância dos modificadores dentro do SN

Sabemos que os sintagmas nominais estabelecem a referenciação. Verificamos que, após a base desses SNs, muitas vezes há modificadores, que são integrados ao SN e que especificam a referência de sua base na função de adjunto adnominal. Esses modificadores são sintagmas adjetivos, SAdj, constituídos por: adjetivos (sintagmas adjetivos básicos), locuções adjetivas (sintagmas adjetivos derivados, na forma de sintagmas preposicionais) e orações adjetivas (orações convertidas em sintagma adjetivo derivado por meio de um pronome relativo que funciona como transpositor).

Observamos, pela análise dos textos do *corpus*, algumas particularidades na constituição dos SNs, quanto a seus modificadores. Vimos que após a base de um SN podem aparecer, integrando a sua estrutura, vários SAdjs enumerados, separados por vírgulas. Muitas vezes são várias orações adjetivas enumeradas, dentro de um enorme SN. Isto apareceu no texto de Dalcídio Jurandir (que será estudado em 3.1.1). Esta escolha linguística tem uma função discursiva, coerente com o projeto de dizer do escritor. No caso, há vários SAdjs integrados ao SN, como adjuntos adnominais do núcleo do SN (“sr. José Américo” no exemplo 1 e “calor” nos exemplos 2 e 3). Esses SAdjs utilizados por Dalcídio vão especificar, restringir, redefinir esse homem e esse calor e, assim, referenciar e recategorizar. Nos trechos abaixo, o SN é a estrutura maior entre colchetes e os seus SAdjs aparecem entre parênteses:

- 1) [o sr. José Américo (do sertão), (da bagaceira), (dos açudes rebentados), (do coração transido diante d[os montões de homens, mulheres e crianças (esqueléticos) (e famintos) (expulsos pela seca)])]
- 2) [o calor (que entorpece) e (nos transmite uma sensação de preguiça moral, de quase gostosa prostração) (em que não mais se pode distinguir um vício de uma virtude))]
- 3) [Calor {em nada} (semelhante) [ao calor] (com que [o sr. José Américo] soltava [[gritos] em defesa d[as vítimas da seca]]) e (tentava colocar n[o seu *Bagaceira*] uma figura de mulher flagelada, a Soledade, encarnando a tragédia d[os retirantes])]

Outro fato observado foi a presença de SAdjs que aparentemente ficariam na fronteira entre adjuntos adnominais (pertencentes à estrutura de um SN) e predicativos (pertencentes à estrutura do predicado). Este caso foi frequente no segundo texto estudado, GATO GATO GATO, de Otto Lara Resende. Lá encontramos SAdjs que se distanciavam um pouco do núcleo do SN, muitas vezes separados dele por vírgulas, mas que pertenciam à estrutura do SN e tinham a função sintática de adjunto adnominal. Há vários exemplos no texto, vejamos um abaixo. A frase nominal abaixo se constitui em um grande SN, que se expande por meio de dois subsintagmas nominais. O SAdj (calado) se desgarra, por uma pausa, do SN:

1) [**Luminoso sol a pino**] e [**o imenso céu azul, (calado), sobre o quintal**]].

Esse adjetivo destacado tem alguma coisa a ver com predicativo porque ele parece ter uma temporalidade, só que neste trecho não tem. Quando o autor diz: “Luminoso sol a pino e o imenso céu azul, calado, sobre o quintal.”, aquilo é o presente, é o momento da observação. O narrador está tomando isso como aquele cenário que ele tem diante de si e que prescinde de qualquer temporalidade. A temporalidade desse cenário, desses dados descritos é o momento da enunciação. É como se o narrador estivesse assistindo e contando ao mesmo tempo. Ele não diz: “O sol luminoso estava a pino e o céu azul, calado, cobria o quintal.”. Então “calado” é um adjunto adnominal. Não é predicativo porque não há como se caracterizar uma temporalidade nele. (Predicativo tem que ter essa temporalidade, e essa temporalidade é dada pelo verbo.)

Observamos, a partir da observação desses adjetivos que se apartam, que eles podem se apartar com graus variados de afastamento. Assim, teríamos graus de integração do adjetivo na estrutura do SN. O grau máximo de integração de um adjetivo a um SN é aquele em que o adjetivo precede o substantivo:

Ex.: As confortáveis poltronas do cinema.

 ↙ grau alto de integração no SN.

Muitos adjetivos antepostos ao substantivo e continuamente empregados nessa posição acabam soldando-se ao substantivo como se fosse uma palavra composta. É o que se dá em “pobre homem”, “mera coincidência”. (O adjetivo “mero” vem sempre antes. Não há “coincidência mero”. Só se usa “mera coincidência”. Mero é um adjetivo que só se emprega com poucos substantivos, criando uma espécie de um sintagma fixo.)

Isso mostra que o posicionamento do adjetivo antes do substantivo favorece, revela uma maior integração de adjetivo na estrutura do SN e pode favorecer a montagem de sintagmas fixos como se fossem substantivos compostos, expressões cristalizadas como “bom moço”, “boa sorte”, “má ideia”. (Diz-se sempre “má ideia”. Ninguém diz “ideia má”.)

O segundo grau de integração é o adjetivo posposto ao substantivo.

E o terceiro é o adjetivo posposto ao substantivo, mas separado dele por uma pausa. É o caso de “calado”, no exemplo acima.

Assim, devemos avaliar bem nossa primeira impressão de que se temos um adjetivo que faça parte de um sintagma ele teria que estar junto, não poderia estar afastado com pausa por vírgulas ou ponto-final, pois o sintagma é uma estrutura indivisível, que não se pode separar. A realidade de uso dos adjetivos nos textos (principalmente literários) nos mostra a participação do adjetivo no SN como alguma coisa que pode aparecer com diferentes graus de integração, em 3 posições:

1º - o adjetivo anteposto ao substantivo;

2º - o adjetivo que se pospõe ao substantivo;

3º - o adjetivo que se pospõe ao substantivo separado por uma ligeira pausa.

A terceira posição é o que acontece com “calado”. Esse afastamento propicia um foco maior na significação desse adjetivo, dá destaque a ele. Isso é muito importante no texto. Tanto é que o adjetivo anteposto perde o destaque, perde um pouco da sua relevância como qualificação. Posposto, ele é muito mais relevante. Posposto e separado por pausa tem maior relevo ainda. Quando se diz: “As praias belas do Nordeste”, está se dizendo que no Nordeste há praias que são belas e praias que não são. Se se disser: “As belas praias do Nordeste”, está-se dizendo que todas as praias são belas, o que tira a relevância do adjetivo “belas”. Se o papel do adjetivo é distinguir, no momento em que ele não contribui para distinguir, ele se torna irrelevante. É o que acontece com “as belas praias do Nordeste”, porque o adjetivo está aí, mas poderia não estar, pois a contribuição dele para o significado é praticamente nenhuma. Se dizemos “as belas praias do Nordeste” ou “as praias do Nordeste”, está sendo dita a mesma coisa, já que todas são belas.

Se se dissesse: “as praias do Nordeste belíssimas”, “belíssimas” seria adjunto adnominal. Ou: “as praias do Nordeste, que são belíssimas”: o adjetivo “belíssimas” provém de uma oração adjetiva explicativa, mas se se dissesse simplesmente “as belíssimas praias do Nordeste”, você

não conseguiria dar a “belíssimas” o relevo que você dá quando este adjetivo está naquela outra posição.

Quando se coloca o adjetivo em uma posição que não é esperada, o enunciador desperta no seu ouvinte ou leitor um sentimento da diferença, da surpresa e conseqüentemente a informação dada pelo adjetivo passa a ser relevante. Foi o que Otto fez com esse “calado” e tantos outros adjetivos em seu texto. Otto chega a separar os SAdjs (como adjuntos adnominais) do núcleo do SN por ponto-final, valorizando ainda mais a informação, como no exemplo:

1) “[O mistério]. (Pessoal), (vedado aos outros).”

Essa separação dos adjetivos de seu núcleo nominal por ponto-final ou vírgula não faz parte de uma pontuação canônica. Esse recurso também é usado pelo autor em prol da construção da seqüência descritiva, como no exemplo:

2) [O pelo (do gato)] para alisar. (Limpinho), o quente contato da mão n[o dorso], (corcoveante) e (nodoso) à carícia.

Otto poderia ter dito assim: “O pelo limpinho do gato para alisar”, ou ainda: “O pelo do gato para alisar, limpinho.” Por que ele não o fez? E prosseguiu: “Limpinho, o quente contato da mão no dorso”. Porque logo em seguida, por estar limpinho, pode-se aproximar a mão e isso dá a sensação da quentura: “... o quente contato da mão, no dorso, corcoveante e nodoso à carícia”. Aqui há outra questão: “corcoveante” é um adjetivo visual (do movimento que é captado pela visão) e “nodoso” é tátil. Então ele funde o tato com o movimento: “corcoveante e nodoso à carícia”. Ao ser tocado pela mão, imediatamente o corpo do gato reage e, ao reagir, ele revela no movimento essas saliências que o enunciador chama de “nodoso à carícia”. Assim, “corcoveante” e “nodoso”, separados de “dorso” por vírgula são seus adjuntos adnominais. Otto poderia ter escrito: “no corcoveante e nodoso dorso”. Não fez essa opção por causa de “à carícia”, na seqüência.

Por isso, na análise dos textos do *corpus*, classificamos vários adjetivos distanciados do núcleo do SN como seus adjuntos adnominais e os consideramos como fazendo parte da estrutura do SN.

2.3 Os processos de referenciação

2.3.1 Introdução referencial (1ª categorização)

Ao produzirem textos, os falantes instituem os objetos-de-discurso, o que significa que “a primeira noção de referência é a de construção de referentes” (Neves, 2006, p. 75). Por isso a autora diz que o primeiro modo de referenciar textualmente é justamente o construtivo. Nesse modo, o falante usa um termo para que o ouvinte construa um referente para este termo e introduza este referente em seu modelo mental. Assim, ocorre a ativação do referente. Dependendo do relevo informacional daquele referente, ele terá apenas uma primeira menção ou poderá ser reativado e reaparecerá no texto, seja por repetição, sinonímia, pronominalização etc. Daí vem uma “segunda noção de referência, que é a de identificação de referentes” (ibidem), e o outro modo de referenciar textualmente, que é o identificador. No modo identificador, o falante usa um termo para que o ouvinte identifique um referente que já de algum modo esteja disponível, o que ocorre quando há uma fonte para a identificação.

A construção e a identificação de referentes, como primeira e segunda noções de referência, corresponde ao que a LT chama respectivamente de categorização e recategorização realizadas pelas expressões nominais, quando da sua primeira menção no texto e depois pela sua retomada anafórica, fazendo parte da coesão referencial.

2.3.2 Recategorizações de referentes

Quando ocorrem recategorizações de um referente, dizemos que o elemento que realizaria a categorização (ou construção do referente) seria o “antecedente”, e o segundo elemento que retomaria o primeiro seria o “elemento anafórico” ou anáfora, e por isso responsável pela identificação do referente e sua recategorização. Muitas vezes os dois elementos relacionados pela anáfora são textuais (ou melhor, cotextuais); porém vários estudos observaram que o chamado “primeiro elemento” poderia ser localizado na situação comunicativa ou através do conhecimento de mundo ou por associação. Assim, fez-se uma revisão do conceito generalizante de antecedente e Apothéloz (1995) propõe mais um termo: “desencadeador do antecedente”. Os processos de referenciação na recategorização podem ocorrer por anáfora direta (correferencial),

anáfora indireta (não correferencial), anáfora associativa, nominalização/encapsulamento e anáfora zero ou elíptica.

2.4 Organização tópica, fluxo informacional e condições de interpretação do sintagma nominal

No capítulo 4 da *Gramática Houaiss da língua portuguesa* (2008), Azeredo estuda a constituição interna dos textos e analisa três estratégias básicas da estruturação da informação: a referenciação, a predicação e o balizamento. Como balizamento, ele compreende a modalização e a hierarquização. Esta última é a responsável “pela distribuição dos conteúdos no interior dos enunciados segundo a relevância informacional atribuída a cada um. O enunciador pode conferir às entidades referenciadas e às predicações diferentes *status*” (p. 90). Esse *status* é discriminado pelo autor como vários tipos de informação (dada/conhecida, nova, recuperável, inferível, implícita, pressuposta), tópico e foco.

Em relação à referenciação, podemos dizer que cada texto se estrutura semanticamente em tópicos discursivos, que correspondem aos temas/referentes abordados, que se realizam na linearidade do texto através dos SNs, que são categorizados e recategorizados. Observamos que a interpretação do texto está ligada ao acompanhamento das cadeias referenciais, cada uma com seu tópico discursivo sendo trabalhado e desenvolvido através de seus respectivos SNs categorizados e recategorizados enquanto objeto-de-discurso. À medida que os SNs são recategorizados e as cadeias vão sendo formadas, observa-se paralelamente a isso o fluxo de informação. Assim, no processo de interpretação, o leitor vai percorrendo o caminho dos SNs que desenvolvem os tópicos discursivos e vai realizando um processamento cognitivo ao construir um sentido a partir das direções para as quais os SNs apontam.

Em minha dissertação de Mestrado (PEREIRA, 2001, p. 144-145), ao estudar a complementação nominal no nível da frase e do texto, fiz algumas reflexões quanto às condições de interpretação dos SNs. Observei que os SNs (aparecendo pela 1ª vez, como informação nova, ou sendo retomados, como informação dada) podem apontar para várias direções, mostrando como se dá o acesso à informação. Eles, como elementos do texto, podem apontar para um contexto discursivo, situacional ou cognitivo, o que pode se caracterizar como um:

- a) fato intratextual: um elemento do texto (o SN) aponta para outra parte do mesmo texto, como as relações anafóricas e catafóricas da coesão;
- b) fato extratextual: o SN aponta para a situação pragmática, fora do texto;
- c) fato infratextual: o SN aponta para uma estrutura sociocomunicativa e cognitiva, fazendo ativar o conhecimento de mundo, os frames, e levando a operações como os subentendidos, as inferências, as pressuposições e os implícitos;
- d) fato supratextual: o SN aponta para uma superestrutura ideológica;
- e) fato intertextual: o SN aponta para um diálogo com outro(s) texto(s). Como um tipo de fato intertextual, encontramos o fato interdiscursivo, referindo-se à “importação” de formas cristalizadas de determinados campos discursivos para o texto.

Aproveitaremos na análise dos textos estas avaliações sobre a estruturação da informação e as considerações sobre o sintagma nominal. No 1º texto analisado do *corpus*, de Dalcídio Jurandir, detalharemos o acesso à informação: para cada SN do texto registraremos se, na sua interpretação, ele aponta para outro SN, para a situação pragmática, para o conhecimento de mundo, para uma relação intertextual etc. Este detalhamento está no subitem “Acompanhamento das cadeias coesivas referenciais e do fluxo informacional do texto (através dos SNs/ tópicos discursivos)”.

3 A REFERENCIAÇÃO NO TEXTO ESCRITO

Este capítulo corresponde à parte prática da tese.

Sabemos que, em toda sociedade letrada, circulam milhares de gêneros textuais. São eles tipos de textos que atendem a distintas funções sociais e possuem um formato, um estilo e uma linguagem específicos. Será que a referenciação ocorrida nos textos de cada gênero textual de alguma forma é influenciada pelas características do respectivo gênero?

Por outro lado, sabe-se que cada texto é estruturado predominantemente conforme um modo de organização do discurso, dependendo do objetivo do autor naquela produção textual. Falemos dos modos argumentativo, narrativo e descritivo, pois correspondem aos modos predominantes dos três textos escolhidos para análise neste capítulo.

Se o autor quiser relatar experiências vividas (ou inventadas), no nível dos sentidos – o olhar, o olfato, o paladar, o toque, a audição –, ele vai descrever uma paisagem, uma pessoa, um lugar, um objeto, um processo, uma cena, uma comida, uma música etc. Seu texto será organizado pelo modo descritivo, com as características físicas (e possivelmente também psicológicas, se for um ser vivo) daquilo que se está descrevendo. O conteúdo principal do texto é o que o autor sente, vê do objeto.

Se o escritor quiser contar experiências vividas (ou inventadas), no nível da ação, por ele próprio ou por outros seres, ele vai narrar uma história. Seu texto será organizado pelo modo narrativo: com narrador, espaço (s), tempo(s), ações, personagens. Um narrador narrará os fatos ou ações (numa relação de causa e consequência) acontecidos a ele próprio (e/ou a outros personagens) ao longo de um espaço de tempo. O conteúdo principal do texto são as ações dos personagens, é o que se fez.

Se o autor quiser convencer, persuadir alguém sobre sua opinião, ele vai argumentar. O conteúdo principal do texto é o que se pensa, são as ideias discutidas. A intencionalidade está diretamente ligada à argumentatividade, à defesa de alguma tese ou à vontade de influenciar o interlocutor, o que determina a construção de um mundo textual adaptado a esse fim, conforme AZEREDO (2000, p. 46-7):

O objeto da argumentação jamais é uma coisa concreta pertencente à realidade física, como podem ser os objetos da descrição e da narração. Quem argumenta lida sobretudo com as leis do pensamento racional, fazendo

generalizações, comparando e contrapondo ideias e opiniões, explicitando causas e efeitos, formulando hipóteses, tirando conclusões. A argumentação trata seu objeto, portanto, como coisa abstrata, que existe exclusivamente como expressão verbal do raciocínio.

É sempre oportuno lembrar que narração, descrição e argumentação não são tipos de texto, mas maneiras de enunciá-lo.

Acredito que a construção das cadeias referenciais de um texto está diretamente ligada ao seu gênero textual e principalmente ao seu modo de organização do discurso. Procurarei mostrar na análise dos textos como isso ocorre. Ao fim de cada texto, apresenta-se a estatística dos SNs de cada cadeia e a análise da referenciação, onde se conjugam os dados obtidos com as intenções comunicativas e o(s) modo(s) de organização do discurso.

3.1 Análise do *corpus*: do SN à construção das cadeias referenciais do texto escrito

Na Introdução, já foi detalhada minha proposta de trabalho, objetivos e todas as etapas de análise dos textos que serão seguidas. Serão feitas agora mais algumas observações sobre detalhes importantes da descrição. Como método de trabalho, primeiramente apresentaremos cada texto do *corpus*, com a marcação **em negrito** dos sintagmas nominais que estabelecem a referenciação. Depois, na descrição dos SNs e das cadeias referenciais, eles aparecerão em negrito e entre colchetes. Os sintagmas dos textos serão apresentados da seguinte forma:

- os sintagmas nominais (SNs) aparecerão entre colchetes;
- os sintagmas adjetivais (SAdjs) integrados ao SN (e ligados ao núcleo desse SN), estarão entre parênteses;
- os sintagmas adverbiais, SAdvs, (obviamente, os que contiverem SNs) ficarão entre chaves;
- os sintagmas preposicionais (SPreps) que contenham (ou estejam contidos em) um SN aparecerão entre parênteses.

Na análise do texto de Dalcídio Jurandir, que será a mais detalhada, conforme explicado na Introdução, a primeira categorização (ou ocorrência de um SN) e depois as respectivas anáforas aparecerão registradas na descrição do SN e este registro será sublinhado, como forma

de destaque. Quando se chegar a um SN que faça a última recategorização de um tópico discursivo, isto será registrado na descrição e este registro será sublinhado e negrito. Nele estarão registrados todos os SNs que compõem a referência daquele tópico.

Todos os sintagmas nominais marcados, até mesmo os pertencentes a um sintagma maior (como no 1º texto analisado, [o Catete], SN que compõe um sintagma adverbial (SAdv), {n[o Catete]}), todos eles participam de algum modo da referência. Sabemos que alguns SNs contêm as principais informações do texto, por isso serão tópicos discursivos fundamentais e aparecerão mais, outros terão menor importância informativa e aparecerão menos, às vezes só uma vez, porém todos os SNs foram construídos (na sua estrutura sintática e escolha lexical), são objetos-de-discurso categorizados e (muitos) recategorizados em diálogo com os aspectos pragmáticos. Estes aspectos, segundo Beaugrande e Dressler (1981 apud Costa Val, 2000) são os 5 princípios constitutivos da textualidade ligados aos usuários – produtor e receptor – e à atividade comunicativa: intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade. Se a Linguística Textual nos dá este aporte, por outro lado a Análise do Discurso (Orlandi, 2006) observa as condições de produção do discurso, correspondente ao citado aspecto pragmático. Quando for pertinente, analisaremos nos textos suas condições de produção.

Estruturalmente, um texto poderia ser dividido em parágrafos, e estes, em períodos (simples e compostos) e depois em orações e sintagmas. Apesar de valorizarmos o aspecto formal e sua estruturação linguística, na construção do sentido, sabemos que os SNs devem ser analisados em paralelo ao fluxo de informação. Por outro lado, as construções e reconstruções dos SNs (como objetos-de-discurso) participam da estratégia de construção dos textos. Assim, optamos por dividir cada texto do *corpus*, conforme Azeredo (2008, p. 123), em **segmentos de sentido** (que muitas vezes não correspondem a um período ou parágrafo), a fim de descrever melhor o fluxo de informação do texto, paralelo à construção da cadeia referencial. Analisaremos os SNs em detalhes, principalmente aqueles que são mais importantes informacionalmente. Para tomar estas decisões, levamos em consideração a análise de um texto por Azeredo (2008, p. 122-123) e as considerações de Halliday e Hasan (1976)¹:

¹ Tradução do Prof. André Crim Valente, na apostila do Curso “Aspectos da textualidade e produção de sentidos”. Doutorado em Língua Portuguesa. UERJ. 1º sem. 2009. p. 1.

Um texto é melhor visto como uma unidade semântica: uma unidade não de forma mas de significado. [...] Um texto não é constituído de frases, ele é ATUALIZADO POR, ou codificado em frases. Se nós assim o entendermos, não esperaremos encontrar o mesmo tipo de integração ESTRUTURAL entre as partes de um texto como encontramos entre as partes de uma frase ou oração. A unidade de um texto é uma unidade de tipo diferente.

Acompanhando os SNs dentro dos segmentos de sentido, veremos como o enunciador realiza a progressão do texto. A maioria dos SNs destacados passa pelo processo de categorização e recategorização e irá compor as diversas cadeias referenciais dos textos. Alguns SNs aparecem apenas em uma primeira menção, e por isso não formam cadeia, já que não apresentavam relevo informacional pelo projeto de dizer do escritor. A leitura e a interpretação dos textos serão feitas através do acompanhamento de suas cadeias referenciais, para analisar como ocorre, na interação autor-leitor, a construção dos sentidos e do "mundo de nossos discursos".

3.1.1 “Só as consciências mortas deixam de gritar”: a intertextualidade na construção da referência

O primeiro texto selecionado é um recorte de jornal do Acervo Dalcídio Jurandir do AMLB (Arquivo Museu de Literatura Brasileira) da Fundação Casa de Rui Barbosa.² Trata-se de um artigo assinado por Dalcídio, publicado no jornal *Tribuna Popular*, no Rio de Janeiro, sem data. Inferimos que sua data seja [jan. 1948] pela referência, no penúltimo parágrafo, ao “grito do ‘J’accuse’”, de Émile Zola, que completava naquele mês seu cinquentenário. Recupera-se esta informação pelo conhecimento de que a carta de Émile Zola ao presidente da República francesa fora publicada em Paris no jornal *L’Aurore* no dia 13 de janeiro de 1898.

Conforme o critério estabelecido, marcamos **em negrito**, no texto transcrito abaixo, os sintagmas nominais que estabelecem a referência. Verificamos que, após a base desses SNs, muitas vezes há modificadores, que são integrados ao SN e que especificam a referência de sua base na função de adjunto adnominal. Neste texto aparecem vários SAdjs enumerados, separados

² Documento da série Publicações na Imprensa- pasta Pim DE DJ-Romancista.

por vírgulas. Esta escolha linguística tem uma função discursiva, coerente com o projeto de dizer do escritor e jornalista, como veremos adiante. Vamos ao texto.

Só as Consciências Mortas Deixam de Gritar

Os noticiários oficiais descrevem que havia **muito calor** no **Catete** quando o **sr. José Américo** leu o seu discurso. Era o **calor que entorpece e nos transmite uma sensação de preguiça moral, de quase gostosa prostração em que não mais se pode distinguir um vício de uma virtude... Calor em nada semelhante ao calor com que o sr. José Américo** soltava gritos em defesa das vítimas da seca e tentava colocar no seu *Bagaceira* uma figura de **mulher flagelada, a Soledade, encarnando a tragédia dos retirantes**. Onde é que está o **sr. José Américo do sertão, da bagaceira, dos açudes rebentados, do coração transido diante dos montões de homens, mulheres e crianças esqueléticos e famintos expulsos pela seca?** Agora o **outro sr. José Américo** prefere os **refrigerários de um acordo**, seguindo-se antes **todo um processo em que foi aos poucos perdendo aquelas vagas pontas de cactus que marcavam a sua personalidade e o faziam tornar-se um homem de certo modo digno de confiança**. Em torno de **uma mesa no Catete, o outro sr. José Américo** mandou para o diabo a sorte dos seus personagens, daqueles famintos e estropiados que explorou em sua literatura **de orador**, e baixou servilmente a cabeça.

Entretanto, pergunto, como **o nosso Machado de Assis** ao falar de sua **Capitu**, já não estará dentro **daquele sr. José Américo de ontem, o sr. José Américo de hoje?**

Dando **pancadinhas nas costas do sr. Lira, o sr. José Américo** fez de sua oratória **um salamaleque à ditadura**. Aceitou a **ditadura com todas as consequências que esta possa produzir contra o nosso povo**. Aceitou e ficou assinada **a sua abdicação**, como dizia **o velho Machado** do seu personagem **ensandecido**. Aquelas frases **inchadas sobre a fome, a violência do Estado Novo, os barracos dos morros, o “eu sei onde está o dinheiro”** pertencem a **um passado incômodo, foram loucuras da mocidade**. **O acordo tem um súbito sabor de refrigerante, faz tanto calor neste Rio, o resto é confusão e anarquia**.

Em vez dos **gritos de outrora**, deve-se cochichar, ficar de molho, contra **o calor**, na

piscina da covardia e da mentira, concluir que é lamentável, mas **o deputado Gregório Bezerra** mandou, de fato, incendiar **um quartel na Paraíba**. E **que coincidência essa**, irônica e cruel para **o sr. José Américo**: foi **a sua terra** precisamente **a escolhida** para se levantar a **infâmia**. Despindo **a vestimenta de couro do sertanejo** para enfiar **um fresco pijama dos comensais da Copa e da Cozinha**, **o sr. José Américo** engole a frase dentro de **uma taça de champanhe** e arrulha: “Agora, sim, vamos trabalhar.”

Isso para **as massas esfomeadas, espancadas, cada vez mais escravizadas**, quer dizer: vamos continuar a esfomear, ainda mais, vamos estimular **a falta de vergonha e o suborno**, **os ministérios do arroz e dos moinhos**, a dar **mais pancada**, a criar **novos SS** e a entregar **o petróleo e os minérios aos americanos**, entregar **o país a Wall Street**.

Este maldito calor diluiu **o pouco que restava ainda de “eterna vigilância”** no ilustre e malgrado **sr. José Américo**. Morna e sombria, apesar dos **refrigerantes**, foi **a solenidade em que se perpetrou o conchavo**. Foi num **clima assim de sesta, de estagnação, de espreguiçamento e torpor moral** que se escarneceu do **povo** e ao mesmo tempo ficaram fixados pelo **povo os homens que o enganam e escarnecem**. Aqui fora, pensa **o sr. José Américo**, **grita-se demais, trabalhadores nos cárceres gritam com as torturas, mulheres nos morros clamam contra os despejos, camponeses no interior gemem com as doenças e os filhos mortos de verminose e inanição, as caras na rua mostram um ríctus de fome e descontentamento insuportável**. Pelo **Brasil** afora cresce **uma miséria indiana, um atraso sinistro e um abandono** como nunca se viu. Ora, contra **isto**, para esquecer **tão feias visões, nada como um ice cream no Catete, nada como se refugiar no ar-condicionado de uma capitulação em que se pode perder a vergonha e se trair a verdade, mas se respira um silêncio total em que não mais se escutam os ecos dessa coisa terrível que é a voz do povo**.

Finalmente, **o sr. José Américo** achou que **o grito é sinal de desespero**. Como sempre, **o seu peso é grande** porque diz **isso no mês em que celebramos o cinquentenário de um grito que foi um dos momentos mais altos da dignidade humana, o grito do “J’accuse”**. Há cinquenta anos. **Émile Zola**, sem **nenhum desespero**, gritava contra **uma infâmia**, contra **os que tentavam cobrir com lama o incorruptível rosto da verdade**. Esse grito varreu a **lama** e derrotou **a reação**. Estamos fiéis a **esse grito**, sobretudo porque ainda há **muita lama** para varrer **deste nosso mundo**. Esse grito ressoa aqui fora em **todas as consciências que não abdicaram**.

E hoje só **as consciências mortas** deixam de gritar, **sr. José Américo**.

Como o texto escolhido é um artigo jornalístico assinado e nele a questão ideológica é muito presente, optarei por uma observação inicial das condições de produção do texto, por propiciar um aprofundamento maior quanto ao contexto sócio-histórico-ideológico e ao papel do enunciador enquanto sujeito no texto.

Os sujeitos envolvidos são o enunciador e o leitor. O jornal *Tribuna Popular*, sendo órgão de divulgação do PCB, dirigia-se aos trabalhadores e a militantes de esquerda. O leitor com este perfil também poderia ter acesso aos ditos jornais oficiais. O único enunciador, portanto “quem detém a fala” no seu discurso alocutivo, monitorado (Azeredo, 2008:81), é Dalcídio Jurandir, jornalista e romancista paraense que ganhara, com *Chove nos campos de Cachoeira*, em 1940, o concurso (nacional) de romances promovido pela editora Vecchi e pelo jornal literário *Dom Casmurro* e viera em 1941 ao Rio de Janeiro para tentar a carreira literária. Em Belém, desde 1935, já participava ativamente da vida intelectual da cidade, escrevendo para as revistas *Guajarina*, *A Semana*, *Terra Imatura* e *Pará Ilustrado*; em 1936, tendo participado ativamente do movimento da Aliança Nacional Libertadora – aliança direcionada pelo Partido Comunista contra o fascismo –, Dalcídio foi preso por suas ideias esquerdistas. No Rio, escreve para jornais do Partido Comunista do Brasil: trabalha em 1942 na redação do jornal *O Radical*; em 1943 é redator de *Diretrizes*, para o qual escreve artigos importantes. Em 1944, *Diretrizes* é fechado e Dalcídio passa a trabalhar no SESP, Serviço Especial de Saúde Pública, redigindo textos de programas de educação sanitária, junto a Moacir Werneck de Castro, Rubem Braga e Armênio Guedes. Nesse ano colabora no *Diário de Notícias*, no *Correio da Manhã* e na revista *Leitura*. Em 1945, participa da direção do jornal *Tribuna Popular*, colabora n' *O Jornal* e na revista *O Cruzeiro*. Em 1946, colabora no semanário *A Classe Operária*.

O contexto sócio-histórico-ideológico mostra um Brasil governado a partir do Palácio do Catete, sede do governo federal, na então capital Rio de Janeiro. Em 1947, começa a chamada “guerra fria” e o Brasil se alinha ao lado dos Estados Unidos, enquanto o PCB fica ao lado da União Soviética. “Pouco a pouco o governo brasileiro foi tomando medidas para cercear a atuação dos comunistas e estes em resposta foram radicalizando as suas posições, inicialmente contra o capital estrangeiro e o imperialismo e mais tarde contra o governo Dutra.”³ Em 10 de

³ www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes: Verbetes Temático: Partido Comunista Brasileiro - PCB

maio deste ano, o ministro da Justiça, Benedito Costa Neto, determinou o encerramento das atividades do PCB. Começa então a repressão sobre os núcleos comunistas. A polícia do Rio de Janeiro fechou cerca de seiscentas células do partido e comete um atentado contra o *Tribuna Popular* (o jornal foi assaltado de madrugada, vinte e três trabalhadores foram espancados, encarcerados e submetidos a brutal julgamento). Em janeiro de 1948, os parlamentares eleitos pelo PCB são cassados, e no dia 22 de janeiro do mesmo ano os líderes de três partidos (PSD, UDN e PR) homologaram um acordo interpartidário em apoio ao governo. Discursaram no Palácio do Catete o presidente Eurico Gaspar Dutra, Nereu Ramos (do PSD), Artur Bernardes (do PR) e José Américo de Almeida (da UDN). Foi a gota d'água.

As circunstâncias da enunciação nos mostram as motivações de Dalcídio para escrever o artigo predominantemente pelo modo de organização argumentativo: jornalista, romancista e ativista do PCB, não pôde deixar de defender sua opinião sobre as atitudes do romancista e político da UDN, José Américo de Almeida, e as do governo Dutra, justamente no mês e ano em que se comemorava o cinquentenário do “grito” corajoso do intelectual e escritor Émile Zola ao presidente francês Félix Faure. Zola escreve uma carta em que criticava a posição do governo que condenava injustamente o inocente e honrado militar Dreyfus, descendente de judeus alsacianos, acusado de traição à França, como se tivesse passado informações estratégicas para a Alemanha. “A França vivia um período de intenso antissemitismo. Armou-se uma encenação no Estado-Maior, da qual Dreyfus, atônito e surpreso, saiu preso incomunicável. O inocente foi condenado por longos anos antes que a justiça fosse feita, em julho de 1906, absolvendo-o” (Senna, 2004, “orelha”). Zola termina sua carta com uma série de parágrafos iniciados por “J'accuse” (Acuso!), onde acusa todas as pessoas e segmentos do governo envolvidos na farsa armada contra Dreyfus, e conclui dizendo (Senna, 2004, grifos nossos):

Ao fazer estas acusações, não ignoro que estou sujeito aos artigos 30 e 31 da Lei de Imprensa de 29 de julho de 1881, que pune os delitos de difamação. E é voluntariamente que me exponho.

Quanto às pessoas que acuso, não as conheço, jamais as vi, contra elas não tenho nem rancor nem ódio. Para mim, são apenas entidades, espíritos de maleficência social. E o ato que cumpro aqui é somente um meio revolucionário de acelerar a explosão da **verdade** e da **justiça**.

Só tenho uma paixão: **a paixão da luz, em nome da humanidade, que tanto tem sofrido** e que faz jus à felicidade. Meu protesto inflamado é apenas **o grito da minha alma**. Que se ouse, então, me levar à barra dos tribunais e que a investigação se faça em pleno dia!

Estou à espera.

Dignai-vos receber, **senhor** Presidente, os protestos de meu profundo respeito.

Émile Zola

O “grito da minha alma” foi a metáfora criada por Zola para representar a força ilocutória do seu gesto: escrever a carta e publicá-la no jornal correspondeu a gritar, protestar apaixonadamente por aquilo em que acreditava. Assim, o grito de Zola evoca a memória discursiva de Dalcídio, que registra em seu texto que José Américo “soltava gritos” em defesa das vítimas da seca, do sol e da aridez do sertão, as quais ele retratava em *A Bagaceira* (1930), que inaugura a segunda fase da prosa modernista: o romance regionalista. Em oposição ao José Américo da mocidade, aparece o político de “hoje” (no tempo da enunciação do texto), compactuando com o governo num dia de verão carioca, quando havia “muito calor”, segundo os noticiários oficiais. Por isso, o texto vai trabalhar seu fluxo de informação a partir dos tópicos “calor”, (n) “o Catete”, “grito”, “o Sr. José Américo”, SNs que aparecerão várias vezes e a cada recategorização incorporarão mais um traço significativo. Essas recategorizações mostram o conflito entre o ontem e o hoje, o escritor e o político. Por isso, o texto é todo estruturado em oposições e os determinantes e os modificadores dos SNs terão um papel importante na indicação do sentido. Aparecerão vários sintagmas adjetivos (SA_{adj}) incorporados ao SN, justamente para restringir e caracterizar (em oposição) como era o José Américo do passado e o “do hoje” do seu texto: como era o ambiente, o grito e o próprio José Américo. Por essa razão analisaremos também o modo descritivo na organização textual, sabendo que a descrição é construída em prol da argumentatividade do texto.

Podemos considerar que o grande apelo à descrição é na superfície textual uma intertextualidade tipológica (Koch, 2008), com Zola, grande nome do Naturalismo: o ambiente e o clima (“calor”) são a presença do meio e da natureza, maiores que o indivíduo e que (aparentemente) determinariam seu comportamento. Seria na superfície uma referência e homenagem ao escritor, a partir de um dado do texto dos noticiários oficiais (“muito calor”). Esse dado é o ponto de partida para uma resposta aos jornais de direita; verificamos, depois, que na essência a descrição é usada para compor a ironia.

A oposição “o sr. José Américo” do ontem e do hoje questiona o papel e a (in)coerência do intelectual, tema principal de outro artigo⁴ de Dalcídio. A alusão a Zola no texto é coerente com esse questionamento, participa do modo de organização argumentativo, pois mostra como o escritor naturalista defende suas ideias, mesmo indo contra o posicionamento esperável de um intelectual francês de sua época, que era o de apoiar o governo (Parini, 2007: 173):

O termo [intelectual] carrega consigo (historicamente) um sentido de oposição. Data do século XIX, e passou a ser usado durante o abominável Caso Dreyfus, quando ‘intelectuais’ tais como Émile Zola tomaram uma posição impopular contra o governo, que tinha acusado injustamente um homem de espionagem. A imprensa de direita – e a maior parte da imprensa na França no século XIX cabe bem nessa descrição – investiu contra os ‘intelectuais’, que pareciam não entender que sua função era apoiar o Estado. Intelectuais – escritores, jornalistas, professores – usualmente faziam isso. Na Rússia, certamente, qualquer grupo de tipos revolucionários via a si mesmo como ‘intelectual’ e instigou uma revolução.

Diferentemente de Zola, José Américo não sustenta seus antigos ideais e fica ao lado do governo e contra os comunistas ao assinar o acordo interpartidário. A postura de Zola e a de José Américo são temas centrais no texto e o autor recorre à intertextualidade externa com Machado de Assis para caracterizar José Américo, aproximando o mesmo do ensandecido personagem Rubião, de *Quincas Borba*, que “se coroa” e morre. Dalcídio se apoia nos intertextos para construir sua tese: José Américo assina o acordo e “está assinada sua abdicação”, ou seja, sua morte enquanto intelectual que “grita”. Há também um intertexto com Anatole France, que completa o entendimento da tese: este nos funerais de Zola faz uma declaração que ficou para a história: “‘J’accuse’ representou um momento da **consciência** humana.” (Senna, 2004:24, grifo nosso). Assim, grito e consciência, no texto, estão interligados. Se José Américo não “grita” mais, ele agora é uma “consciência morta”.

O conhecimento (de mundo) sobre a declaração de Anatole é que nos permite recuperar a informação e entender o intertexto, no título e na conclusão. Neste caso, o recurso da intertextualidade vai além de um superficial diálogo de textos ou incorporação de vozes, pois participa da construção da estrutura textual argumentativa e da construção dos tópicos

⁴ JURANDIR, Dalcídio. Os escritores e a resistência. *Literatura*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 8, mar. 1948.

discursivos. Relacionados à alusão a Zola, e associados à questão da consciência (do intelectual), estão o questionamento da imprensa oficial, de direita, apoiando o governo, a defesa da verdade e da justiça através do grito, “em defesa da humanidade que tem sofrido”. Todos esses temas aparecerão nos tópicos discursivos do texto. Vamos a eles.

3.1.1.1 Acompanhamento das cadeias coesivas referenciais e do fluxo informacional do texto (através dos SNs / tópicos discursivos)

Em ligação com a progressão ou a manutenção referencial, formadas pelas cadeias referenciais, vai sendo construída a progressão ou a manutenção tópica, que sustenta a organização informativa e dirige o fluxo de informação. Farei o acompanhamento tópico e a observação da acessibilidade aos vários tipos de informação, conforme Azeredo (2008).

TÍTULO:

O título “Só **as consciências mortas** deixam de gritar” não é uma frase nominal, como normalmente se vê em um título. Constitui-se como uma frase declarativa afirmativa, apresenta uma opinião, um juízo de valor, construído pelas seguintes estruturas:

- o marcador de foco “só” caracteriza-se por estar na fronteira de um sintagma, no caso, antes do SN [**as consciências mortas**], para focalizar e delimitar a referência, mostrando uma apreciação do enunciador (exclusivamente as consciências mortas) e permitindo o entendimento de uma informação pressuposta (há consciências que não estão mortas);
- o SN, que tem como base o substantivo “consciências”; como determinante, o artigo definido feminino plural “as” realiza uma determinação remissiva e identificadora, pois a informação é recuperável ao leitor a partir do conhecimento de mundo (prévio ao texto) do que seja “consciências”; o modificador “mortas”, SAdj, parece apresentar uma adjetivação insólita: se está morta como seria consciência? Quando o núcleo do SN é um substantivo abstrato, normalmente derivado de adjetivo qualificador (“consciente”), ele tem valor avaliativo (como

destaca Azeredo, 2008, p. 241). Assim, mostra a apreciação do enunciador: não são consciências “vivas”, parecem ser. “Consciências mortas”, assim, é diferente de “inconsciência”, pois a última é a falta ou inexistência de consciência, a primeira pressupõe que aparenta vida (mas não tem) ou que um dia já foi uma consciência viva, atuante e hoje parece morta ou “adormecida”, disparando possíveis associações e construções de sentido para o leitor;

- a predicação “deixam de gritar” predica ou fala sobre a referenciação: exclusivamente as consciências que estão mortas deixam de gritar. “Deixar de” permite uma informação pressuposta: um dia as consciências gritaram (ou: consciências vivas gritam). Estabelece-se, assim, uma relação significativa entre “consciência” e “grito”. Como diz Marcuschi (2007, p. 135), as “representações mentais não são fixas, pois elas emergem na interação, são negociadas e móveis. [...] um item lexical pode dar origem a uma série de associações e ser a entrada para a ativação de um amplo domínio cognitivo.”

Ao longo do texto, vários tópicos discursivos serão construídos sobre “grito”; sua presença ou sua ausência (como o “silêncio total” no Catete ou o engolir a frase por José Américo) poderão ser relacionados a “consciência viva” ou “consciência morta”, o ontem, o “hoje”, até se chegar ao penúltimo parágrafo onde a alusão à carta de Zola, o “J’accuse”, permitirá uma informação inferida, caso o leitor tenha esse episódio da história (já citado aqui) como parte de seu conhecimento de mundo. Se assim for, poderá retomar a leitura do texto e ressignificá-lo (desde o título) a partir da intertextualidade com “J’accuse” e com a declaração de Anatole France de que o texto de Zola “representou um momento da **consciência** humana.” (Senna, 2004, p. 24, grifo nosso).

Podemos afirmar, então, que Dalcídio vai construindo sua estratégia textual passo a passo através das categorizações e recategorizações dos SNs, também por suas predicações, e ao fim oferece uma “porta” ao leitor (o intertexto com Zola), como se perguntasse à moda de Drummond: “Trouxeste a chave?”. Quem enxergar o intertexto, “abre a porta” e pode construir o sentido.

PRIMEIRO SEGMENTO DE SENTIDO:

Sabemos que os SNs devem ser analisados em paralelo ao fluxo de informação. Por outro lado, as categorizações e recategorizações dos SNs (como objetos-de-discurso) participam da estratégia de construção do texto argumentativo. Assim, conforme explicado em 3.1, optamos por dividir o texto em **segmentos de sentido** (que muitas vezes não correspondem a um período ou parágrafo), a fim de descrever melhor o fluxo de informação do texto, paralelo à construção da cadeia referencial. Analisaremos todos os SNs em detalhes. O maior ou menor detalhamento será proporcional à importância informacional de cada SN.

Acompanhando os SNs dentro dos segmentos de sentido, veremos como o enunciador realiza a progressão do texto e desenvolve o raciocínio lógico, característico do modo argumentativo.

O primeiro segmento de sentido do texto é o trecho que corresponde ao primeiro período composto, uma declaração de tom aparentemente neutro, com 5 SNs (em negrito): “**Os noticiários oficiais** descrevem que havia **muito calor no Catete** quando **o sr. José Américo** leu **o seu discurso.**”

Essa declaração, ressaltando um dado descritivo do texto dos noticiários oficiais (“muito calor no Catete”), é o ponto de partida para a construção de uma “resposta” (ao que foi noticiado pelos jornais de direita) e para a construção da argumentação. Ao escrever “Os noticiários oficiais descrevem que”, Dalcídio informa que aquele era o discurso de outros enunciadores, dos outros jornais (e não o dele, não era assim o seu mundo conhecido). Trazer para seu texto o discurso de outros é uma forma de dialogar com eles e justificar a produção do seu discurso.

Conforme critério estabelecido em 3.1, apresentarei, abaixo, os SNs com numeração que obedece à ordem em que aparecem no texto, os SNs aparecerão entre colchetes, os SAdjs integrados ao SN estarão entre parênteses, os SAdv (que contenham um SN) ficarão entre chaves e os SPreps que contenham (ou estejam contidos em) um SN aparecerão entre parênteses. No texto de Dalcídio,

- a primeira categorização (ou ocorrência de um SN) e depois as respectivas anáforas aparecerão registradas na descrição do SN e este registro será sublinhado, como forma de destaque;

- quando se chegar a um SN que faça a última recategorização de um tópico discursivo, isto será registrado na descrição e este registro será sublinhado e negrito. Nele estarão registrados todos os SNs que compõem a referência daquele tópico.
- 1) **[Os noticiários (oficiais)]**: o núcleo ou base do SN (o substantivo “noticiários”) é precedido de um determinante identificador e remissivo: é usado o artigo definido masculino plural, pois o enunciador considera que isso seja uma informação recuperável da realidade, conhecida do leitor: os jornais que circulavam no Rio. O SAdj “oficiais” restringe a referência: só os jornais que eram oficiais, que veiculavam a ideologia governista. Este SAdj permite também o acesso a uma informação pressuposta: há noticiários não oficiais; desse lugar (de um desses não oficiais, de esquerda), fala o enunciador do texto.

 - 2) **[muito calor]**: o determinante “muito” é um pronome indefinido que indica uma quantidade intensa mas indefinida; é uma forma de descrição do ambiente, do clima. Este tópico discursivo aparece pela primeira vez no texto: “havia muito calor no Catete...”. O uso do verbo haver, com sentido de existir, ao invés de “fazia”, pressupõe a existência de um ser (animado ou inanimado) que tem existência concreta, como se “muito calor” fosse uma alegoria de uma força poderosa da natureza.

 - 3) **{N[o Catete]}**: o sintagma nominal faz parte do SAdv {no Catete}, local onde havia calor quando José Américo leu seu discurso. O SN aparece pela primeira vez no texto, porém o artigo, definido, remete o leitor a uma informação conhecida: o “Catete” refere-se metonimicamente ao Palácio do Catete, sede do governo federal de então. O SAdv situa inicialmente “o sr. José Américo”, informação importante no texto, pois Dalcídio explorará no texto vários deslocamentos de José Américo no espaço (e no tempo).

- 4) **[o sr. José Américo]**: Segundo Azeredo (2008), os “nomes próprios têm o poder de ativar na memória enciclopédica do leitor um referente único e inconfundível.” Aqui a referência é a José Américo de Almeida, conhecido pelo olhar do senso comum como famoso romancista e político paraibano. Por isso, o artigo definido: “sabe-se” quem ele é. “Sr.” é uma abreviação do pronome de tratamento “senhor”, usada desta forma normalmente em correspondências oficiais. Denota formalidade e um afastamento entre o enunciador e “José Américo”. Lembra, também, o tratamento de Zola ao presidente francês em sua carta. É a primeira vez que aparece no texto este tópico discursivo.
- 5) **[o seu discurso]**: o pronome “seu” estabelece uma determinação dêitica (terceira pessoa do discurso), remissiva (relação anafórica, remete ao SN anterior, o de número 4, para entendermos seu significado) e vinculativa: é o discurso dele, que o sr. José Américo leu. O uso do verbo “leu” também mostra um tom neutro do enunciador neste momento da enunciação.

SEGUNDO SEGMENTO DE SENTIDO:

Relembrando o trecho citado de Azeredo (2008, p. 238-239): “Um dado objeto do mundo real ou imaginário pode [...] ser designado por uma infinita variedade de representações, segundo as relações do enunciador com esse objeto e segundo as motivações e as [...] peculiaridades comunicativas do evento discursivo — e do texto — em questão”, podemos observar, desde o primeiro parágrafo, como a descrição também integra e realiza o objetivo do texto na construção do mundo daquele discurso. A descrição do primeiro segmento de sentido era aquela utilizada pelos jornais oficiais: uma descrição superficial, da exterioridade. A descrição realizada por Dalcídio a partir do segundo segmento não compõe um cenário, mas busca uma análise do “objeto” “calor” e conseqüentemente de José Américo: para isso já traz duas recategorizações do SN e objeto-de-discurso [muito calor] e revela outros sentidos pela ótica do jornalista paraense. Os SAdjs integrados ao SN, como elementos modificadores, redefinem “calor”, que aparecera inicialmente de forma neutra.

O segundo segmento de sentido compreende o segundo e terceiro períodos compostos do texto, em que Dalcídio passa a uma caracterização mais psicológica: “Era **o calor que entorpece e nos transmite uma sensação de preguiça moral, de quase gostosa prostração em que não mais se pode distinguir um vício de uma virtude... Calor em nada semelhante ao calor com que o sr. José Américo soltava gritos em defesa das vítimas da seca e tentava colocar no seu *Bagaceira* uma figura de mulher flagelada, a Soledade, encarnando a tragédia dos retirantes.**”

Em cada um desses dois períodos compostos há um enorme SN entre colchetes, com coocorrência de SAdjs integrados a ele, como adjuntos adnominais do núcleo do SN (“calor”). Esses SAdjs utilizados por Dalcídio vão especificar, restringir, redefinir esse calor e, assim, referenciar e recategorizar pelo seu projeto de dizer:

- 6) **[o calor (que entorpece) e (nos transmite uma sensação de preguiça moral, de quase gostosa prostração) (em que não mais se pode distinguir um vício de uma virtude)]**: entre parênteses estão as orações adjetivas feitas sintagmas adjetivos pela ação do transpositor “que”, pronome relativo que aparece no primeiro SAdj e que está elíptico no segundo SAdj, já que existe o paralelismo sintático (já marcado pela conjunção coordenativa aditiva), que torna sua presença opcional. A terceira oração, transformada em SAdj, é iniciada por “em que” e especifica [quase gostosa prostração]. Este grande SN pode ser identificado em relação com aquele do primeiro segmento de sentido: [muito calor] (n. 2). Ocorre uma anáfora nominal, por isso o uso do artigo definido singular: a informação é recuperável, pois já apareceu antes no texto. Aqui o calor é um agente (como se fosse um ser) responsável pelas ações de entorpecer, transmitir uma sensação de preguiça moral, de quase gostosa prostração. É coerente que os definidores sejam SAdjs derivados: são orações pois os traços que definem o calor não são simples qualidades e sim as ações que ele realiza. A caracterização do calor, aqui “personificado”, se dá pelas ações que constituem um gradativo processo de destruição da consciência: entorpece (= anestesia) → transmite sensação de preguiça moral → (sensação) de quase gostosa prostração → não se pode mais distinguir um vício de uma virtude (= resultado da ação do calor: perda da consciência).

- 7) [**Calor {em nada} (semelhante) [ao calor] (com que [o sr. José Américo] soltava [[gritos] em defesa d[as vítimas da seca]] e (tentava colocar n[o seu *Bagaceira* uma figura de mulher flagelada, a Soledade, encarnando a tragédia d[os retirantes])**].]: mais uma recategorização do objeto-de-discurso: começa de maneira genérica (“calor”, sem artigo) e depois especifica, comparando a um outro calor, delimitando a referência pela negação do atributo: não é semelhante, em nada (SAdv: em nenhum aspecto), a um calor antigo, opondo o “agora” da enunciação ao passado. O calor do romancista era bem diferente do calor do ambiente do político, no Catete. Dentro do segundo sintagma adjetivo, que é o derivado (a oração adjetiva transposta), temos uma estrutura de SN reiterada: “o sr. José Américo”, que aparece pela segunda vez no texto, da mesma forma. A predicação neste caso é que revela: ele “**soltava gritos em defesa das vítimas da seca**” e “**tentava colocar no seu *Bagaceira* uma figura de mulher flagelada, a Soledade, encarnando a tragédia dos retirantes**”. As ações realizadas no passado são positivas, porém a escolha lexical dos verbos — “soltava (gritos)” e “tentava (colocar)” — mostra um posicionamento já depreciativo ou desconfiado por parte do enunciador.

TERCEIRO SEGMENTO DE SENTIDO:

Depois das recategorizações do calor — forma indireta de se referir a José Américo e traçar um perfil de comportamento a partir do meio —, o enunciador passa a um questionamento sobre “o sr. José Américo”, de forma direta, opondo sua caracterização ao longo do tempo (no ontem e no hoje) — seja pelos SNs com vários SAdjs integrados, seja pela predicação — e reconfigurando esse objeto-de-discurso.

O terceiro segmento é: “Onde é que está **o sr. José Américo do sertão, da bagaceira, dos açudes rebentados, do coração transido diante dos montões de homens, mulheres e crianças esqueléticos e famintos expulsos pela seca?** Agora **o outro sr. José Américo** prefere **os refrigerios de um acordo**, seguindo-se antes **todo um processo em que foi aos poucos perdendo aquelas vagas pontas de cactus que marcavam a sua personalidade e o faziam**

tornar-se um homem de certo modo digno de confiança. Em torno de **uma mesa no Catete, o outro sr. José Américo** mandou para o diabo **a sorte dos seus personagens, daqueles famintos e estropiados que explorou em sua literatura de orador**, e baixou servilmente **a cabeça**.

Entretanto, pergunto, como **o nosso Machado de Assis** ao falar de **sua Capitu**, já não estará dentro **daquele sr. José Américo de ontem, o sr. José Américo de hoje?**”

Neste terceiro segmento de sentido, há uma busca pela identidade de José Américo e por sua postura antiga, como se ele tivesse uma nova face ou faceta, como se “hoje” fosse “outro”. Quem seria José Américo? Dalcídio desorienta a imagem do senso comum de intelectual, romancista e político bem-sucedido ao adjetivar o nome próprio “José Américo” e recategorizar esse objeto-do-discurso. Normalmente, conforme observa Azeredo (2008: 239) os “nomes próprios têm o poder de ativar na memória enciclopédica do leitor um referente único e inconfundível. Já os nomes comuns se referem a classes de seres ou a noções gerais, por isso a construção da referência por meio deles depende sempre de condições ou procedimentos complementares.” Enfim, podemos dizer que Dalcídio questiona a “unidade” do ser “José Américo”. Vejamos:

- 8) [**o sr. José Américo (do sertão), (da bagaceira), (dos açudes rebentados), (do coração (transido) (diante d[os montões de homens, mulheres e crianças (esqueléticos) (e famintos) (expulsos pela seca))]**): neste grande SN encontramos a coocorrência de sintagmas preposicionais (SPreps) que funcionam como SAdjs delimitando o nome próprio “José Américo”, os quais novamente recategorizam o objeto-de-discurso “José Américo” (estabelecendo a anáfora com os SNs de número 4 e 7). Os sintagmas adjetivos são derivados, portanto locuções adjetivas (preposição + SN) que realçam não só a origem, procedência ou temática do escritor (do sertão, da bagaceira, dos açudes rebentados), como também a sua emoção (do coração transido diante dos montões de homens etc etc expulsos pela seca). Dalcídio perguntava onde é que estava aquele José Américo do passado, já que, segundo Jurandir, existe um outro, diferente.

O SN [**os montões de homens, mulheres e crianças esqueléticos e famintos expulsos pela seca**] recategoriza e remete a dois SNs anteriores, do segundo segmento de sentido (número 7), por anáfora lexical: [as vítimas da seca], precedido de

preposição (de), compondo o complemento nominal de “defesa”, e **[os retirantes]**, precedido da preposição de, compondo o adjunto adnominal de “tragédia”.

- 9) **[o outro sr. José Américo]**: neste SN temos dois determinantes: “o” e “outro”. O artigo definido ajuda na identificação: remete a SNs anteriores em que José Américo é o tópico discursivo. “Outro” é um determinante remissivo por oposição: não é o sr. José Américo que acabamos de ler nos dois últimos tópicos recategorizados: o do sertão, da bagaceira... ou o que soltava gritos em defesa das vítimas da seca... É um diferente: “outro” remete à primeira categorização desse tópico: “o sr. José Américo” que leu o seu discurso no Catete e àquele sobre o qual se predica: “prefere os refrigerios de um acordo”.
- 10) **[os refrigerios (de [um acordo])]**: é o SN complemento verbal de “prefere”, é aquilo que o político José Américo prefere no “hoje” da enunciação: os refrigerios, as vantagens de um acordo. “Refrigerios” se opõe a “calor” e “seca”. O sintagma nominal [um acordo] é informação nova no texto, por isso o uso do artigo indefinido. Tratava-se de um acordo interpartidário, em apoio ao governo do Palácio do Catete.
- 11) **[todo um processo (em que *foi aos poucos perdendo [aquelas vagas pontas de cáctus (que marcavam a sua personalidade) (e o faziam tornar-se [um homem de certo modo digno de confiança])])]**: Dalcídio ressalta que, de escritor que soltava gritos até político que preferia os refrigerios de um acordo, seguiu-se todo um processo, especificado por 3 SAdjs derivados, em que José Américo vai perdendo seus traços de personalidade que o identificavam com o sertão, com as vítimas da seca, traços referenciados no SN [aquelas (vagas) pontas (de cáctus) ...], o qual por anáfora associativa nos remete aos SAdjs dentro do SN de número 8: “do sertão, da bagaceira” etc. Há uma anáfora elíptica, registrada aqui pelo apóstrofo antes de “foi”. Quem foi aos poucos perdendo...? “O sr. José Américo”, aquele antigo, do SN de número 8: “o sr. José Américo do sertão, da bagaceira...”. Os pronomes em “sua personalidade” e “o faziam” estão em relação anafórica com o

referente da elipse, que é o mesmo SN número 8 citado. O SN [**um homem de certo modo digno de confiança**] tem muito mais um valor atributivo do que referencial.

- 12) {Em torno de [**uma mesa (no Catete)**]}: o SAdv começa o período pois o local onde “José Américo mandou para o diabo a sorte dos seus personagens” é fundamental, o SN [uma mesa (no Catete)] remete por anáfora associativa ao SN de número 3 do primeiro segmento de sentido: “N[o Catete]”, onde havia “muito calor”. O SN [uma mesa (no Catete)] não referencia apenas um móvel que é parte do Palácio do Catete, sede do governo federal, mas o local “de trabalho” dos políticos, de assinatura do acordo interpartidário, que transforma o escritor em “o outro José Américo”. O determinante é “uma” por ser a primeira referência no texto a “mesa”. O substantivo “mesa” ajuda a definir a referência: Dalcídio refere-se metonimicamente ao Palácio do Catete e não ao bairro.
- 13) [**o outro sr. José Américo**]: reiteração do SN de número 9, onde já descrevemos a função dos determinantes.
- 14) [**a sorte (d[os seus personagens]), (d[aqueles famintos e estropiados (que explorou em [sua literatura (de orador)])])**]: já que o romance regional apresentava uma preocupação com a crítica social, Dalcídio aqui funde duas imagens: a da ficção e a da “realidade”, relacionando as vítimas da seca aos personagens de José Américo: assim Dalcídio não só estabelece relação anafórica com os SNs de número 7 e 8 (finalizando a progressão do tema discursivo “vítimas da seca”), como também mostra que não há coerência nos discursos de José Américo enquanto escritor e político, já que, num ato político, “mandou para o diabo a sorte dos personagens”. Nos SNs [os seus personagens] e [sua literatura (de orador)], os determinantes indicam a relação anafórica com os SNs de número 7, 8 (o artigo definido “o” indica que já se sabia a quem correspondia esses personagens) e com o SN 13, pois “seus” e “sua” remetem ao “outro sr. José Américo”. Associar “personagens” ao outro José Américo (o político) e atribuir o SAdj “de orador” à base nominal “literatura” já indicia que as “duas faces” estão relacionadas, como se

sua literatura fosse “de orador”, coisa de político, o que será explicitado no intertexto, a seguir, com Machado de Assis.

- 15) {como [**o nosso Machado de Assis**]}: o SAdv entre chaves estabelece a relação comparativa entre o enunciador do texto e Machado; é uma forma de marcar na linguagem que Dalcídio recorrerá ao intertexto, trazendo uma nova voz para o artigo jornalístico. Os determinantes do SN mostram a relação vinculativa e remissiva de “Machado de Assis” com os participantes da situação comunicativa: o grande escritor é informação conhecida e partilhada entre o enunciador e o leitor do texto: por isso “o” (aquele, conhecido) e “nosso” (dos dois: Dalcídio e o leitor).
- 16) [**sua Capitu**]: o determinante vinculativo “sua” indica a relação anafórica com o SN número 15: é a referência pelo nome da personagem (Capitu), de nosso Machado de Assis, acusada de traição pelo marido e narrador do romance *Dom Casmurro*. Neste romance, o narrador afirma que já havia em semente na menina Capitu a dissimulação da mulher Capitu. Da mesma forma, Dalcídio indaga se dentro do escritor já não estaria o homem político.
- 17) {dentro d[**aquele sr. José Américo (de ontem)**]}: o SAdv mostra o lugar onde já existiria a “semente do político”. O SN se refere ao José Américo escritor, especificação dada pelo sintagma preposicional que funciona como SAdj: “de ontem”, o do sertão, da bagaceira, o que estabelece uma anáfora por associação aos SNs de número 7 e 8.
- 18) [**o sr. José Américo (de hoje)**]: o sintagma preposicional funcionando como SAdj, “de hoje”, indica que a referência é ao José Américo político (aquele dos SNs de número 4, 9 e 13).

QUARTO SEGMENTO DE SENTIDO

Neste segmento, não há dúvidas, questionamentos ou perguntas retóricas sobre José Américo por parte do enunciador. Não há mais a oposição “ontem” X “hoje”, ele não é mais bipartido em “um” e “outro”, pelos deslocamentos no tempo e no espaço (sertão X Catete). No quarto segmento, Dalcídio interpreta, julga os últimos procedimentos do político em que José Américo se transformou: não há mais resquícios de “gritos” ou de dignidade da parte do intelectual escritor.

Neste quarto segmento, encontra-se a tese: **“o sr. José Américo fez de sua oratória um salamaleque à ditadura. Aceitou a ditadura com todas as consequências que esta possa produzir contra o nosso povo. Aceitou e ficou assinada a sua abdicação”**. O intertexto é fundamental para a construção e compreensão da tese, como já foi explicado e também aparecerá na descrição do SN 26, a seguir.

O quarto segmento é: **“Dando pancadinhas nas costas do sr. Lira, o sr. José Américo fez de sua oratória um salamaleque à ditadura. Aceitou a ditadura com todas as consequências que esta possa produzir contra o nosso povo. Aceitou e ficou assinada a sua abdicação, como dizia o velho Machado do seu personagem ensandecido. Aquelas frases inchadas sobre a fome, a violência do Estado Novo, os barracos dos morros, o “eu sei onde está o dinheiro” pertencem a um passado incômodo, foram loucuras da mocidade. O acordo tem um súbito sabor de refrigerante, faz tanto calor neste Rio, o resto é confusão e anarquia.**

Em vez dos **gritos de outrora**, deve-se cochichar, ficar de molho, contra o **calor**, na **piscina da covardia e da mentira**, concluir que é lamentável, mas o **deputado Gregório Bezerra** mandou, de fato, incendiar **um quartel na Paraíba**. E **que coincidência essa**, irônica e cruel para o **sr. José Américo**: foi **a sua terra** precisamente **a escolhida** para se levantar **a infâmia**. Despindo **a vestimenta de couro do sertanejo** para enfiar **um fresco pijama dos comensais da Copa e da Cozinha**, o **sr. José Américo** engole **a frase** dentro de **uma taça de champanhe** e arrulha: “Agora, sim, vamos trabalhar.”

Isso para as massas esfomeadas, espancadas, cada vez mais escravizadas, quer dizer: vamos continuar a esfomear, ainda mais, vamos estimular **a falta de vergonha e o suborno**, os **ministérios do arroz e dos moinhos**, a dar **mais pancada**, a criar **novos SS** e a entregar o **petróleo e os minérios aos americanos**, entregar **o país a Wall Street**.

Este maldito calor diluiu o pouco que restava ainda de “eterna vigilância” no ilustre e malogrado sr. José Américo. Morna e sombria, apesar dos refrigerantes, foi a solenidade em que se perpetrou o conchavo. Foi num clima assim de sesta, de estagnação, de espreguiçamento e torpor moral que se escarneceu do povo e ao mesmo tempo ficaram fixados pelo povo os homens que o enganam e escarnecem. Aqui fora, pensa o sr. José Américo, grita-se demais, trabalhadores nos cárceres gritam com as torturas, mulheres nos morros clamam contra os despejos, camponeses no interior gemem com as doenças e os filhos mortos de verminose e inanição, as caras na rua mostram um ríctus de fome e descontentamento insuportável. Pelo Brasil afora cresce uma miséria indiana, um atraso sinistro e um abandono como nunca se viu. Ora, contra isto, para esquecer tão feias visões, nada como um *ice cream* no Catete, nada como se refugiar no ar-condicionado de uma capitulação em que se pode perder a vergonha e se trair a verdade, mas se respira um silêncio total em que não mais se escutam os ecos dessa coisa terrível que é a voz do povo.”

- 19) {Dando [pancadinhas] {n[as costas (d[o sr. Lira])}}}: os SNs entre colchetes aparecem pela primeira e única vez neste texto.
- 20) [o sr. José Américo] : o artigo remete à informação recuperável no texto, informação já dada: é o outro José Américo, aquele dos SNs de número 4, 9, 13 e 18, com os quais este SN 20 tem relação anafórica.
- 21) [sua oratória]: o determinante vincutivo indica a relação anafórica com o SN 20: é a oratória do sr. José Américo, que o próprio transforma em “um salamaleque à ditadura”.
- 22) [um salamaleque (a[a ditadura])]: todo o sintagma tem valor atributivo: “salamaleque” representa a reverência de José Américo à ditadura.

- 23) *Aceitou [**a ditadura**]: o SN é complemento verbal de “aceitou”. Ocorre uma anáfora elíptica na posição do sujeito de “aceitou”. O SN 23 retoma anaforicamente o SN [a ditadura] em 22.
- 24) {com [**todas as consequências (que [esta] possa produzir contra [o nosso povo])**]}: o SAdv mostra tudo que acompanha a ditadura (e que foi aceito por José Américo); “esta” é a ditadura, retomada do SN 23. O SN [o nosso povo] aparece pela primeira vez no texto; “nosso” está vinculado ao produtor e ao leitor do texto.
- 25) * Aceitou * e ficou assinada a sua abdicação: há duas anáforas elípticas como sujeito e complemento verbal de “aceitou”: ao SN 20, [o sr. José Américo], e ao SN 23, [a ditadura].
- 26) [**a sua abdicação**]: o SN estabelece o intertexto com o romance *Quincas Borba*: “estava assinada a abdicação”. No romance, este trecho corresponde ao momento da morte de Rubião e “perda da coroa”. Depois de se coroar com a inexistente coroa imperial, o personagem agoniza e morre. Dalcídio constrói, a partir do intertexto, a sua tese sobre o romancista José Américo: depois de José Américo aceitar a ditadura através do acordo, a sua abdicação (de José Américo, SN 20) ficou assinada: foi a morte do José Américo “de ontem” e a desgraça do povo. “Sua” indica a relação anafórica com o SN 20.
- 27) {como dizia [**o (velho) Machado**]}: o SAdv estabelece o paralelo entre a voz do enunciador e a do escritor Machado de Assis, marcando o intertexto e conferindo autoridade aos argumentos de Dalcídio. No SN 27 dentro do SAdv, os determinantes “o” e “velho” mostram que a referenciação é facilmente identificada: pertence ao conhecimento partilhado entre enunciador e leitor, além de poder ser recuperada no texto, pela anáfora com o SN 15: [o nosso Machado]. “Machado”, como nome próprio, criador dos personagens citados, não deixa dúvidas quanto ao seu referente.

- 28) (d[o seu personagem ensandecido]): o SN aparece dentro do SPrep, apresenta relação anafórica com o SN em 27; aqui a referência é definida pela característica (“ensandecido”) do personagem de Machado: Rubião, do romance *Quincas Borba*. Existe a anáfora aos SNs 16 e 15. “Sua Capitu” é a personagem do “nosso Machado de Assis”. Aqui se completa a recategorização do tópico “Machado de Assis” (SN 15).
- 29) [Aqueles frases (inchadas) (sobre [a fome], [a violência (d[o Estado Novo])], [os barracos (d[os morros])], [o “eu sei onde está o dinheiro”)]]: os determinantes indicam a relação anafórica por associação com [[gritos] em defesa d[as vítimas da seca]], do SN de número 7.
- 30) (a [um passado * incômodo]): o SPrep é o complemento verbal de “pertencem”; no SN a anáfora zero marca que o passado incômodo é de José Américo, o que estabelece a referência com o José Américo “de ontem”, especificado nos SNs 7 e 8. Para o José Américo de “hoje”, seu passado é incômodo.
- 31) [loucuras (d[a mocidade])]: sintagma de valor atributivo em relação ao SN 29 [aquelas frases inchadas...].
- 32) [O acordo]: o determinante indica que é informação conhecida: é uma anáfora do SN 10, [os refrigerios (de um acordo)].
- 33) [um (súbito) sabor (de refrigerante)]: é o sabor do acordo. Aqui o sintagma preposicional que funciona como SAdj é o determinante que estabelece a recuperação da informação: “de refrigerante” estabelece a relação anafórica associativa com o SN 10 do terceiro segmento de sentido: [os refrigerios (de um acordo)]. O uso do SAdj “súbito” também é significativo: é um repentino e inusitado sabor de refrigerante, algo que refresca, que destrói o calor (como aquele do sertão, do passado incômodo de gritos de José Américo).

- 34) [**tanto calor**]: ao escrever que “faz tanto calor neste Rio”, Dalcídio está sendo altamente irônico, e relaciona o calor do Catete com SNs anteriores, realizando a anáfora com os SNs de número 2, [muito calor], 6, [o calor (que entorpece...)], e 7, [Calor {em nada} (semelhante)....].
- 35) {n[**este Rio**]}: o SAdv indica o local de tanto calor: o Rio de Janeiro. O determinante do SN indica que Rio é informação recuperável pelo conhecimento de mundo partilhado: pertence ao contexto situacional do enunciador e do leitor de um jornal do Rio (e provável morador da cidade).
- 36) [**o resto**]: por associação, compreendemos o uso do determinante “o”, artigo definido: as atitudes que não são típicas dos palacianos: as antigas atitudes do sr. José Américo de ontem, como seus **[[gritos] em defesa d[as vítimas da seca]] e [aquelas frases inchadas...]**, havendo uma anáfora associativa com os SNs 7 e 29, e aos gritos e à situação do povo, que aparecerão em SNs a seguir (74 a 87).
- 37) [**confusão e anarquia**]: aqui o SN aparece com função atributiva, é como o enunciador acredita que o sr. José Américo veja todas as atitudes e reivindicações de quem está fora do Palácio do Catete: como confusão e anarquia.
- 38) {Em vez d[**os gritos (de outrora)**]}: o SN entre colchetes remete a **[[gritos] em defesa d[as vítimas da seca]]**, parte do SN 7, e ao SN 29, atitudes do sr. José Américo “de ontem”.
- 39) (contra [**o calor**]): o SN aparece dentro do SPrep. O enunciador diz que “deve-se cochichar, ficar de molho, contra **o calor**”. Aqui calor assume duplo sentido: não é só o calor do Rio no mês de janeiro, mas também o calor que lembra sertão, o calor dos gritos de outrora de José Américo, que deve ser evitado por quem fica ao lado do governo (“deve-se” é a modalização irônica: não é a concepção do enunciador sobre a declaração, é o oposto: é aquilo que o enunciador acha que seja a postura dos

governistas, oposta à de Dalcídio). Dalcídio continua a ironia e estabelece a anáfora com o SN 34: [tanto calor]. O calor se opõe aos “refrigérios de um acordo”.

- 40) {n[a piscina (d[a covardia]) e (d[a mentira])]}:** o SAdv corresponde ao local onde se deveria ficar de molho. Como refrigério se relaciona com “acordo”, pode-se concluir que “a piscina” refere-se ao Catete ou ao posicionamento político de quem é favorável ao Catete. Covardia e mentira definem esta “piscina” e são já conhecidos, por isso os artigos definidos: “a”. Por associação com a ideia de refrigério, estabelecemos a relação anafórica com os SNs 10 e 33.
- 41) [o deputado [Gregório Bezerra]]:** temos dois SNs: é um SN aposto que se segue a outro SN. O núcleo primário “deputado” categoriza o núcleo secundário “Gregório Bezerra”, ou seja, classifica-o como deputado. O uso do artigo definido mostra que se sabe de quem se está falando, a partir do contexto do brasileiro da época. Este deputado mandou incendiar um quartel na Paraíba.
- 42) [um quartel (n[a Paraíba])]:** um quartel que fica na Paraíba, não se especifica que quartel seria, por isso o artigo indefinido, pois o importante é que ele seja paraibano, da terra de José Américo.
- 43) [[que coincidência] [essa*], (irônica) e (cruel)]:** aqui temos um fato curioso: o primeiro subsintagma tem valor atributivo em relação ao segundo [essa*], que apresenta uma anáfora elíptica: seria “essa coincidência”. E os SAdjs (irônica) e (cruel) estão afastados do 1º subsintagma, mas se referem a ele.
- 44) (para [o sr. José Américo]) :** no SN dentro do SPrep, o artigo remete à informação recuperável no texto, informação já dada: é coincidência cruel para o outro José Américo, aquele dos SNs de número 4, 9, 13 18 e 20, com os quais este SN de número 44 tem relação anafórica.
- 45) [a sua terra]:** terra de José Américo, retomada do SN 44.

- 46) **[a escolhida]**: sintagma de valor atributivo, remete a [a sua terra], SN 45, ou seja, terra do sr. José Américo (SN em 44).
- 47) {para se levantar **[a infâmia]**}
- 48) {Despindo **[a vestimenta (de couro) (do sertanejo)]**}: o SN tem um determinante remissivo e identificador: “a”, pois a informação é dada, recuperável no texto; os sintagmas preposicionais que funcionam como SAdjs ajudam na identificação da referenciação: remetem através de anáfora associativa aos SNs 8 e 7: [o sr. José Américo (do sertão), (da bagaceira)...] e [Calor {em nada} (semelhante) [ao calor] (com que [o sr. José Américo] soltava [[gritos] em defesa d[as vítimas da seca]])...].
- 49) {para enfiar **[um (fresco) pijama (d[os comensais (d[a Copa] e (d[a Cozinha])]**)}: o SN [vestimenta de couro do sertanejo] se opõe ao SN [um (fresco) pijama (d[os comensais (d[a Copa] e (d[a Cozinha])]. “Fresco” é o SAdj que se opõe à ideia de sertão, calor e se aproxima de “refrigério”, remetendo por associação aos SNs de número 10, 33 e 40. A base do sintagma “pijama” remete à ideia de sono, dormência, inação, “aposentadoria da consciência”. Dentro do SAdj derivado que especifica pijama, temos o SN [os comensais (da Copa) e (da Cozinha)]. A base deste sintagma tem um duplo sentido: o de quem frequenta, come e bebe em casa de outrem, mas também o de parasita. Os SAdjs com “Copa” e “Cozinha” com maiúsculas indicam que aqui a referência é ao Palácio do Catete. Assim, “enfiar um fresco pijama” seria uma metáfora, como uma vestimenta adequada aos que usufruem dos refrigerios do acordo e do Palácio.
- 50) **[o sr. José Américo]**: este SN continua a progressão do José Américo político, em relação anafórica com os SNs de número 4, 9, 13, 18, 20 e 44.

- 51) [a frase]:** “a frase” é o complemento verbal de “engole”, com artigo definido pois a seguir, por catáfora, se esclarece seu referente: “Agora, sim, vamos trabalhar”.
- 52) dentro de [uma taça (de champanhe)]:** Por associação com a ideia de refrigério e de comensal que bebe no Palácio, estabelecemos a relação anafórica com os SNs 10, 33, 40 e 49. José Américo engoliria a frase, e o efeito disso seria repeti-la como um dócil pombinho, como se engolisse um novo discurso junto com o champanhe: “Agora, sim, vamos trabalhar”. Associa-se o refrigério do Catete (pela taça de champanhe, bebida da elite) a uma atitude passiva, como de um pombo que arrulha.
- 53) [Isso]:** este SN se refere ao ato ilocutório: “arrulhar” a declaração “Agora, sim, vamos trabalhar”, ou seja, o SN 51 [a frase]. Arrulhar a frase representou trabalhar submissamente e em conjunto pela ditadura, após assinar o acordo.
- 54) (para [as massas (esfomeadas), (espancadas), cada vez mais escravizadas]): os determinantes se referem ao contexto vivido pelo enunciador e pelo leitor e definem “massas”, as pessoas dos centros urbanos.**

A série de SNs abaixo estabelece a referenciação com tudo aquilo que significaria “isso”, do SN 53, ou seja, a declaração “Agora, sim, vamos trabalhar” para as massas esfomeadas: **seria a continuidade dos procedimentos da ditadura.** Os artigos definidos dos SNs remetem para o conhecimento de mundo do leitor, para o contexto vivenciado naquela época:

- 55) [a falta de vergonha];**
56) [o suborno];
57) [os ministérios (d[o arroz]) e (d[os moinhos]);
58) [mais pancada];
59) [novos SS];
60) [o petróleo];
61) [os minérios];
62) (a[os americanos]);

- 63) [o país];
- 64) (a [Wall Street]): o SN 64 dentro do SPrep remete ao SN 62. **Aqui se completa a recategorização sobre o tópico discursivo “a frase”, que aparece no SN 51 e depois nos SNs 53, 54 e nos de número 55 até 64.**
- 65) [Este (maldito) calor]: “este” se refere a informação recuperável no texto, pois é informação retomada e estabelece a anáfora com os SNs de número 2, 6, 7, 34 e 39, que se referem ao calor do Catete, calor que destrói a consciência, e, por isso, é qualificado pelo enunciador como “maldito”, já que Dalcídio está ideologicamente do outro lado, buscando a conscientização.
- 66) [o pouco (que restava ainda de [“eterna vigilância”] n[o ilustre e malogrado sr. José Américo])]: este SN é complemento verbal de “diluiu” e o sujeito era o agente da ação. Vale ressaltar os determinantes de “sr. José Américo”: ilustre e malogrado, atributos que compõem um homem paradoxal: com prestígio social e político, porém sem consciência e valor moral. **Há relação anafórica com os SNs de número 4, 9, 13, 18, 20, 44 e 50, que retratam e recategorizam o José Américo político.**
- 67) {apesar d[os refrigerantes]}: o SAdv mostra, ironicamente, uma concessão: apesar dos refrigerantes, a solenidade do acordo no Catete foi morna e sombria. O SN apresenta o artigo definido “o” como determinante, pois “refrigerantes” é informação dada, **recuperável no texto por associação aos SNs 10, 33, 40, 49 e 52.**
- 68) [a solenidade (em que se perpetrou [o conchavo])]: **aqui há a última retomada de “acordo”, presente nos SN 10 e 32,** [os refrigerios (de um acordo)] e [o acordo], recategorizado como “o conchavo”, revelando a visão depreciativa do enunciador sobre o acordo interpartidário entre PSD, UDN e PR. O acordo é associado a “refrigerios”, participando indiretamente da progressão deste tópico discursivo.
- 69) {n[um clima assim (de sesta), (de estagnação), (de espreguiçamento) e (torpor moral)]}: nesse clima, registrado no SAdv, se escarneceu do povo. Os determinantes

da base do SN, sintagmas preposicionais funcionando como SAdjs, possibilitam a recuperação da informação no texto: **por associação, temos a anáfora aos SNs de número 2, 6, 7, 34, 39 e 65, que se referem ao calor do Catete e que compõem toda a progressão do tópico discursivo “calor” com suas recategorizações, a partir da primeira categorização, [muito calor]**, no primeiro segmento de sentido do texto.

70) (d[o povo]): o SN, dentro do SPrep, retoma [o nosso povo], um SN dentro do grande SN de número 24.

71) (pel[o povo]): ficaram fixados pelo povo, retomando os SNs 24 e 70.

72) [os homens (que [o] enganam) e (escarnecem)]: os SAdjs retomam o SN 71, [o] é [o povo].

73) [o sr. José Américo]: Há relação anafórica com os SNs de número 4, 9, 13, 18, 20, 44, 50 e 66, que retratam e recategorizam o José Américo político. No texto, este SN [o sr. José Américo] faz parte de uma oração justaposta, em que o enunciador expressaria o que (na concepção de Dalcídio) José Américo estaria pensando sobre o mundo fora do Palácio, do qual Dalcídio faz parte: “Aqui fora, pensa [o sr. José Américo], grita-se demais”. E assim, o enunciador passa a um desdobramento da predicação, “grita-se demais”, passando a referenciar nos SNs seguintes quem grita e na predicação o porquê de gritar (SNs de 74 a 87).

74) [trabalhadores (n[os cárceres])]: aqui o sintagma preposicional, que normalmente funcionaria como SAdv, é um SAdj, pois “nos cárceres” não é apenas um lugar de onde gritam, focaliza-se aqui pelo SAdj que há trabalhadores que estão nos cárceres (onde não deveriam estar).

75) {com [as torturas]}: o SAdv marca a causa de os trabalhadores nos cárceres gritarem. O determinante “as” do SN indica que a informação é recuperável pelo

contexto, pelo conhecimento de mundo de que àquela época, na ditadura, já se esperava que cárcere, além de local de cerceamento da liberdade, fosse também o de torturas. Assim, era possível estabelecer a anáfora associativa entre [as torturas] e [os cárceres], do SN 74.

76) [mulheres (n[os morros])]: neste SN, o sintagma preposicional funciona da mesma forma que o sintagma preposicional do SN 74: como um SAdj: mulheres (que vivem nos morros), onde ninguém deveria viver. O determinante “o” indica que “morros” é informação dada, recuperável no contexto.

77) (contra [os despejos]): o SPrep mostra contra o que as mulheres nos morros protestam, clamam. No SN, o determinante “os” indica que era recuperável pelo contexto a informação de que havia uma política de desmantelamento das favelas no Rio. A polícia chegava às comunidades, despejava e mandava derrubar os barracos, como Dalcídio registrou em várias de suas matérias jornalísticas. Assim, era possível estabelecer a anáfora associativa entre [os despejos] e [os morros].

78) [camponeses] {n[o interior]}: Aqui não parece ocorrer o mesmo que nos SNs 74 e 76 em relação ao sintagma preposicional. “No interior” não precisaria ser um SAdj que indicaria “que mora ou está no interior”, pois esta ideia já está incluída na base do SN: “camponeses”. Assim, “no interior” pode ser um SAdv (camponeses gemem no interior), que foi colocado ao lado do SN por uma questão de paralelismo com as construções dos SNs 74 e 76.

79) {com [[as doenças] e [os filhos (mortos) {de verminose e inanição}]}: o SAdv mostra a causa de camponeses no interior gemerem. “As” doenças e “os” filhos mortos são as doenças e os filhos dos camponeses.

80) [as caras (n[a rua])]: aqui o sintagma preposicional age como SAdj: as caras “que estão nas ruas” são os transeuntes, cidadãos metonimizadas pela cara que expressa a fome e o descontentamento.

81) [um ríctus (de fome) e (descontentamento (insuportável))]: as caras na rua mostram um ríctus (uma contração dos músculos da face ou da boca) de fome e de descontentamento insuportável. O SAdj “insuportável” mostra a que ponto chegou a insatisfação popular.

82) {Pel[o Brasil] afora}: o SAdv mostra por onde cresce a miséria, o atraso... O SN [o Brasil] está em relação anafórica com [o país], SN 63.

Os três SNs abaixo são complementos verbais de “cresce”, é o que, pelo Brasil afora, cresce. Os determinantes são artigos indefinidos pois é informação nova no texto. A caracterização de miséria (indiana) e atraso (sinistro) indicam que a situação é crítica. Podemos ver uma gradação decrescente na sequência dos três SNs:

83) [uma miséria indiana]

84) [um atraso sinistro]

85) [um abandono]

86) (contra [isto]): “isto” é tudo que foi dito anteriormente sobre a situação do povo e do Brasil: está em relação anafórica com os SNs 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84 e 85.

87) {para esquecer [tão feias visões]}: o SAdv mostra a finalidade de se tomar um *ice cream* no Catete: para esquecer. O SN [tão feias visões] é correferencial com o SN [isto], por isso também remete a todos os SNs citados em 86.

88) nada como [um *ice cream* (n[o Catete])]: Dalcídio é altamente irônico; o *ice cream* no Catete seria “uma sobremesa” de um comensal do Palácio, o ponto culminante, o mais gelado e refrescante momento na sequência de refrigerios que se opõem a calor e compõem os “refrigerios do acordo”: os SNs 10, 32, 33, 40, 49, 52 e 67, com os quais estabelece relação anafórica e realiza a progressão tópica de “refrigerios do

acordo”. Aqui se completa também a progressão do tópico “Catete”, em relação anafórica com os SNs de número 12 e 3.

89) [nada]: “nada como se refugiar no ar-condicionado...”: este SN tem referência independente do texto ou do contexto. “Nada como” significa “nenhuma coisa seria melhor do que”.

90) {n[o ar-condicionado (de uma capitulação (em que se pode perder a vergonha) e (se trair a verdade), (mas se respira [um silêncio total] (em que não mais se escutam os ecos dessa coisa terrível (que é [a voz (d[o povo)])]))]: aqui, a associação possível entre refrigérios de um acordo e o Catete se completa: é no ar-condicionado de uma capitulação que não se escutam mais os ecos da voz do povo, que está fora do Palácio. Assim, ar-condicionado, capitulação e silêncio total são aspectos da vida de quem partilha do Palácio e do poder: refrigério (duplo sentido), abdicação de valores, silenciamento de si mesmo (José Américo) e dos outros, falta de gritos. O SN [a voz (d[o povo])] remete às predicções (“trabalhadores nos cárceres gritam”, mulheres nos morros clamam” etc). **Completa-se aqui a progressão do tópico discursivo “refrigérios de um acordo”: a relação coesiva anafórica por associação se estabeleceu entre os SNs 10, 33, 40, 49, 52, 67, 88 e 90. Há também a última recategorização de [o povo]: a categorização ocorreu no SN [o nosso povo], dentro do grande SN 24, e depois ele foi retomado nos SNs 70, 71, 72 e agora, 90.**

QUINTO SEGMENTO DE SENTIDO

Partindo para a conclusão do texto, Dalcídio propõe uma reflexão generalizante: sai do caráter individual, com a questão específica da “abdicação” do sr. José Américo quando assina o acordo em apoio ao governo federal do Brasil, e parte para o caráter universal. Dalcídio fala em nome da verdade e da justiça, assim como Émile Zola fizera em sua carta intitulada “J’accuse”. Assim, o enunciador posiciona-se não só contra o acordo interpartidário, mas contra tudo que fosse injusto, como se avisasse que a esquerda (na qual ele se inclui) estava em alerta, daí o uso

da primeira pessoa do plural: “Estamos fiéis a **esse grito**, sobretudo porque ainda há **muita lama** para varrer **deste nosso mundo**.”

Em “**Esse grito** ressoa aqui fora em **todas as consciências que não abdicaram**.”, Dalcídio reforça a tese de que José Américo abdicara dos seus antigos ideais ao assinar o acordo e vai além, afirmando que fora do Palácio há várias consciências que não abdicaram.

O quinto segmento é: “Finalmente, **o sr. José Américo** achou que **o grito** é **sinal de desespero**. Como sempre, **o seu peso** é grande porque diz **isso no mês em que celebramos o cinquentenário de um grito que foi um dos momentos mais altos da dignidade humana, o grito do “J’accuse”**. Há cinquenta anos. **Émile Zola**, sem **nenhum desespero**, gritava contra **uma infâmia**, contra **os que tentavam cobrir com lama o incorruptível rosto da verdade**. **Esse grito** varreu **a lama** e derrotou **a reação**. Estamos fiéis a **esse grito**, sobretudo porque ainda há **muita lama** para varrer **deste nosso mundo**. **Esse grito** ressoa aqui fora em **todas as consciências que não abdicaram**.”

91) [o sr. José Américo]: Há relação anafórica com os SNs de número 4, 5, 9, 11, 13, 18, 20, 44, 50 e 73, que retratam e recategorizam o José Américo político.

92) [o grito]: este SN faz parte da progressão sobre o tópico discursivo “gritos”, que aparece pela primeira vez no SN 7 e depois é recategorizado nos SNs de número 29, 36, 37, 38 e agora, 92.

93) [sinal de desespero]: SN com valor atributivo ao SN [o grito].

94) [o seu peso]: em “o seu peso é grande”, podemos compreender “o peso da declaração ou julgamento de José Américo” (SN 91). Aqui é importante perceber que Dalcídio “pulou” uma etapa da progressão pela anáfora. Poderia ele ter feito: “o

sr. José Américo achou que o grito é sinal de desespero”, depois a nominalização “sua declaração” ou “seu julgamento” (dele, de José Américo) e, por fim, “o seu peso”, que seria o peso da declaração de José Américo. Como isso não foi feito, o leitor teria que inferir o ato verbal pelo uso dos verbos: “José Américo achou”, “*diz isso”.

95) [isso] : é o que José Américo disse e que nós só sabemos pelo discurso relatado de Dalcídio: “o sr. José Américo achou que o grito é sinal de desespero”.

96) {n[o mês (em que celebramos [o cinquentenário de [um grito (que foi um dos momentos mais altos da dignidade humana)], [o grito do “J’accuse”])]}]: o SAdv permitiu situar a época em que o texto foi escrito e publicado por Dalcídio, como já foi dito. O SN **[um grito (que foi um dos momentos mais altos da dignidade humana)]** vem acompanhado de um SN aposto (explicativo), **[o grito do “J’accuse”]**, que funciona como um núcleo secundário ao núcleo primário “um grito”. Estes dois últimos SNs são correferenciais e o SN aposto serve para esclarecer o intertexto de Dalcídio com Zola, o que permite a relação de sentidos entre grito e consciência, como já explicado anteriormente. O grito do “J’accuse” continua a progressão detalhada na descrição do SN 92.

97) [Émile Zola]: SN que tem como base um nome próprio, de referência única, inconfundível.

98) {sem [nenhum desespero]}: o SAdv mostra a forma como Zola gritava. O SN escolhido por Dalcídio serve para se opor ao pensamento expresso por José Américo: “o sr. José Américo achou que o grito é sinal de desespero”.

99) (contra [uma infâmia]): SN dentro do SPrep. Zola gritava contra uma infâmia (a falsa acusação a Dreyfus e todas as falcatruas para mantê-la), coisa que José Américo não era (mais) capaz de fazer. Nos SNs 45, 46 e no SN 47 dentro do SAdv, vimos que

José Américo foi incapaz de reação mesmo quando [a sua terra], a Paraíba, foi [a escolhida]{para se levantar [a infâmia]}.

100) (contra [os (que tentavam cobrir {com [lama]} [o (incorruptível) rosto (d[a verdade]))])): SN dentro do SPrep. Pelo conhecimento de mundo, recupera-se quem eram os sujeitos representados pelo pronome demonstrativo substantivo, a base do SN: eram todos aqueles que tentavam incriminar Dreyfus, que era inocente, com falcatruas e ardis (“lama”), e contra os quais Zola gritava. “Lama”, aqui, é do mesmo campo semântico de “infâmia” (SN 99).

101) [Esse grito]: aqui o determinante é dêitico e remissivo: trata-se de informação recuperável no texto: já aparecera no SN de número 96, especificamente no SN aposto: [o grito do “J’accuse”]. Na verdade, continua uma longa progressão do tópico discursivo “gritos”, descrita na explicação ao SN 92, continuada pelo SN 96 e 101.

102) [a lama]: este SN é complemento verbal de “varreu”: o grito de Zola varreu a lama, metáfora que aparece antes no SN [lama] dentro do grande sintagma de número 100.

103) [a reação]: este SN é complemento verbal de “derrotou”: Zola varreu a lama e derrotou a reação, as atitudes de quem queria manter a infâmia contra Dreyfus.

104) [esse grito]: Este SN faz parte do complemento nominal a fiéis em: “Estamos fiéis a [esse grito]”. O SN é uma anáfora aos SNs expressos nos SNs 101 e 96 (o SN aposto) e todos os outros que realizam a progressão do tópico “gritos”: aparece pela primeira vez no SN 7 e depois é recategorizado nos SNs de número 29, 36, 37, 38, 92, 96 e, por fim, 101.

105) [muita lama] : o SN é complemento verbal do verbo haver: “sobretudo porque ainda há [muita lama] para varrer deste nosso mundo”. Está em relação anafórica

com os SNs 102, 100 e 99, completando a recategorização do tópico “ uma infâmia”.

106) {d[**este nosso mundo**]}: o SAdv corresponde ao local em que ainda há muita lama para se varrer. No SN, os determinantes “este” e “nosso” estabelecem a relação com o contexto do enunciador e do leitor, que partilham a informação.

107) [**Esse grito**]: é aquele que “ressoa aqui fora”, fora do Catete, onde se situa o enunciador. **Com este SN, completou-se a progressão do SN 7, [gritos], que é recategorizado nos SNs de número 29, 31, 36, 37, 38, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 101, 104 e por fim 107.**

108) {em [**todas as consciências (que não abdicaram)**]}: remete, por oposição, ao SN [as consciências mortas], do título. O SAdj derivado especifica que a referência é às consciências “vivas”, às que agem de forma diferente da ação de José Américo, remetendo também ao SN número 26, quando Dalcídio ressalta que o escritor, ao assinar o acordo, aceita a ditadura e assim ficou assinada [a sua abdicação].

Assim, temos a associação entre consciência e abdicação, que permite a inferência: as consciências que não abdicaram, estas não desistem de gritar, são vivas; as que abdicaram, que não gritam mais, são mortas.

SEXTO SEGMENTO DE SENTIDO

O sexto segmento é “E hoje só **as consciências mortas** deixam de gritar, sr. José Américo.”

O sexto segmento é uma sequência injuntiva, que fecha o texto. O enunciador se dirige, através do vocativo, diretamente ao “sr. José Américo”, figura principal de seu texto, como se

quisesse alertá-lo sobre os seus próprios atos, sobre a sua “consciência morta” e também avisar-lhe que a esquerda estava atenta aos discursos e às ações políticas. Na conclusão, como é próprio de um texto organizado pelo modo argumentativo, Dalcídio remete ao início, neste caso ao título, que apresenta o que seria uma formulação geral da tese: “Só as consciências mortas deixam de gritar”.

109) Só [as consciências mortas]: temos aqui o fim da progressão do tópico discursivo “consciências”, que aparecera no SN do título, depois no SN 108, que remetia ao SN 26, e agora fecha o texto com o SN 109, remetendo ao título. Como já descrevemos no título, “só”, na fronteira do SN, é um marcador de foco.

110) [sr. José Américo]: Aqui se completa a recategorização sobre o tópico discursivo “José Américo”, que aparecera pela primeira vez no SN 4. O José Américo “de ontem”, escritor, é retratado nos SNs 7, 8, 11, 17 e 48. O “de hoje” progride ao longo dos SNs de número 4, 5, 9, 11, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 66, 73, 91 e por último o 110, que retratam e recategorizam o José Américo político.

3.1.1.2 Os tópicos do texto

São 110 SNs. Alguns fazem parte de mais de uma cadeia referencial. Os SNs foram inicialmente organizados em 22 tabelas, indo de A até W, correspondendo aos 22 tópicos do texto, citados abaixo:

A- consciências

B- os noticiários oficiais

C- o calor

D- o grito

E- o resto (tudo que acontece fora do palácio do Catete)

F- as vítimas da seca
G- o Catete
H- o sr. José Américo
I- o povo
J- Os refrigerios de um acordo
K- um processo de perda
M- Machado de Assis
N- o sr. Lira
O- o Rio de Janeiro
P- o deputado Gregório Bezerra
Q- um quartel na Paraíba
R- coincidência
S- a frase
T- Émile Zola
U- uma infâmia / lama
V- a reação
W- este nosso mundo

Os dez tópicos sublinhados só aparecem em primeira menção; os outros 12 são desenvolvidos através de inúmeras recategorizações do SN, formando cadeia. Apresentaremos, portanto, as tabelas que correspondem às 12 cadeias referenciais desse texto.

3.1.1.3 As cadeias referenciais do texto

1ª CADEIA – CONSCIÊNCIAS

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 1ª CADEIA
1	SN do TÍTULO) Só [as consciências (mortas)]
2	SN 108 dentro do SAdv) { aqui fora em [todas as consciências (que não abdicaram)] }
3	SN 109) Só [as consciências mortas]

2ª CADEIA – O CALOR

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 2ª CADEIA
1	SN 2) [muito calor]
2	SN 6) [o calor (que entorpece) e (nos transmite uma sensação de preguiça moral, de quase gostosa prostração (em que não mais se pode distinguir um vício de uma virtude))]
3	SN 7) [Calor {em nada} (semelhante) [ao calor] (com que [o sr. José Américo] soltava [[gritos] em defesa d[as vítimas da seca]]) (e tentava colocar n[o seu <i>Bagaceira</i>] uma figura de mulher flagelada, a Soledade, encarnando a tragédia d[os

	retirantes)]]
4	SN 34) [tanto calor]
5	SN 39 dentro do SPrep) (contra [o calor])
6	SN 65) [Este (maldito) calor]
7	SN 69 dentro do SAdv) {n[um clima assim (de sesta), (de estagnação), (de espreguiçamento) e (torpor moral)]}

3ª CADEIA – O GRITO

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 3ª CADEIA
1	Subsintagma nominal do SN 7) [[gritos] (em defesa d[as vítimas da seca])]
2	SN 29) [Aquelas frases (inchadas) (sobre [a fome], [a violência (d[o Estado Novo])], [os barracos (d[os morros])], [o “ eu sei onde está o dinheiro ”])]
3	SN 31) [loucuras (d[a mocidade])]: SN com valor atributivo ao SN 29
4	SN 36) [o resto]
5	SN 37) [confusão e anarquia]: SN com valor atributivo ao SN 36
6	SN 38 dentro do SAdv) {Em vez d[os gritos (de outrora)]}
7	SN 92) [o grito]

8	SN 93) [sinal de desespero]: SN com valor atributivo ao SN 92
9	SN 94) [o seu peso]
10	SN 95) [isso] : é o que José Américo disse e que nós só sabemos pelo discurso relatado de Dalcídio: “o sr. José Américo achou que o grito é sinal de desespero” (Sintagma oracional).
11	SN 96 dentro do SAdv) { n[o mês (em que celebramos [o cinquentenário de [um grito (que foi um dos momentos mais altos da dignidade humana)], [o grito do “J’accuse”]])] }
12	SN 98 dentro do SAdv) { sem [nenhum desespero] }
13	SN 101) [Esse grito]
14	SN 104) [esse grito]
15	SN 107) [Esse grito]

4ª CADEIA – O RESTO (= Tudo que acontece fora do Palácio do Catete)

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 4ª CADEIA
1	SN 36) [o resto]
2	SN 37) [[confusão] e [anarquia]]: SN com valor atributivo ao SN 36
	“Aqui fora, pensa o sr. José Américo, grita-se demais.” <u>Abaixo, vem quem grita</u> (pessoas do povo) e a causa dos gritos e a situação do povo brasileiro. Grito aparece na <u>predicação no verbo ou no SAdv.</u>
3	SN 74) [trabalhadores (n[os cárceres])]
4	SN 75 dentro do SAdv) {com [as * torturas]}

5	SN 76) [mulheres (n[os morros])]
6	SN 77 dentro do SPrep) (contra [os * despejos])
7	SN 78) [camponeses] {n[o interior]}
8	SN 79 dentro do SAdv) {com [[as doenças*] e [os * filhos (mortos) {de [verminose e inanição}]]] }
9	SN 80) [as caras (n[a rua])]
10	SN 81) [um ríctus (de fome) e (descontentamento (insuportável))]
11	SN 82 dentro do SAdv) {Pel [o Brasil] afora}
12	SN 83) [uma miséria indiana]
13	SN 84) [um atraso sinistro]
14	SN 85) [um abandono]
15	SN 86 dentro do SPrep) (contra [isto])
16	SN 87 dentro do SAdv) {para esquecer [tão feias visões] }

5ª CADEIA – AS VÍTIMAS DA SECA

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 5ª CADEIA
1	Subsintagma nominal do SN 7) [as vítimas da seca]
2	Subsintagma nominal do SN 7) [a tragédia (d[os retirantes])]
3	Subsintagma nominal do SN 8) [os montões de homens, mulheres e crianças (esqueléticos) (e famintos) (expulsos pela seca)]

4	SN 14) [a sorte (d[os seus personagens]), (d[aqueles famintos e estropiados (que explorou em [sua literatura (de orador)])))]
---	---

6ª CADEIA – O CATETE

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 6ª CADEIA
1	SN 3 dentro do SAdv) {N[o Catete]}
2	SN12 dentro do SAdv) {Em torno de [uma mesa (no Catete)]}
3	SN 88) nada como [um ice cream (n[o Catete])]

7ª CADEIA – O SR. JOSÉ AMÉRICO

Obs: Tudo que aparece nesta tabela marcado em vermelho é relativo ao “outro sr. José Américo” (o de “hoje”). Deixei nesta cadeia, digamos assim, “as duas personalidades juntas”, com seus respectivos SNs, pois “um” e “outro”, o de ontem e o de hoje, constituem o ser “José Américo”.

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 7ª CADEIA
1	SN 4) [o sr. José Américo]

2	SN 5) [o seu discurso]
3	Subsintagma nominal do SN 7) [o sr. José Américo]
4	Subsintagma nominal do SN 7) e tentava colocar n [o seu Bagaceira]
5	SN 8) [o sr. José Américo (do sertão), (da bagaceira), (dos açudes rebentados), (do coração (transido) (diante d[os montões de homens, mulheres e crianças (esqueléticos) (e famintos) (expulsos pela seca))])]
6	SN 9) [o outro sr. José Américo]
7	SN 11) [todo um processo (em que *foi aos poucos perdendo [aquelas vagas pontas de cactus (que marcavam a sua personalidade) (e o faziam tornar-se [um homem de certo modo digno de confiança]))].]
8	SN 13) [o outro sr. José Américo]
9	SN 14) [a sorte (d[os seus personagens]), (d[aqueles famintos e estropiados (que explorou em [sua literatura (de orador)])])]
10	SN 17 dentro do SAdv) {dentro d [aquele sr. José Américo (de ontem)] }
11	SN 18) [o sr. José Américo (de hoje)]
12	SN 20) [o sr. José Américo]
13	SN 21) [sua oratória]
14	SN 22) [um salamaleque (a[a ditadura])]
15	SN 23) *Aceitou [a ditadura]
16	SN 24 dentro do SAdv) {com [todas as consequências (que [esta] possa produzir contra [o nosso povo])]}
17	25) * Aceitou *
18	SN 26) [a sua abdicação]
19	SN 30 dentro do SPrep) (a [um passado * incômodo])
20	SN 44 dentro do SPrep) (para [o sr. José Américo])
21	SN 45) [a sua terra]

22	SN 46) [a escolhida]
23	SN 47) [a infâmia]
24	SN 48 dentro do SAdv) {Despindo [a vestimenta (de couro) (do sertanejo)]}
25	SN 49 dentro do SAdv) {para enfiar [um (fresco) pijama (d[os comensais (d[a Copa]) e (d[a Cozinha]])}]}
26	SN 50) [o sr. José Américo]
27	SN 66) [o pouco (que restava ainda de [“eterna vigilância”] n[o ilustre e malgrado sr. José Américo])]
28	SN 73) [o sr. José Américo]
29	SN 91) [o sr. José Américo]
30	SN 110) [sr. José Américo]

8ª CADEIA – O POVO

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 8ª CADEIA
1	Subsintagma nominal do SN 24) [o nosso povo]
2	SN 70 dentro do SPrep) (d[o povo])
3	SN 71 dentro do SPrep) (pel[o povo])
4	SN 72) [os homens (que [o] enganam) e (escarnecem)]
5	Subsintagma nominal do SN 90) [a voz (d[o povo])]

9ª CADEIA – OS REFRIGÉRIOS DE UM ACORDO

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 9ª CADEIA
1	SN 10) [os refrigerários (de [um acordo])]
2	SN 32) [O acordo]
3	SN 33) [um (súbito) sabor (de refrigerante)]
4	SN 40 dentro do SAdv) {n[a piscina (d[a covardia]) e (d[a mentira])]}
5	SN 49 dentro do SAdv) { para enfiar [um (fresco) pijama (d[os comensais (d[a Copa]) e (d[a Cozinha])])] }
6	SN 52) dentro de [uma taça (de champanhe)]
7	SN 67 dentro do SAdv) {apesar d[os refrigerantes]}
8	SN 68) [a solenidade (em que se perpetrou [o conchavo])]
9	SN 88) nada como [um ice cream (n[o Catete])]
10	SN 90 dentro do SAdv) nada como se refugiar { n[o ar-condicionado (de uma capitulação (em que se pode perder a vergonha) e (se trair a verdade), (mas se respira [um silêncio total] (em que não mais se escutam os ecos dessa coisa terrível (que é [a voz (d[o povo])])))] } }

10ª CADEIA – MACHADO DE ASSIS

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 10ª CADEIA
1	SN 15 dentro do SAdv) {como [o nosso Machado de Assis]}
2	SN 16) [sua Capitu]
3	SN 27 dentro do SAdv) {como dizia [o (velho) Machado]}
4	SN 28 dentro do SPrep) (d[o seu personagem ensandecido])

11ª CADEIA – A FRASE (“Agora, sim, vamos trabalhar” = O “trabalho” da ditadura)

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 11ª CADEIA
1	SN 51) [a frase]
2	SN 53 e SN 54 dentro do SPrep) [Isso] (para [as massas (esfomeadas), (spancadas), cada vez mais escravizadas])

3	SN 55) [a falta de vergonha]
4	SN 56) [o suborno]
5	SN 57) [os ministérios (d[o arroz]) e (d[os moinhos])]
6	SN 58) [mais pancada]
7	SN 59) [novos SS]
8	SN 60 e SN 61) [o petróleo] e [os minérios]
9	SN 62 dentro do SPrep) (a[os americanos])
10	SN 63) [o país]
11	SN 64 dentro do SPrep) (a [Wall Street])

12ª CADEIA- UMA INFÂMIA / LAMA

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 12ª CADEIA
1	SN 99 dentro do SPrep) (contra [uma infâmia])
2	SN 100 dentro do SPrep) (contra [os (que tentavam cobrir { com [lama] } [o (incorrupível) rosto (d[a verdade])])])

3	SN 102) [a lama]
4	SN 105) [muita lama]

3.1.1.4 Estatística dos SNs das cadeias e análise da referenciação

Por meio da descrição das cadeias referenciais do artigo jornalístico assinado de Dalcídio, pudemos acompanhar a progressão dos SNs e dos tópicos discursivos, que se revelou coerente com o modo de organização argumentativo, predominante, e com a ocorrência da descrição e da injunção. Os tópicos discursivos expressos em SNs com os maiores números de recategorizações são os mais importantes informacionalmente e são justamente aqueles que mais ajudam a construir a argumentação. Eles estão na seguinte ordem:

Colocação	SNs/tópicos	Nº de aparições no texto
1º	“sr. José Américo”	1 categorização + 29 recategorizações
2º	“gritos”	1 categorização + 14 recategorizações. O tópico “gritos” estava diretamente ligado a outro: “consciência”, “morta” ou viva, pela presença ou ausência de gritos. O tópico “consciência” apareceu 3 vezes
3º	“o resto” (tudo que acontece fora do Palácio do Catete, o sofrimento e as reclamações do povo)	1 categorização + 15 recategorizações
4º	“refrigérios de um acordo”	1 categorização + 9

		recategorizações. O tópico “Catete”, diretamente ligado a “refrigérios” e a “acordo”, aparece 3 vezes
5º	“a frase” (“Agora, sim, vamos trabalhar”) = o “trabalho”, a ação da ditadura	1 categorização + 10 recategorizações
6º	“calor”	1 categorização + 6 recategorizações
7º	“o povo”	1 categorização + 4 recategorizações
8º	“Machado de Assis”	1 categorização + 3 recategorizações
8º	“infâmia”	1 categorização + 3 recategorizações
8º	“as vítimas da seca”	1 categorização + 3 recategorizações

O “sr. José Américo”, SN que mais aparece no texto (30 vezes), é o alvo das críticas e da tese de Dalcídio: é o intelectual de ontem que gritava e o político de hoje que não grita mais, pois hoje sua consciência está morta. Já “gritos”, que revela a capacidade de se indignar contra a injustiça, aparece 15 vezes como SN, mas sua ideia reaparece várias vezes na predicação pelo verbo “gritar”, desde o título “Só as consciências mortas deixam de gritar”. O tópico “gritos” no texto esteve diretamente ligado a outro: “consciência” – “morta” ou viva – pela presença ou ausência de gritos. Assim, o tópico “consciência”, que apareceu 3 vezes, se entrecruza com “gritos”. Também de grande importância na argumentação é “o resto”, ou seja, tudo que acontece fora do Palácio do Catete, como o sofrimento e as reclamações do povo: 1 categorização + 15 recategorizações. Enquanto o povo sofre a ação da ditadura, os políticos de direita vivem os “refrigérios de um acordo” (1 categorização + 9 recategorizações). E o tópico “Catete”, reforça “refrigérios” e “acordo”, aparecendo 3 vezes. No presente da enunciação, não saem mais gritos da boca de José Américo, agora ele engole, junto com champanhe do Catete, “a frase” (“Agora,

sim, vamos trabalhar”) e depois a arrulha (como pombo manipulado) e esse tópico refere-se ao “trabalho” da ditadura, ou seja, sua ação contra a sociedade, que é referenciado por Dalcídio em 11 SNs.

Por último, entre os que mais aparecem, está “calor”, que aparece 7 vezes e é usado na descrição em prol da argumentação. Reafirmamos que o apelo de Dalcídio à descrição (utilizando o tópico “calor” a partir da informação dos noticiários oficiais de que fazia “muito calor” no Catete quando foi assinado o acordo) se configura como uma intertextualidade tipológica com Émile Zola, como uma referência e homenagem ao escritor, que 50 anos antes gritara contra uma grande injustiça. E podemos entender que esse grito (no título e na conclusão do texto) se relaciona com “consciência” pelo já citado intertexto com Anatole France, que durante os funerais de Zola afirmara que “‘J’accuse’ representou um momento da consciência humana.” (Senna, 2004:24).

É importante ressaltar que a alusão a Zola é coerente com o questionamento central do texto: a oposição o sr. José Américo “do ontem” e “do hoje”, ou seja, o papel e a (in)coerência do intelectual. José Américo não conseguiu ter a mesma coerência que Zola tivera. O escritor, agora político, muda seus posicionamentos, ficando ao lado do governo e contra os comunistas ao assinar o acordo interpartidário. A intertextualidade com Machado (que aparece em 4 SNs), em alusão a Capitu, de *Dom Casmurro*, e Rubião, de *Quincas Borba*, também questiona as duas facetas de José Américo. Dalcídio propõe se já não estaria “dentro daquele sr. José Américo de ontem, o sr. José Américo de hoje” e diz que ele “Aceita [a ditadura] e fica assinada a sua abdicação.” Dalcídio se apoia nos intertextos para construir sua tese: José Américo assina o acordo e está assinada sua abdicação, ou seja, sua morte enquanto intelectual que “grita”. Pelo intertexto com Anatole France, completamos o entendimento da tese: se José Américo não “grita” mais, ele agora é uma “consciência morta”. E o enunciador, em sequência injuntiva, dirige-se diretamente ao intelectual: “E hoje só as consciências mortas deixam de gritar, sr. José Américo.”

Podemos dizer, então, que o recurso à intertextualidade, presente na referência deste texto, não é simples fonte de citações, pois participa ativamente do modo de organização argumentativo. E sua importância se revela pelo número de SNs relacionados à intertextualidade: “gritos” (15), “consciência” (3), “calor” (7), “Machado de Assis” (4), num total de 29 SNs, além das referências ao romance *A Bagaceira* e à personagem Soledade. As diversas recategorizações

durante a progressão do texto, vão (re)construindo os objetos-de-discurso, as quais constituem um modo de o enunciador avançar informacionalmente no texto e de construir discursivamente um mundo condizente com o seu mundo conhecido.

3.1.2 “GATO GATO GATO”: a exaustiva referência na tentativa obsessiva de decifrar o mistério do mundo

O segundo texto não é jornalístico. Trata-se de texto literário, portanto ficcional; é um conto do escritor e jornalista Otto Lara Resende, publicado no livro *O retrato na gaveta*, no Rio de Janeiro, pela Editora do Autor, em 1962. Por ser um conto de atmosfera, além do modo de organização narrativo, é fundamental a descrição do cenário, do ambiente sob a sondagem psicológica do narrador e das personagens, a qual cria a atmosfera. Pelas marcações **em negrito** abaixo, podemos ver a enorme quantidade de SNs e sua importância na referência das personagens da narrativa e dos elementos desta descrição, na tentativa de decifrar um mistério por meio da palavra.

GATO GATO GATO

OTTO LARA RESENDE

Familiar aos cacos de vidro inofensivos, o gato caminhava molengamente por cima do muro. **O menino** ia erguer-se, apanhar **um graveto**, respirar **o hálito fresco do porão**. **Sua úmida penumbra**. Mas **a presença do gato**. **O gato, que parou indeciso, o rabo na pachorra de uma quase interrogação**.

Luminoso sol a pino e o imenso céu azul, calado, sobre o quintal. **O menino** pactuando com **a mudez de tudo em torno** — **árvores, bichos, coisas**. Captando **o inarticulado segredo das coisas**. Inventando **um ser sozinho, na tontura de imaginações espontâneas como um gás que se desprende**.

Gato — leu no **silêncio da própria boca**. Na **palavra não cabe o gato, toda a verdade**

de um gato. Aquele ali, ocioso, lento, emoliente — em cima do muro. As coisas aceitam a incompreensão de um nome que não está cheio delas. Mas bicho, carece nomear direito: como rinoceronte, ou girafa se tivesse mais uma sílaba para caber o pescoço comprido. Girarafa, girafafa. Gatimonha, gatimanho. Falta um nome completo, felinoso e peludo, ronronante de astúcias adormecidas: O pisa-macio, as duas bandas de um gato. Pezinhos de um lado, pezinhos de outro, leve, bem de leve para não machucar o silêncio de feltro nas mãos enluvadas.

O pelo do gato para alisar. Limpinho, o quente contato da mão no dorso, corcoveante e nodoso à carícia. O lânguido sono de morfinômano. O marzinho de leite no pires e a língua secreta, ágil. A ninhada de gatos, os trêmulos filhotes de olhos cerrados. O novelo, a bola de papel — o menino e o gato brincando. Gato lúdico. O gatorro, mais felino do que o cachorro é canino. Gato persa, gatochim — o espirro do gato de olhos orientais. Gato de botas, as aristocráticas pantufas do gato. A manha do gato, gatimanha: teve uma gata miolenta em segredo chamada Alemanha.

Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da presença do menino. Ondulou de mansinho alguns passos denunciados apenas na branda alavanca das ancas. Passos irreais, em cima do muro eriçado de cacos de vidro. E o menino songamonga, quietinho, conspirando no quintal, acomodado com o silêncio de todas as coisas.

No se olharem, o menino suspendeu a respiração, ameaçando de asfixia tudo que em torno dele com ele respirava, num só sistema pulmonar. O translúcido manto de calma sobre o claustro dos quintais. O coração do menino batendo baixinho. O gato olhando o menino vegetalmente nascendo do chão, como árvore desarmada e inofensiva. A insciência, a inocência dos vegetais.

O ar de enfado, de sabe-tudo do gato: a linha da boca imperceptível, os bigodes pontudos, tensos por hábito. As orelhas acústicas. O rabo desmanchado, mas alerta como um leme. O pequeno focinho úmido embutido na cara séria e grave. A tona dos olhos reverberando como laguinhos ao sol. Nenhum movimento na estátua viva de um gato. Garras e presas remotas, antigas.

Menino e gato ronronando em harmonia com a pudica intimidade do quintal. Muro, menino, cacos de vidro, gato, árvores, sol e céu azul: o milagre da comunicação perfeita. A comunhão dentro de um mesmo barco. O que existe aqui, agora, lado a lado,

navegando. A confiança essencial prestes a exalar, e sempre adiada. E nunca. O gato, o menino, as coisas: a vida tímida e solidária. O teimoso segredo sem fala possível. Do muro ao menino, da pedra ao gato: como a árvore e a sombra da árvore.

O gato olhou amarelo o menino. O susto de dois seres que se agriem só por se defenderem. Por existirem e, não sendo um, se esquivarem. Quatro olhos luminosos — e todas as coisas opacas por testemunha. O estúpido muro coroado de cacos de vidro. O menino sentado, tramando uma posição mais prática. O gato de pé, vigilantemente quadrúpede e, no equilíbrio atento, a centelha felina. Seu íntimo compromisso de astúcia.

O menino desmanchou o desejo de qualquer gesto. Gaturufo, inventou o menino, numa traiçoeira tentativa de aliança e amizade. O gato, organizado para a fuga, indagava. Repelia. Interrogava o momento da ruptura — como um toque que desperta da hipnose. Deu três passos de veludo e parou, retesando as patas traseiras, as patas dianteiras na iminência de um bote — para onde? Um salto acrobático sobre um rato atávico, inexistente.

Por um momento, foi como se o céu desabasse de seu azul: duas rolinhas desceram vertiginosas até o chão. Beliscaram levianas um grãozinho de nada e de novo cortaram o ar excitadas, para longe.

O menino, forcejando por nomear o gato, por decifrá-lo. O gato mais igual a todos os gatos do que a si mesmo. Impossível qualquer intercâmbio: gato e menino não cabem num só quintal. Um muro permanente entre o menino e o gato. Entre todos os seres emparedados, o muro. A divisa, o limite. O odioso mundo de fora do menino, indecifrável. Tudo que não é o menino, tudo que é inimigo.

Nenhum rumor de asas, todas fechadas. Nenhum rumor.

Ah, o estilingue distante — suspira o menino no seu mais oculto silêncio. E o gato consulta com a língua as presas esquecidas, mas afiadas. Todos os músculos a postos, eletrizados. As garras despertas unhando o muro entre dois abismos.

O gato, o alvo: a pedrada passou assobiando pela crista do muro. O gato correu elástico e cauteloso, estacou um segundo e despencou-se do outro lado, sobre o quintal vizinho. Inatingível às pedras e ao perigoso desafio de dois seres a se medirem, sumiu por baixo da parreira espapaçada ao sol.

O tiro ao alvo sem alvo. A pedrada sem o gato. Como um soco no ar: a violência que não conclui, que se perde no vácuo. De cima do muro, o menino devassa o quintal vizinho. A

obsedante presença de um gato ausente. Na imensa prisão do céu azul, flutuam distantes as manchas pretas dos urubus. O bailado das asas soltas ao sabor dos ventos das alturas.

O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue. Saiu manquitolando pelo portão, ganhou o patiozinho do fundo da casa. A sola dos pés nas pedras lisas e quentes. À passagem do menino, uma galinha sacudiu no ar parado a sua algazarra histérica.

A casa sem aparente presença humana.

Agarrou-se à **janela**, escalou **o primeiro muro, o segundo**, e alcançou **o telhado**. Andava descalço sobre **o limo escorregadio das telhas escuras**, retendo **o enfadonho peso do corpo** como quem segura **a respiração**. **O refúgio debaixo da caixa d'água, a fresca acolhida da sombra**. Na caixa, a **água gorgolejante numa golfada de ar**. Afastou **o tijolo da coluna** e enfiou **a mão: bolas de gude, o canivete roubado, dois caramujos com as lesmas salgadas na véspera. O mistério. Pessoal, vedado aos outros. Uma pratinha azinhavrada, o ainda perfume da caixa de sabonete. A estampa de São José, lembrança da Primeira Comunhão.**

Apoiado nos **cotovelos, o menino apanhou uma joaninha que se encolheu, hermética**. A joaninha indevassável, na palma da mão. E **o súbito silêncio da caixa d'água, farta, sua sede saciada**.

Do **outro lado da cidade**, partiram solenes **quatro badaladas no relógio da Matriz. O menino olhou a esfera indiferente do céu azul, sem nuvens. O mundo é redondo, Deus é redondo, todo segredo é redondo.**

As casas escarrapachadas, dando-se as costas, os quintais se repetindo na modorra da mesma tarde sem data.

Até que localizou embaixo, enrodilhado à sombra, junto do **tanque: um gato. Dormindo, a cara escondida entre as patas, a cauda invisível. Amarelo, manchado de branco de um lado da cabeça: era um gato. Na sua mira. Em cima do muro ou dormindo, rajado ou amarelo, todos os gatos, hoje ou amanhã, são o mesmo gato. O gato-eterno.**

O menino apanhou o tijolo com que vedava a entrada do mistério. Lá embaixo — alvo fácil — o gato dormia inocente a sua sesta ociosa. Acertar pendularmente na cabeça mal adivinhada na pequena trouxa felina, arfante. Gato, gato, gato: lento bicho sonolento, a decifrar ou a acordar?

A matar. O tijolo partiu certo e desmanchou com estrondo a tranquila rodilha do

gato. As silenciosas patinhas enluvadas se descompassaram no susto, na surpresa do ataque gratuito, no estertor da morte. A morte inesperada. A elegância desfeita, o gato convulso contorcendo as patas, demolida a sua arquitetura. Os sete fôlegos vencidos pela brutal desarmonia da morte. A cabeça de súbito esmigalhada, suja de sangue e tijolo. As presas inúteis, à mostra na boca entreaberta. O gato fora do gato, somente o corpo do gato. A imobilidade sem a viva presença imóvel do sono. O gato sem o que nele é gato. A morte, que é a ausência de gato no gato. Gato — coisa entre as coisas. Gato a esquecer, talvez a enterrar. A apodrecer.

O silêncio da tarde invariável. O intransponível muro entre o menino e tudo que não é o menino. A cidade, as casas, os quintais, a densa copa da mangueira de folhas avermelhadas. O inatingível céu azul.

Em cima do muro, indiferente aos cacos de vidro, um gato — outro gato, o sempregato — transportava para a casa vizinha o tédio de um mundo impenetrável. O vento quente que desgrenhou o mormaço trouxe de longe, de outros quintais, o vitorioso canto de um galo.

[De *O retrato na gaveta*. Rio: Editora do Autor, 1962.]

Diferentemente do artigo de Dalcídio, “GATO GATO GATO” não apresenta um caráter ideológico. Sendo um conto, se estabelece entre os sujeitos – enunciador e leitor – um contrato de comunicação em que o leitor mergulha no universo ficcional como algo possível de acontecer e relaciona-se com o texto, desfrutando do primoroso trabalho estético do autor com a palavra e interpretando os ditos e não-ditos.

Esse esteta é Otto Lara Resende, que nasceu a 1º de maio de 1922, em São João Del-Rei, fruto de família mineira católica. Quarto entre os 20 filhos do professor e jornalista Antônio de Lara Resende e de D. Maria Julieta Oliveira Resende, foi batizado pelo pensador católico Jackson de Figueiredo (1891-1928). A partir de 1930, estuda por 9 anos como interno no Instituto Padre Machado, de São João Del-Rei, fundado e dirigido por seu pai. De 1934 a 1938, faz o curso de Humanidades.

Escreve desde adolescente, tanto prosa quanto poesia. Aos 16 anos, em 1938, Otto faz sua estreia tipográfica nas páginas de *A abelha*, “órgão dos alunos do Instituto Padre Machado” e assina modernamente: “Oh tu!”. Muda-se no fim deste ano para Belo Horizonte com a família e passa a ajudar no jornal católico *O Diário*, do qual seu pai era um dos dirigentes. Em 1º de dezembro de 1940, publica, em *O Diário*, o seu primeiro artigo assinado, “As panelinhas literárias”. No ano seguinte, entra para a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, hoje Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Passa a trabalhar como professor de português, francês e história no Instituto Padre Machado, onde ficará por 5 anos.

Em 1943 foi admitido como redator da *Folha de Minas*, onde trabalha até 1945, quando se muda para o Rio de Janeiro. Em 1946, torna-se repórter político do *Diário de Notícias*, onde trabalha até 1948. Ao lado de Francisco de Assis Barbosa, é um dos principais redatores do jornal *Última Hora*, lançado no Rio por Samuel Wainer.

Tinha tal domínio sobre a escrita, que ficaram célebres alguns de seus casos enquanto jornalista e missivista. Muitas vezes causava polêmicas: se distraía publicando um artigo pela manhã no *Jornal do Brasil*, que ele mesmo respondia, no mesmo dia à tarde, publicando outro texto, em sentido contrário, na *Última Hora*. Ria depois, às gargalhadas, diante daquele falso choque que ele próprio provocara. A pedido, escrevia cartas importantes para políticos, tendo ocorrido de escrever uma carta no lugar do remetente, que assinava, e depois responder a mesma a pedido de quem a recebera.

Colabora de 1953 a 1956 na revista semanal *Manchete*, da qual Otto se torna depois diretor. Em 1965 é um dos fundadores da TV Globo; em 1967 estreia seu programa diário “O pequeno mundo de Otto Lara Resende”, e permanece na emissora até 1983. É editorialista do *Jornal do Brasil* até 1973 e em 1976 inicia colaboração semanal em *O Globo*. Em 1979, entra para a Academia Brasileira de Letras.

Grava em 1980 o LP duplo, para a Som Livre – *Os 4 mineiros* – e o lança em 1981, ao lado dos amigos da vida inteira: Hélio Pelegrino, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. Em 1991, passa a escrever na *Folha de São Paulo*. Aposenta-se como procurador do Estado do Rio de Janeiro.

Segundo apreciação de Murilo Mello Filho⁵, Otto foi um dos principais líderes e intérpretes da chamada Geração de 45, e herdeiro das tradições e do renome de mineiros como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Aníbal Machado, entre outros. Participaria, vinte anos depois, da segunda geração de conterrâneos ilustres: Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, João Etienne Filho, Hélio Pelegrino, Edgar da Mata Machado, Alphonsus de Guimaraens Filho e Wilson Figueiredo (este, mineiro de criação).

Dentro do espírito da geração de 45, Otto apresentava uma grande preocupação com a linguagem, com a criação e precisão das palavras. Murilo Mello Filho⁶ afirma que Otto era um escritor compulsivo, que escrevia por obrigação, torturado pela forma, reescrevendo seus textos várias vezes, como aconteceu no seu único romance – *O braço direito* – que, mesmo depois de editado, em 1964, foi todo reescrito. Para ele, reescrever significava uma busca da perfeição, como aconteceu nos seus cinco livros de contos: *O lado humano* (1952), *Boca do inferno* (1957), *O retrato na gaveta* (1962, com 9 contos e a novela “O carneirinho azul”), *As pompas do mundo* (1975), *O elo partido e outras histórias* (1991). Após sua morte em 1992 aos 70 anos, ocorreu a publicação de livros de crônicas e escritos jornalísticos.

Medeiros (2006: 69-70) ressalta que aquilo que mais caracteriza Otto são os textos aparentemente inspirados em velhas reminiscências dos seus tempos de Minas Gerais, porém a partir do terceiro livro, *O retrato na gaveta* (onde se encontra “GATO GATO GATO”), introduziu nas suas histórias cenários e personagens urbanos retirados do universo carioca. No conto citado, um menino em um quintal tenta decifrar um enigma: a essência do ser gato. O texto de Otto privilegia a análise da natureza humana: mostra de que formas o ser humano observa e tenta entender o mundo e seus mistérios. Segundo Eduardo Portella (apud MELO FILHO, 2002: 88), Otto “tinha a capacidade de conciliar a percepção do cotidiano com o horizonte do mundo, no qual se inscrevem as grandes questões espirituais”.

⁵ MELO FILHO, Murilo. Otto: oitenta anos depois. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. 80º aniversário de Otto Lara Resende. Rio de Janeiro: ABL, [2002]. p. 79. (Mesa-redonda realizada na ABL, no dia 21 de novembro de 2002, sob a coordenação de Alberto da Costa e Silva, com a participação de Arnaldo Niskier, Lêdo Ivo, Murilo Melo Filho e Benício Medeiros.) Disponível em <www.academia.org.br/abl/media/celebracao8b.pdf>. Acesso em 5 ago. 2013.

⁶ Ibid., p. 82.

Procedendo a essa análise da natureza humana, há no conto uma sondagem psicológica do narrador e das personagens. Um narrador intelectualizado, ao descrever ambiente, cenário, personagens, também emite avaliações sobre o homem e o mundo, a partir daquela cena do conto. E o narrador fica em sintonia com o pensamento das personagens.

O texto de Otto vem na esteira de um mestre do conto: o russo Anton Tchekhov. Ao invés de se preocupar em produzir um final surpreendente (técnica de Edgar Allan Poe), Tchekhov se esmera em construir o desenvolvimento e sua atmosfera: o jogo entre o dito e o não-dito, o que é oculto e o que é revelado é que aprisiona e sensibiliza o leitor. Muitas vezes o final, antes de ser uma solução, é um potencializador do conflito. Chamado de “conto de atmosfera”, influenciou muito os escritores americanos como Joyce, Borges, Machado, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Otto.

Desta forma, “GATO GATO GATO” não é uma narrativa que simplesmente se ocupe de contar uma história. É um conto que cria atmosfera. A atmosfera é caracterizada pela tensão entre dois personagens que são no texto antagonistas: o menino e o gato. O gato é um personagem apenas simbólico e emblemático, porque não tem nenhuma individualidade. O menino não, ele tem uma individualidade; é caracterizado como um personagem com certas singularidades: é um típico menino dentro de um quintal enfrentando alguns enigmas, que são de sua própria condição de menino. Tem uma relação com o quintal e há nesse lugar um invasor, que é o gato. Mas o gato está sempre ali, vem sempre ao quintal. Entretanto não é um gato determinado, que tem um determinado nome. É “o gato”, no sentido mais geral possível, representando a espécie e alguma coisa que é enigmática, um mistério para esse menino; a palavra “enigma” aparece no decorrer da história: “o menino tem um enigma a decifrar”.

Azeredo (2011:207) diz: "O gato ilude, como o demônio, mas o demônio não está no gato; está na vocação para a intolerância diante da liberdade, que se revela precocemente no menino: **ele mata o gato, mas é devorado pelo enigma.**" (negrito nosso), o que lembra Édipo. O personagem mítico decifra o enigma, mas esse novo Édipo, que é o menino, não decifra. Pelo contrário, ele é consumido pelo próprio enigma. Mata um gato, mas não é aquele primeiro gato, e é um animal que estava dormindo, completamente indefeso. Além disso, o enigma para ele era o gato em movimento, a astúcia do gato, sua agilidade, a capacidade que o gato tinha de fazer um movimento rápido naquela aparência de uma figura muito lenta, preguiçosa. Como juntar essas duas ideias? A ideia de que o gato é preguiçoso, é lento, vagaroso, porém produz movimentos

bruscos, rápidos, ágeis, para se livrar da pedrada, para percorrer o muro. O gato percorre o muro que é todo “coroadado de cacos de vidro” como se aquilo fosse um tapete, pois aquilo para o animal era inofensivo (usa-se inclusive este termo no conto).

Então, o enigma é a própria vida do gato. E o menino vai matar um gato que estava dormindo e praticamente “morto”. “Morto” no sentido de que não tinha naquele momento nenhuma manifestação daquilo que era a essência do gato. Então o enigma permanece. O menino mata um gato, mas perde a batalha para o enigma que o gato representa. Já que ele não pôde decifrar o enigma, tentou destruir a origem desse mistério, e, enfim, pode-se dizer que é a vitória da violência sobre a inteligência. De maneira ampliada, pode-se pensar na relação do homem com a natureza e sua constante tentativa de conhecê-la e controlá-la. Como o menino não tem a inteligência suficiente para decifrar o enigma, ele tenta uma última forma (inútil) de controle: a violência.

Como é conto de atmosfera, as ações são lentas, tudo é muito lento, há muitos elementos descritivos, muitas frases nominais. Sentimos que muitas dessas frases nominais podem ser sentidas pelo leitor como orações às quais foi suprimido o predicado. Por exemplo, a frase “Mas a presença do gato.”. “Mas” é uma conjunção adversativa, que deveria introduzir uma oração coordenada, mas o verbo parece nem ser necessário; o leitor é convidado a participar do jogo entre o dito e o não-dito e a sentir o verbo: “mas a presença do gato o perturbava”, “era um incômodo”, “atraía a atenção dele”. Esse predicado não aparece, criando uma lacuna a ser preenchida pelo leitor (sentido quase previsível no texto literário) e contribuindo para a atmosfera.

Em meio a tantas descrições, o conto se desenrola sem muito dinamismo, mas é estruturalmente narrativo, o que pode ser comprovado pela sequência de ações, levantadas abaixo, e sua relação de causa e efeito. Curioso notar que em meio aos verbos de ação, outros verbos, em sintonia com a descrição, ou estão elípticos ou aparecem em suas formas nominais, introduzindo uma oração adjetiva reduzida.

Sequência de Ações da Narrativa:

- 1) Familiar aos cacos de vidro inofensivos, o gato caminhava molengamente por cima do muro.
- 2) O menino ia erguer-se, apanhar um graveto, respirar o hálito fresco do porão. [...] Mas a presença do gato.

- 3) O gato [...] parou indeciso [...].
- 4) O menino pactuando com a mudez de tudo em torno. Captando o inarticulado segredo das coisas. Inventando um ser sozinho [imaginando o gato].
- 5) Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da presença do menino.
- 6) Ondulou de mansinho alguns passos; denunciados apenas na branda alavanca das ancas.
- 7) E o menino songa-monga, quietinho, conspirando no quintal [...].
- 8) No se olharem, o menino suspendeu a respiração [...]. O coração do menino batendo baixinho.
- 9) O gato olhando o menino vegetalmente nascendo do chão [...]. Nenhum movimento na estátua viva de um gato.
- 10) Menino e gato ronronando em harmonia com a pudica intimidade do quintal.
- 11) O gato olhou amarelo o menino.
- 12) O menino sentado, tramando uma posição mais prática.
- 13) O gato de pé, vigilantemente quadrúpede [...].
- 14) O menino desmanchou o desejo de qualquer gesto.
- 15) O gato, organizado para a fuga, indagava. [...] Deu três passos de veludo e parou [...] na iminência de um bote.
- 16) Duas rolinhas desceram [...] [do céu] até o chão. Beliscaram [...] um grãozinho [...] e de novo cortaram o ar excitadas, para longe.
- 17) O menino, forcejando para nomear o gato, por decifrá-lo.
- 18) E o gato consulta com a língua as presas esquecidas, mas afiadas. Todos os músculos a postos [...].
- 19) O gato, o alvo: a pedrada passou assobiando pela crista do muro.
- 20) O gato correu [...] e despencou-se do outro lado, sobre o quintal vizinho. [...] sumiu por baixo da parreira [...].
- 21) De cima do muro, o menino devassa o quintal vizinho.
- 22) Na imensa prisão do céu azul, flutuam distantes as manchas pretas dos urubus.
- 23) O menino pisou com o calcanhar [...] formigas [...]. Saiu manquitolando pelo portão [...].
- 24) [...] uma galinha sacudiu no ar parado a sua algazarra histórica.
- 25) [O menino] Agarrou-se à janela, escalou o primeiro muro, o segundo, e alcançou o telhado. [...] [Ficou sob a caixa d'água.] [...] Afastou o tijolo da coluna e [teve acesso aos seus objetos guardados em segredo].

26) Até que localizou embaixo, enrodilhado à sombra, junto do tanque: um gato. [Era outro gato, que dormia.] [...] O menino apanhou o tijolo com que vedava a entrada do mistério. [...] O tijolo partiu certo e desmanchou com estrondo a tranquila rodilha do gato.

27) Os sete fôlegos vencidos pela brutal desarmonia da morte.

28) Em cima do muro, [...] um gato – outro gato, o sempregato – transportava para a casa vizinha o tédio de um mundo impenetrável.

Se o texto se reduzisse às ações, como relatamos acima, perderia boa parte de sua força, porque é a atmosfera que sensibiliza o leitor. Assim, entre uma ação e outra, há várias sequências descritivas, com investigação psicológica. Nesse conto com muitas frases nominais, muitas sugestões e elipses, onde muita coisa não é dita pois pode ser presumida (e pede a participação do leitor no seu preenchimento), observamos que a estruturação sintática fica muito diferente de um texto narrativo comum, de um texto argumentativo ou mesmo descritivo não literário. O texto argumentativo é muito lógico, muito bem estruturado, organizado, com as relações lógicas estabelecidas pelas conjunções, períodos compostos completos, sem fragmentação, geralmente. A descrição em “GATO GATO GATO” é toda fragmentada, justamente porque quanto mais fragmentação mais emoção; quanto menos se usam conectivos que estabelecem a lógica, fica menos lógico e mais “emocional” o texto, é menos para o leitor raciocinar e mais para sentir, daí o valor expressivo. Assim, na hora de separar os SNs, fazer as classificações, a tarefa foi complicada, pelas inversões, pelas frases nominais e pelo afastamento de alguns adjetivos dos núcleos dos SNs, o que gerava muitas vezes dúvidas entre classificações, como adjunto adnominal ou predicativo; se o adjetivo iria fazer parte daquele SN ou estaria fora, como uma outra unidade. Observamos que podem ocorrer diferentes graus de integração do adjetivo dentro do SN (como já explicamos em 2.2.4), em 3 posições:

1º - o adjetivo anteposto ao substantivo;

2º - o adjetivo que se pospõe ao substantivo;

3º - o adjetivo que se pospõe ao substantivo separado por uma ligeira pausa.

Otto Lara Resende colocou muitas vezes o adjetivo em uma posição que não era esperada, com o intuito do estranhamento e da valorização expressiva, tornando muito relevante a informação dada pelo adjetivo. Por isso, na divisão dos SNs, classificamos vários adjetivos

distanciados do núcleo do SN como seus adjuntos adnominais e os consideramos como fazendo parte da estrutura do SN.

3.1.2.1 Sequência de SNs:

O texto é composto por título e nove segmentos de sentido. Dentro de cada um deles, será registrada a lista de SNs pertencentes aos trechos destacados, em ordem numérica pelo seu aparecimento no texto. Os SNs estarão entre colchetes e em negrito. Os SAdv são registrados por chaves e os SAdj e SPreps por parênteses. As anáforas elípticas serão anotadas com * (asterisco).

TÍTULO:

O autor repete a palavra “gato” três vezes, sugerindo uma presença forte, que ocupa espaços e beira a obsessão.

SN DO TÍTULO) [**[Gato] [Gato] [Gato]**]

PRIMEIRO SEGMENTO DE SENTIDO:

Neste segmento, os dois personagens principais, o gato e o menino, são apresentados em cena, e a simples presença do gato interfere nos planos do menino, transformando-se no conflito do conto (“Mas a presença do gato.”), pois se torna para o garoto um mistério a ser desvendado.

Corresponde ao 1º parágrafo do texto: “**Familiar aos cacos de vidro inofensivos, o gato** caminhava molengamente por cima do **muro. O menino** ia erguer-se, apanhar **um graveto**, respirar **o hálito fresco do porão. Sua úmida penumbra. Mas a presença do gato. O gato, que parou indeciso, o rabo na pachorra de uma quase interrogação.**”

1) [**(Familiar (a[os cacos (de vidro) (inofensivos)])) , o gato**]

- 2) { por cima d[o muro] } SN2 dentro do SAdv
- 3) [O menino]
- 4) [um graveto]
- 5) [O hálito (fresco) (do porão)]
- 6) [Sua (úmida) penumbra]
- 7) Mas [a presença (d[o gato])]
- 8) [O gato (que parou indeciso)]
- 9) [o rabo (n[a pachorra (de uma quase interrogação)])]

SEGUNDO SEGMENTO DE SENTIDO:

No 2º segmento, o narrador mostra o silêncio, a mudez como forma de preservar a intimidade, o segredo, o enigma de tudo que está em torno do menino. A adjetivação é muito interessante: “O inarticulado segredo das coisas”; só é segredo porque é inarticulado, porque não foi dito em palavras. O menino fica “inventando” sozinho um ser, imaginando o que seria um gato e como as palavras para designá-lo apreenderiam ou tentariam captar a essência desse ser. Para “inventar” esse bicho, ele pensa em vários nomes, buscando palavras para representar o felino.

O narrador diz: “Gato — leu no silêncio da própria boca.” É interessante a construção do sintagma nominal: “o silêncio da própria boca” mostra que a boca do menino faz silêncio porque ela pode fazer ruído, existe a possibilidade do contrário. Uma coisa é falar no silêncio da boca, outra coisa é falar no silêncio de um vegetal, no silêncio da pedra. Escrever “no silêncio da própria boca” é a insistência em frisar, enfatizar o silêncio como ausência de um ruído que

poderia existir. Não é um silêncio espontâneo ou natural, é um silêncio buscado, construído, intencional. E em discurso indireto livre vem a reflexão: “Na palavra não cabe o gato, toda a verdade de um gato.” Aqui há uma alusão a questões teóricas de referenciação: a linguagem verbal não é espelho do mundo e é totalmente incapaz de retratar cada objeto com a individualidade que o caracteriza e distingue em sua existência material, como já observava Otto Jespersen (1924: 63). E o que seria toda a verdade de um gato? Verdade sob que olhar? Assim, o narrador observa que “As coisas aceitam a incompreensão de um nome que não está cheio delas. Mas bicho, carece nomear direito.” Apesar de saber que a linguagem está aquém da realidade, há uma busca pela palavra do bicho gato, na tentativa de resolver o enigma: “Falta um nome completo, felinoso e peludo, ronronante de astúcias adormecidas.” Há uma alusão a velhas discussões sobre o signo: convenção ou motivação? E vários substantivos e adjetivos surgem ou são inventados, na tentativa de decifrar o ser gato.

Começa no 2º parágrafo e vai até o fim do 4º: **“Luminoso sol a pino e o imenso céu azul, calado, sobre o quintal. O menino pactuando com a mudez de tudo em torno — árvores, bichos, coisas. Captando o inarticulado segredo das coisas. Inventando um ser sozinho, na tontura de imaginações espontâneas como um gás que se desprende.**

Gato — leu no silêncio da própria boca. Na palavra não cabe o gato, toda a verdade de um gato. Aquele ali, ocioso, lento, emoliente — em cima do muro. As coisas aceitam a incompreensão de um nome que não está cheio delas. Mas bicho, carece nomear direito: como rinoceronte, ou girafa se tivesse mais uma sílaba para caber o pescoço comprido. Girarafa, girafafa. Gatimonha, gatimanco. Falta um nome completo, felinoso e peludo, ronronante de astúcias adormecidas: O pisa-macio, as duas bandas de um gato. Pezinhos de um lado, pezinhas de outro, leve, bem de leve para não machucar o silêncio de feltro nas mãos enluvadas.

O pelo do gato para alisar. Limpinho, o quente contato da mão no dorso, corcoveante e nodoso à carícia. O lânguido sono de morfínômano. O marzinho de leite no pires e a língua secreta, ágil. A ninhada de gatos, os trêmulos filhotes de olhos cerrados. O novelo, a bola de papel — o menino e o gato brincando. Gato lúdico. O gatorro, mais felino do que o cachorro é canino. Gato persa, gatochim — o espirro do gato de olhos orientais. Gato de

botas, as aristocráticas pantufas do gato. A manha do gato, gatimanha: teve uma gata miolenta em segredo chamada Alemanha.”

10) [[Luminoso sol (a pino)] e [o (imenso) céu (azul), (calado) (sobre [o quintal])]]

↓
ADJ. ADN.

11) [O menino]

12) (com [a mudez (de [tudo (em torno)])]) SN 12 dentro do SPrep

13) [[árvores], [bichos], [coisas]]

14) *captando [o (inarticulado) segredo (d[as coisas])]

15) *Inventando [um ser]

16) {n[a tontura (de [imaginações espontâneas como um gás (que se desprende)]) } }

└─> SN 16 dentro do SAdv de "inventando".

17) [Gato]

18) leu {n[o silêncio (d[a própria boca])] } SN 18 dentro do SAdv

interpretou silêncio buscado, construído, intencional

19) {N[a palavra *] } SN 19 dentro do SAdv

20) [[o gato], [[toda] [a verdade (de [um gato])]]]]

21)[(Aquele)*(ali),(ocioso),(lento),(emoliente)]

Adj. Adn. dêitico ↓ A.A. ↓ A.A.

Adj. Adns de 3º nível (nível mais frouxo)

“Aquele ali”: sobrevivência de uma estrutura de oração adjetiva: “aquele que está ali”.

- 22) {em cima (d[o muro]) } SN 22 dentro do SAdv
- 23) [As coisas]
- 24) [a incompreensão (de [um nome (que não está cheio delas)])]
- 25) [bicho]
- 26) {como [[rinoceronte] ou [girafa (se tivesse mais uma sílaba para caber o pescoço comprido)]] } SN 26 dentro do SAdv
- 27) [[Girarafa], [girafafa]]
- 28) [[Gatimonha], [gatimanh]]
- 29) [um nome * (completo), (felinoso) e (peludo), (ronronante (de [astúcias (adormecidas)]))]
- 30) [o pisa-macio]
- 31) [as duas bandas (de [um gato])]
- 32) [[Pezinhos* {de um lado}], [pezinhos* {de outro}, {leve, bem de leve}]]
- 33) [o silêncio (de feltro) (nas mãos enluvadas)]
- 34) [O pelo (d[o gato])]
- 35) (Limpinho), [o (quente) contato (d[a mão]) (n[o dorso *(corcoveante) e (nodoso) (à carícia)])]

(Limpinho) – É SAdj do SN 34.

36) [O (lânguido) sono* (de morfinômano)]

37) [[O marzinho (de leite) (no pires)] e [a língua* (secreta), (ágil)]]

38) [[A ninhada (de gatos)], [os (trêmulos) filhotes* (de [olhos (cerrados)])]]]

39) [[O novelo], [a bola (de papel)]]

40) [[O menino] e [o gato]]

41) [Gato (lúdico)]

42) [O gatorro, (mais felino do que [o cachorro] é canino)]

43) [[Gato (persa)], [gatochim]]

44) [o espirro (d[o gato (de [olhos (orientais)]))]]]

45) [[Gato (de botas)], [as (aristocráticas) pantufas (d[o gato])]]]

46) [[A manha (d[o gato])], [gatimanha]]

47) [Uma gata (miolenta) (chamada Alemanha)]

TERCEIRO SEGMENTO DE SENTIDO:

No terceiro segmento, o narrador caracteriza o menino como um personagem que busca identificação absoluta com seu espaço, ele quer se confundir com aquele ambiente para não parecer uma ameaça para o gato. E o gato olha o menino “vegetalmente nascendo do chão, como

árvore desarmada e inofensiva”. Ou seja, o menino se disfarça para poder surpreender o animal. O garoto “se finge de árvore”. O menino está o tempo todo fazendo coisas para reduzir o sinal de presença humana: suspende a respiração, seu coração bate baixinho.

“Menino e gato ronronando em harmonia com a pudica intimidade do quintal.” Nesse momento, o predicado é comum a menino e gato. Eles vão se igualando, porque no que eles se igualam pelas posturas, pelos gestos, pelas atitudes, eles se tornam cúmplices, e na verdade aquilo é uma estratégia do menino para poder ter a confiança do gato. Mas o gato não é bobo, não deixa ninguém conquistar a sua confiança, ele está sempre pronto para o pulo do gato. O uso do adjetivo “pudica” é importante: pudica porque não se exhibe, fica guardada dentro dela mesma como um mistério a mais. Por isso diz “em harmonia”. Aí tudo é um mistério: o gato é um mistério, o próprio quintal na sua composição é uma coisa misteriosa, com uma intimidade.

Esse segmento começa no 5º parágrafo e termina ao fim do 8º: “Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da presença do menino. Ondulou de mansinho alguns passos denunciados apenas na branda alavanca das ancas. Passos irreais, em cima do muro erigido de cacos de vidro. E o menino songamonga, quietinho, conspirando no quintal, acomodado com o silêncio de todas as coisas.

No se olharem, o menino suspendeu a respiração, ameaçando de asfixia tudo que em torno dele com ele respirava, num só sistema pulmonar. O translúcido manto de calma sobre o claustro dos quintais. O coração do menino batendo baixinho. O gato olhando o menino vegetalmente nascendo do chão, como árvore desarmada e inofensiva. A insciência, a inocência dos vegetais.

O ar de enfado, de sabe-tudo do gato: a linha da boca imperceptível, os bigodes pontudos, tensos por hábito. As orelhas acústicas. O rabo desmanchado, mas alerta como um leme. O pequeno focinho úmido embutido na cara séria e grave. A tona dos olhos reverberando como laguinhas ao sol. Nenhum movimento na estátua viva de um gato. Garras e presas remotas, antigas.

Menino e gato ronronando em harmonia com a pudica intimidade do quintal. Muro, menino, cacos de vidro, gato, árvores, sol e céu azul: o milagre da comunicação perfeita. A comunhão dentro de um mesmo barco. O que existe aqui, agora, lado a lado, navegando. A

confidência essencial prestes a exalar, e sempre adiada. E nunca. O gato, o menino, as coisas: a vida tímida e solidária. O teimoso segredo sem fala possível. Do muro ao menino, da pedra ao gato: como a árvore e a sombra da árvore.”

48) {em cima d[o muro] } SN 48 dentro do SAdv de “recebeu”

49) [o gato]

50) [o aviso (d[a presença (d[o menino])])]

51) *Ondulou de mansinho [alguns passos* (denunciados apenas n[a branda alavanca (d[as ancas])])]

52) [Passos* (irreais)]

53) {em cima d[o muro (erichado) (de [cacos (de vidro)])] } SN53 dentro do SAdv do verbo “ondulou”

54) [O menino (songa-monga), (quietinho), (conspirando no quintal), (acomodado com o silêncio de todas as coisas)]

55) [O menino]

56) [a *respiração]

57) (de [asfixia]) SN 57 dentro do SPrep

58) [tudo (que em torno d[ele] com [ele] respirava, num só sistema pulmonar)]

59) [O (translúcido) manto (de calma) (sobre o claustro (d[os quintais]))]

60) [O coração (d[o menino]) (batendo baixinho)]

61) [O gato (olhando [o menino (vegetalmente nascendo do chão, como árvore desarmada e inofensiva)])]

62) [[A insciência], [a inocência (d[os vegetais])]]

63) [O ar (de enfado), (de sabe-tudo) (d[o gato])]

64) [[a linha (d[a boca*]) (imperceptível)], [os bigodes* (pontudos), (tensos por hábito)]]

65) [As orelhas* (acústicas)]

66) [O rabo* (desmanchado), mas (alerta como um leme)]

67) [O (pequeno) focinho* (úmido) (embutido {n[a cara (séria) e (grave)] })]

68) [A tona (d[os olhos* (reverberando {como lagunhos ao sol})])]

69) [Nenhum movimento (n[a estátua (viva) (de [um gato])])]

70) [[garras] e [presas] (remotas), (antigas)]

71) [Menino e gato (ronronando em harmonia com a pudica intimidade do quintal)]

72) [[Muro], [menino], [cacos de vidro], [gato], [árvores], [sol] e [céu azul]]

73) [o milagre (d[a comunicação (perfeita)])]



É um SN de valor atributivo, como predicativo, que resume o SN 72 em um juízo, uma atribuição de valor. É como comentário do tópico “Muro, menino, cacos de vidro, gato, árvores, sol e céu azul”.

Os SNs 74, 75 e 76 têm o mesmo papel que o SN 73 em relação ao SN 72:

74) **[A comunhão (dentro de um mesmo barco)]**

75) **[O (que existe aqui, agora, lado a lado, navegando)]**

76) **[A confiança (essencial) (prestes a exalar), e (sempre adiada)]**

77) **[[O gato], [o menino], [as coisas]]**

78) **[a vida (túmida) e (solidária)]**

É um SN de valor atributivo, como predicativo, que resume o SN 77 em um juízo, uma atribuição de valor. É como comentário do tópico “O gato, o menino, as coisas”.

79) **[O (teimoso) segredo (sem fala possível)]** O SN 79 tem o mesmo papel que o SN 78 em relação ao SN 77.

80, 81 dentro dos SPreps) (D[o muro]) (a[o menino]),

82, 83 dentro dos SPreps) (d[a pedra]), (a[o gato])

84, 85 dentro do SAdv) {como [a árvore] e [a sombra (d[a árvore])] }

QUARTO SEGMENTO DE SENTIDO:

Nesse momento da narrativa, “o milagre da comunicação perfeita” está prestes a ser rompido. O menino ainda busca uma falsa tentativa de amizade com o gato, mas ele se prepara para o salto, percebendo o perigo.

O quarto segmento corresponde ao 9º e 10º parágrafos: **“O gato olhou amarelo o menino. O susto de dois seres que se agridem só por se defenderem. Por existirem e, não sendo um, se esquivarem. Quatro olhos luminosos — e todas as coisas opacas por testemunha. O estúpido muro coroado de cacos de vidro. O menino sentado, tramando uma posição mais prática. O gato de pé, vigilantemente quadrúpede e, no equilíbrio atento, a centelha felina. Seu íntimo compromisso de astúcia.**

O menino desmanchou o desejo de qualquer gesto. Gaturufo, inventou o menino, numa traiçoeira tentativa de aliança e amizade. O gato, organizado para a fuga, indagava. Repelia. Interrogava o momento da ruptura — como um toque que desperta da hipnose. Deu três passos de veludo e parou, retesando as patas traseiras, as patas dianteiras na iminência de um bote — para onde? Um salto acrobático sobre um rato atávico, inexistente.”

86) [O gato]

87) [O menino]

88) [O susto (de dois seres (que se agridem só por *se defenderem))] Por *existirem e, *não sendo um, *se esquivarem.

89) [(Quatro) olhos (luminosos)]

90) e [[todas] [as coisas opacas por testemunha]]

91) [O estúpido muro coroado de cacos de vidro]

92) [O menino (sentado), (tramando uma posição mais prática)]

93) [**[O gato (de pé), (vigilantemente quadrúpede)] e, [(n[o equilíbrio atento]), a centelha (felina)]]**]

94) **[Seu (íntimo) compromisso (de [astúcia])]** SN com valor atributivo em relação ao SN 93

95) **[O menino]**

96) **[o desejo de qualquer gesto*]**

97) **[Gaturufo]** gato + rufo (amarelo avermelhado, ruivo)

↓
Ou: gato + r + Ufo- sufixo formador de adjetivo em italiano, diminutivo afetivo, como ucho de fofucho, picorrucho.

98) **[o menino]**

99) {n[**uma (traíçoeira) tentativa* (de aliança e amizade)]** } SN 99 dentro do SAdv

100) **[O gato, (organizado para a fuga)]** *indagava. *Repelia.

101) *Interrogava **[o momento (d[a ruptura])]**

102) {como **[um toque (que desperta (d[a hipnose]))]** } SN 102 dentro do SAdv

103) *Deu **[três passos de veludo]**

104) *parou, *retesando **[as patas traseiras]**

105) **[as patas (dianteiras) na iminência de um bote]**

106) [Um salto (acrobático) (sobre [um rato (atávico), (inexistente)])]

QUINTO SEGMENTO DE SENTIDO:

Por um instante, o peso da atmosfera psicológica é quebrado por um dado da realidade: o aparecimento das rolinhas, que entram e saem de cena rapidamente.

É o 11º parágrafo: “Por **um momento**, foi como se **o céu** desabasse de **seu azul**: **duas rolinhas** desceram vertiginosas até **o chão**. Beliscaram levianas **um grãozinho de nada** e de novo cortaram **o ar** excitadas, para longe.”

107) {Por [um momento] } SN 107 dentro do SAdv

108 e 109 dentro do SAdv) {como se [o céu] desabasse de [seu azul] }

110) [duas rolinhas]

111) *Beliscaram levianas [um grãozinho de nada]

112)*cortaram [o ar]

SEXTO SEGMENTO DE SENTIDO:

No sexto segmento, a busca da harmonia com o gato (através da redução proposital dos sinais de presença humana) se torna impossível. O menino assume o gato como inimigo a ser vencido e sente ódio do muro que o limita, sente ódio por tudo que está fora dele e que não consegue decifrar, dominar: “O odioso mundo de fora do menino, indecifrável. Tudo que não é o menino, tudo que é inimigo.” Agride, sem efeito, o gato.

Esse segmento vai do 12º ao 15º parágrafo: “**O menino, forcejando por nomear o gato, por decifrá-lo. O gato mais igual a todos os gatos do que a si mesmo. Impossível qualquer**

intercâmbio: gato e menino não cabem num só quintal. Um muro permanente entre o menino e o gato. Entre todos os seres emparedados, o muro. A divisa, o limite. O odioso mundo de fora do menino, indecifrável. Tudo que não é o menino, tudo que é inimigo.

Nenhum rumor de asas, todas fechadas. Nenhum rumor.

Ah, o estilingue distante — suspira o menino no seu mais oculto silêncio. E o gato consulta com a língua as presas esquecidas, mas afiadas. Todos os músculos a postos, eletrizados. As garras despertadas unhando o muro entre dois abismos.

O gato, o alvo: a pedrada passou assobiando pela crista do muro. O gato correu elástico e cauteloso, estacou um segundo e despencou-se do outro lado, sobre o quintal vizinho. Inatingível às pedras e ao perigoso desafio de dois seres a se medirem, sumiu por baixo da parreira espapaçada ao sol.”

113) [O menino, (forcejando por nomear [o gato], por decifrá-[lo])]

114) [O gato mais igual a todos os gatos do que a si mesmo.] → mais representante da espécie do que individual!!!

115) [qualquer intercâmbio]

116) [[gato] e [menino]]

117) {n[um só quintal] } SN 117 dentro do SAdv

118) [Um muro (permanente) (entre [[o menino] e [o gato])]]

119) [(Entre [todos os seres emparedados]), [o muro]]

120) [[A divisa], [o limite]]

121) [O (odioso) mundo (de fora do menino), (indecifrável)]

|→SAdj como Adj. Adn.

122) [[**Tudo (que não é o menino)**], [**tudo (que é inimigo)**]]

123) [**Nenhum rumor (de asas)**]

124) [**todas* (fechadas)**]

125) [**Nenhum rumor**]

126) [**o estilingue distante**]

127) [**o menino**]

128) {n[**o seu (mais oculto) silêncio**] } SN 128 dentro do SAdv

129) [**o gato**]

130) {com [**a *língua**]} SN 130 dentro do SAdv

131) [**as presas (esquecidas), mas (afiadas)**]

132) [[**Todos**] [**os músculos (a postos), (eletrizados)**]]

133) [**As garras (despertas) (unhando [o muro (entre dois abismos)])]**]

134) [[**O gato**], [**o alvo**]]

135) [**a pedrada**]

136) {pel[**a crista do muro**]} SN 136 dentro do SAdv

137) [O gato]

138) *estacou [um segundo] SN 138 com valor adverbial

139 e 140 dentro do SAdv) e *despencou-se {d[o outro lado], sobre [o quintal (vizinho)]}

141 e 142 dentro dos SPreps) Inatingível (a[as pedras]) e (a[o perigoso desafio (de dois seres a se medirem)])

143) *sumiu {por baixo d[a parreira (espapaçada) (ao sol)] } SN 143 dentro do SAdv

SÉTIMO SEGMENTO DE SENTIDO:

O menino reflete sobre a batalha perdida, inútil. Sobre o muro, observa o quintal vizinho e sente a presença obsessiva (para ele) do gato ausente. Sente suas limitações e agora vê o céu azul, que já fora “o imenso céu azul” como “imensa prisão”. Toma uma decisão: vai para seu refúgio, sobre a casa, como lugar seguro, conhecido, que o acolhe, e onde guarda o seu mistério: “Pessoal, vedado aos outros.” E o menino que já olhara para o chão, investigando o outro quintal, olha para cima e percebe o céu como “a esfera indiferente do céu azul”. Faz associações em sequência entre “esfera” (do céu azul), “mundo”, “Deus” e “segredo”: todos são redondos e, por sua vez, indecifráveis, lembrando a música “Esotérico”, de Gilberto Gil: “se eu sou algo incompreensível, meu Deus é mais”. O menino observa as casas e os quintais.

O sétimo segmento de sentido se estende do 16º ao 22º parágrafos: “**O tiro ao alvo sem alvo. A pedrada sem o gato. Como um soco no ar: a violência que não conclui, que se perde no vácuo. De cima do muro, o menino devassa o quintal vizinho. A obsedante presença de um gato ausente. Na imensa prisão do céu azul, flutuam distantes as manchas pretas dos urubus. O bailado das asas soltas ao sabor dos ventos das alturas.**

O menino pisou com **o calcanhar a procissão de formigas atarantadas**. Só então percebeu que **lhe** escorria do **joelho esfolado um filete de sangue**. Saiu manquitolando pelo

portão, ganhou o patiozinho do fundo da casa. A sola dos pés nas pedras lisas e quentes. À passagem do menino, uma galinha sacudiu no ar parado a sua algazarra histórica.

A casa sem aparente presença humana.

Agarrou-se à **janela**, escalou **o primeiro muro, o segundo**, e alcançou **o telhado**. Andava descalço sobre **o limo escorregadio das telhas escuras**, retendo **o enfadonho peso do corpo** como quem segura **a respiração**. **O refúgio debaixo da caixa d'água, a fresca acolhida da sombra**. Na **caixa**, a **água gorgolejante numa golfada de ar**. Afastou **o tijolo da coluna** e enfiou **a mão: bolas de gude, o canivete roubado, dois caramujos com as lesmas salgadas na véspera. O mistério. Pessoal, vedado aos outros. Uma pratinha azinhavrada, o ainda perfume da caixa de sabonete. A estampa de São José, lembrança da Primeira Comunhão.**

Apoiado nos **cotovelos, o menino apanhou uma joaninha que se encolheu, hermética**. A joaninha indevassável, na palma da mão. E **o súbito silêncio da caixa d'água, farta, sua sede saciada**.

Do **outro lado da cidade**, partiram solenes **quatro badaladas no relógio da Matriz. O menino olhou a esfera indiferente do céu azul, sem nuvens. O mundo é redondo, Deus é redondo, todo segredo é redondo.**

As casas escarrapachadas, dando-se as costas, os quintais se repetindo na modorra da mesma tarde sem data.”

144) [O tiro ao alvo (sem alvo)]

145) [A pedrada (sem o gato)]

146) {Como [um soco (n[o ar])] } SN 146 dentro do SAdv

147) [a violência (que não conclui), (que se perde no vácuo)]

148) {De cima d[o muro] } SN 148 dentro do SAdv

149) [o menino]

150) [o quintal vizinho]

para o menino

151) [A (obsedante) presença (de [um gato ausente])] → Valor atributivo, predicativo

152) {N[a (imensa) prisão (d[o céu azul])] } SN 152 dentro do SAdv

153) [as manchas (pretas) (d[os urubus])]

154) [O bailado das asas (soltas) ao sabor (d[os ventos (das alturas)])]

155) [O menino]

156) { com [o *calcanhar] } SN 156 dentro do SAdv

157) [a procissão (das formigas (atarantadas))]

158) [Ihe] = d[ele]

159) { d[o *joelho esfolado] }

160) [um filete (de sangue)]

161) *Saiu manquitolando {pel[o portão]} SN 161 dentro do SAdv

162) *ganhou [o patiozinho (d[o fundo da casa])]

163) [A sola (d[os pés]) (n[as pedras lisas e quentes])]

164) {A [a passagem do menino] } SN 164 dentro do SAdv

180) [**[bolas (de gude)], [o canivete (roubado)], [dois caramujos (com as lesmas (salgadas na véspera))]]**]

181) **[O mistério]** - SN com valor atributivo em relação aos SNs 180, 182 e 183.

(Pessoal), (vedado aos outros). → 2 Adjs. Adns. do SN 181, mesmo pertencendo a outra frase nominal.

182) [**[Uma pratinha (azinhavrada)], [o ainda perfume (d[a caixa de sabonete)]]]**]

183) [**[A estampa (de São José)], [lembrança da Primeira Comunhão]]**]

184) **[o menino]**

185) **[uma joaninha (que se encolheu, (hermética))]**]

186) **[A joaninha (indepassável), na palma da mão]**

187) [**[o (súbito) silêncio (da caixa d'água, (farta))], [sua sede saciada]]**]

188) {D[o outro lado da cidade] } SN 188 dentro do SAdv

189) [**(quatro) badaladas (no relógio da Matriz)]**]

190) **[O menino]**

191) **[a esfera (indiferente) (do céu azul), (sem nuvens)]**

192) **[o mundo]**

193) **[Deus]**

194) [todo segredo]

195) [As casas (escarrapachadas) (dando-se as costas)]

196) [os quintais se repetindo na modorra da mesma tarde sem data]

OITAVO SEGMENTO DE SENTIDO:

Do alto de sua casa, o menino avista um outro gato, dormindo, indefeso, mas o iguala ao primeiro: “todos os gatos, hoje ou amanhã, são o mesmo gato. O gato-eterno.” Não podendo com o primeiro, mata o segundo, que estava imóvel. E vem uma sequência de frases numa belíssima tentativa de definir o que seja a morte: “O gato fora do gato, somente o corpo do gato. A imobilidade sem a viva presença imóvel do sono. O gato sem o que nele é gato. A morte, que é a ausência de gato no gato.” Enfim, o que sobra? “Gato — coisa entre as coisas.”

O penúltimo segmento vai do 23º ao 25º parágrafo: “Até que localizou embaixo, enrodilhado à sombra, junto do tanque: **um gato. Dormindo, a cara escondida entre as patas, a cauda invisível. Amarelo, manchado de branco de um lado da cabeça:** era **um gato. Na sua mira. Em cima do muro** ou **dormindo, rajado** ou **amarelo, todos os gatos,** hoje ou amanhã, são **o mesmo gato. O gato-eterno.**

O menino apanhou o tijolo com que vedava a entrada do mistério. Lá embaixo — **alvo fácil** — **o gato** dormia inocente **a sua sesta ociosa.** Acertar pendularmente na **cabeça** mal adivinhada na **pequena trouxa felina, arfante. Gato, gato, gato: lento bicho sonolento, a decifrar ou a acordar?**

A matar. O tijolo partiu certo e desmanchou com **estruído a tranquila rodilha do gato.** As **silenciosas patinhas enludadas** se descompassaram no **susto, na surpresa do ataque gratuito, no estertor da morte. A morte inesperada. A elegância desfeita, o gato convulso contorcendo as patas, demolida a sua arquitetura. Os sete fôlegos vencidos pela brutal desarmonia da morte. A cabeça de súbito esmigalhada, suja de sangue e tijolo. As presas**

inúteis, à mostra na boca entreaberta. O gato fora do gato, somente o corpo do gato. A imobilidade sem a viva presença imóvel do sono. O gato sem o que nele é gato. A morte, que é a ausência de gato no gato. Gato — coisa entre as coisas. Gato a esquecer, talvez a enterrar. A apodrecer.”

197) *localizou (**enrodilhado à sombra**) [um gato]

198) (Dormindo), [**a cara * escondida entre as patas**], [**a cauda * invisível**]
 Que dormia = SAdj. como ADJ. ADN. do SN 197.

(Amarelo), (manchado de branco de um lado da cabeça) → SAdjs do SN 197

199) [um gato].

(Na [sua mira]) → SAdj do SN 199.

200) [(Em cima do muro) ou (dormindo), (rajado) ou (amarelo), [todos] [os gatos]]
 Adjs. Adns. de “todos os gatos”

201) [o mesmo gato] → SN de valor atributivo, é predicativo do SN 200.

202) [O gato-eterno] → SN de valor atributivo, é predicativo do SN 200.

203) [O menino]

204) [o tijolo (com que vedava [a entrada do mistério])]

205) [alvo fácil] SN com valor predicativo em relação ao SN 206

206) [o gato]

- 207) [a sua sesta ociosa]
- 208) {n[a cabeça (mal adivinhada (n[a pequena trouxa (felina), (arfante)]))] }
- 209) [[Gato], [gato], [gato]]
- 210) [(lento) bicho (sonolento) (a decifrar) ou (a acordar?)] (A matar)
- 211) [O tijolo]
- 212) {com [estrondo] } SN 212 dentro de SAdv
- 213) [a (tranquila) rodilha do gato]
- 214) [As (silenciosas) patinhas (enluvadas)]
- 215, 216 e 217 dentro do SAdv) {n[o susto], n[a surpresa do ataque gratuito], n[o estertor da morte] }
- 218) [A morte (inesperada)]
- 219) [A elegância (desfeita)]
- 220) [O gato (convulso) (contorcendo [as patas]), (demolida [a sua arquitetura])]
- 221) [Os (sete) fôlegos (vencidos (pel[a brutal desarmonia da morte]))]
- 222) [A cabeça {de súbito} (esmigalhada), (suja de sangue e tijolo)]
- 223) [As presas (inúteis) (à mostra) (na boca entreaberta)]

224) [**O gato (fora do gato), somente [o corpo (do gato)]]**]

225) [**A imobilidade (sem [a (viva) presença (imóvel) (do sono)])]**]

226) [**O gato (sem [o (que nele é gato)])]**]

227) [**A morte, (que é a ausência de gato no gato)]**]

228) [**Gato**]

229) [**coisa (entre as coisas)**] SN com valor atributivo em relação ao SN 228.

230) [**Gato (a esquecer), talvez (a enterrar).] (A apodrecer).**]

NONO SEGMENTO DE SENTIDO:

Mais uma vez, a natureza como cenário, o muro como limite intransponível entre o menino e o mundo. E a presença de um novo gato, um terceiro, o “sempregato” como moto-contínuo, realimentando o conflito do conto, a necessidade de decifrar o mistério, que agora o menino já vê como derrota, como parte de “um mundo impenetrável”. Em contrapartida, o vento traz de longe “o vitorioso canto de um galo”.

O último segmento do texto compreende o 26º e 27º parágrafos: **“O silêncio da tarde invariável. O intransponível muro entre o menino e tudo que não é o menino. A cidade, as casas, os quintais, a densa copa da mangueira de folhas avermelhadas. O inatingível céu azul.**

Em cima do muro, indiferente aos cacos de vidro, um gato — outro gato, o sempregato — transportava para a casa vizinha o tédio de um mundo impenetrável. O vento quente que desgrenhou o mormaço trouxe de longe, de outros quintais, o vitorioso canto de um galo.”

231) [O silêncio (da tarde) (invariável)]

232) [O (intransponível) muro (entre [o menino] e [tudo (que não é o menino)])]

233) [[A cidade], [as casas], [os quintais], [a (densa) copa (da mangueira (de folhas avermelhadas))].]

234) [O (inatingível) céu azul]

235) {Em cima d[o muro] } SN 235 dentro de SAdv

236) [(indiferente a[os cacos de vidro]), um gato]

237) [[outro gato], [o empregado]] SN com valor atributivo

238) {para [a casa vizinha] } SN 238 dentro do SAdv

o tédio é do menino, na verdade

239) [o [→]tédio (de [um mundo (impenetrável)])]

240) [O vento (quente) (que desgrenhou [o mormaço])]

241) {de longe, de [outros quintais] } SN 241 dentro do SAdv

242) [o (vitorioso) canto (de um galo)]

3.1.2.2 Os tópicos do texto

No texto, há 242 SNs, sendo que vários deles são grandes, desdobrando-se em subsintagmas nominais. Alguns SNs fazem parte de mais de uma cadeia referencial. Os SNs foram organizados em 24 colunas, indo de A até X, correspondendo aos 24 tópicos do texto, citados abaixo:

A- o gato

B- o muro

C- o menino

D- um graveto

E- o porão

F- o quintal do menino

G- o céu azul

H- a mudez de tudo em torno (árvores, bichos, coisas)

I- as coisas

J- pedra/pedrada

K- o momento da ruptura (= o fim do "milagre da comunicação")

L- um momento (Obs: é outro momento, diferente de K)

M- duas rolinhas

N- um grãozinho de nada

O- o estilingue

P- formigas

Q- uma galinha

R- o ar parado

S- a casa do menino

T- a caixa d'água

U- uma joaninha

V- o odioso mundo de fora do menino (incluindo os outros quintais, as outras casas)

W- o tijolo

X- estrondo (oposto de silêncio, que era, de modo premeditado, mantido até o momento)

Os 8 tópicos acima sublinhados só aparecem em primeira menção; os outros 16 são desenvolvidos através de inúmeras recategorizações do SN, formando cadeias. Apresentaremos, portanto, as tabelas que correspondem às 16 cadeias referenciais desse texto. Neste segundo texto, a elipse ocorreu muitas vezes. Como ela também é uma forma de retomada, será especificada nas cadeias. Usamos * (asterisco) para representar a ocorrência de anáfora elíptica e esclarecemos nas tabelas qual é seu referente textual.

3.1.2.3 As cadeias referenciais do texto

1ª CADEIA – O GATO

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 1ª CADEIA
1	SN do TÍTULO) [GATO] [GATO] [GATO]]
2	SN 1) [(Familiar (a[os cacos (de vidro) (inofensivos) *])), o gato]
3	SN 7) Mas [a presença (d[o gato])]]
4	SN 8) [O gato (que parou indeciso)]
5	SN 9) [o rabo * (n[a pachorra (de uma quase interrogação)])] (* = do gato – anáfora elíptica)
6	SN 15) [um ser]
7	SN 17) [Gato]
8	SN 19 dentro do SAdv) { N[a palavra *] } (* = gato)
9	SN 20) [[o gato] , [[toda] [a verdade (de [um gato])]]]

10	SN 21) [[Aquele * (ali), (ocioso), (lento), (emoliente)] (* = gato)
11	SN 25) [bicho]
12	SN 26 dentro do SAdv de " carece nomear direito") { como [[rinoceronte] ou [girafa (se tivesse mais uma sílaba para caber o pescoço comprido)]] }
13	SN 27) [[Girarafa] , [girafafa]]
14	SN 28) [[Gatimonha] , [gatimanco]]
15	SN 29) [um nome * (completo), (felinoso) e (peludo), (ronronante (de [astúcias (adormecidas)]))] (* = para o gato)
16	SN 30) [O pisa-macio]
17	SN 31) [as duas bandas (de [um gato])]
18	SN 32) [[Pezinhos * {de um lado}], [pezinhos * {de outro}, {leve, bem de leve}]] (* =do gato)
19	SN 33) [o silêncio (de feltro) (nas mãos enluvadas)]
20	SN 34) [O pelo (d[o gato])]
21	SN 35) (Limpinho), [o (quente) contato (d[a mão]) (n[o dorso * (corcoveante) e (nodoso) (à carícia))]] (* = do gato)
22	SN 36) [O (lânguido) sono * (de morfinômano)] (* = do gato)
23	SN 37) [[O marzinho (de leite) (no pires)] e [a língua * (secreta), (ágil)]] (* = do gato)
24	SN 38) [[A ninhada (de gatos)] , [os (trêmulos) filhotes * (de [olhos (cerrados)])]] (* = de gato)
25	SN 39) [[O novelo], [a bola (de papel)]]
26	SN 40) [[o menino] e [o gato]]
27	SN 41) [Gato (lúdico)]
28	SN 42) [O gatorro , (mais felino do que [o cachorro] é canino)]
29	SN 43) [[Gato (persa)], [gatochim]]
30	SN 44) [o espirro (d[o gato (de [olhos (orientais)]))]]
31	SN 45) [[Gato (de botas)], [as (aristocráticas) pantufas (d[ogato])]]

32	SN 46) [[A manha (d[o gato])], [gatimanha]]
33	SN 47) [uma gata (miolenta) (chamada Alemanha)]
34	SN 49) [o gato]
35	SN 51) *Ondulou de mansinho [alguns passos*(denunciados apenas n[a branda alavanca (d[as ancas*])])] (1º * = o gato; 2º * = de gato)
36	SN 52) [Passos * (irreais)] (* = de gato)
37	SN 61) [O gato (olhando [o menino (vegetalmente nascendo do chão, como árvore desarmada e inofensiva)])]
38	SN 63) [O ar (de enfado), (de sabe-tudo) (d[o gato])]
39	SN 64) [[a linha (d[a boca*]) (imperceptível)], [os bigodes* (pontudos), (tensos por hábito)]] (* = do gato)
40	SN 65) [As orelhas * (acústicas)] (* = do gato)
41	SN 66) [O rabo* (desmanchado), mas (alerta como um leme)] (* = do gato)
42	SN 67) [O (pequeno) focinho* (úmido) (embutido {n[a cara (séria) e (grave)] })] (* = do gato)
43	SN 68) [A tona (d [os olhos * (reverberando { como laguinhos ao sol})])] (* = do gato)
44	SN 69) [Nenhum movimento (n[a estátua (viva) (de [um gato])])]
45	SN 70) [[Garras] e [presas (remotas), (antigas)] Obs: Os dois SAdjs se referem aos dois subsintagmas nominais
46	Subsintagma nominal dentro do SN 71) [[Menino] e [gato] (ronronando em harmonia com a pudica intimidade do quintal)] Obs: o SAdj se refere aos dois subsintagmas nominais
47	Subsintagma nominal do SN 72) [[Muro], [menino], [cacos de vidro], [gato], [árvores], [sol] e [céu azul]]
48	SN 73) [o milagre (d[a comunicação perfeita])] Valor atributivo, predicativo em relação ao SN 72
49	SN 74) [A comunhão (dentro de um mesmo barco)] Valor atributivo, predicativo em relação ao SN 72

50	SN 75) [O (que existe aqui, agora, lado a lado, navegando)] Valor atributivo, predicativo em relação ao SN 72
51	SN 76) [A confiança (essencial) (prestes a exalar), e (sempre adiada)] Valor atributivo, predicativo em relação ao SN 72
52	Subsintagma nominal do SN 77) [[o gato], [o menino], [as coisas]]
53	SN 78) [a vida (túmida) e (solidária)] Valor atributivo, predicativo em relação ao SN 77
54	SN 79) [O (teimoso) segredo (sem fala possível)] Valor atributivo, predicativo em relação ao SN 77
55	SNs 83 [o gato] dentro de um SPrep (D[o muro]) (a[o menino]), (d[a pedra]) (a[o gato]): {como [a árvore] e [a sombra da árvore] }
56	SN 86) [O gato]
57	Subsintagma nominal do SN 88) [O susto (de [dois seres (que se agriem só por * se defenderem)])]. Por * existirem e, * não sendo um, * se esquivarem. (* = os dois seres: o gato e o menino)
58	SN 89 [Quatro olhos (luminosos)]
59	SN 93) [[O gato (de pé, (vigilantemente quadrúpede)] e, [(n[o equilíbrio atento*]), a centelha (felina)]] (* = do gato)
60	SN 94) [Seu (íntimo) compromisso (de [astúcia])] SN 94 com valor atributivo em relação ao SN 93
61	SN 97) [Gaturufo]
62	SN 100) [O gato, (organizado para a fuga)], indagava. *Repelia. (* = o gato)
63	SN 102 dentro do SAdv) { como [um toque (que desperta (d [a hipnose*]))] } (* = do gato)
64	SN 103) * Deu [três passos (de veludo)]
65	SN 104) * parou, retesando [as * patas (traseiras)] (1º * = o gato; 2º * = do gato)
66	SN 105) [as patas (dianteiras)* na iminência de um bote] (* = do gato)
67	SN 106) [Um salto (acrobático*) (sobre [um rato (atávico), (inexistente)])] (* =

	do gato)
68	Subsintagmas nominais do SN 113) [o menino, (forcejando por nomear [o gato], por decifrá-[lo])]
69	SN 114) [O gato mais igual a todos os gatos do que a si mesmo]
70	SN 115) [qualquer intercâmbio *] (* = entre o menino e o gato)
71	Subsintagma nominal do SN 116) [[gato] e [menino]]
72	Subsintagma nominal dentro de um SAdj do SN 118) [Um muro (permanente) (entre [[o menino] e [o gato])]
73	SN 129) [o gato]
74	SN 130 dentro do SAdv) { com [a * língua] } (* = do gato)
75	SN 131) [as presas * (esquecidas), mas (afiadas)] (* = do gato)
76	SN 132) [[Todos] [os músculos* (a postos), (eletrizados)]] (* = do gato)
77	SN 133) [As garras (despertas)] (* = do gato)
78	SN 134) [[O gato], [o alvo]]
79	SN 137) [O gato]
80	SN 138) * estacou [um segundo] SN com valor adverbial
81	SN 139 e 140) * despencou-se { d[o outro lado], sobre [o quintal (vizinho)] } (* = o gato)
82	Subsintagma nominal dentro do SN 142 dentro do SPrep) Inatingível (a [as pedras]) e (a[o perigoso desafio (de [dois seres a se medirem])])
83	SN 143 dentro do SAdv) * sumiu {por baixo d[a parreira (espapaçada) (ao sol)] } (* = o gato)
84	SN 151) [A (obsedante) presença * (de [um gato (ausente)])]
85	SN 197) [um gato] (Dormindo) (Amarelo), (manchado de branco de um lado da cabeça) (A partir daqui é o outro gato, UM SEGUNDO, o que dormia, que se confunde com o outro enquanto ser da mesma espécie e mistério)
86	SN 198) [[a cara* (escondida entre as patas)], [a cauda invisível]] (* = do gato)
87	SN 199) [um gato] SN com valor atributivo

88	SN 200) [(Em cima do muro) ou (dormindo), (rajado) ou (amarelo), [[todos] [os gatos]]]
89	SN 201) [o mesmo gato] SN de valor atributivo, é predicativo
90	SN 202) [O gato-eterno]
91	SN 205) [alvo (fácil)] SN com valor predicativo em relação ao SN 206
92	SN 206) [o gato]
93	SN 207) [a sua sesta (ociosa)]
94	SN 208 dentro do SAdv) {n[a cabeça (mal adivinhada (n[a (pequena) trouxa (felina), (arfante)]))] } }
95	SN 209) [[Gato], [gato], [gato]]
96	SN 210) [(lento) bicho (sonolento) (a decifrar) ou (a acordar?)] (A matar)
97	SN 213) [a (tranquila) rodilha (do gato)]
98	SN 214) [As (silenciosas) patinhas (enluvadas)*] (* = do gato)
99	SNs 215, 216 e 217 dentro do SAdv { n[o susto], n[a surpresa do ataque gratuito], n[o estertor da morte] }
100	SN 218) [A morte (inesperada)*] (* = do gato)
101	SN 219) [A elegância * (desfeita)] (* = do gato)
102	SN 220) [o gato (convulso) (contorcendo [as patas]), (demolida [a sua arquitetura])]
103	SN 221) [Os (sete) fôlegos* (vencidos pel[a brutal desarmonia da morte])] (* = do gato)
104	SN 222) [A cabeça * {de súbito} (esmigalhada), (suja de sangue e tijolo)] (* = do gato)
105	SN 223) [As presas (inúteis) {à mostra} na boca entreaberta*] (* = do gato)
106	SN 224) [[O gato (fora do gato)], somente [o corpo (do gato)]]
107	SN 225) [A imobilidade* (sem [a (viva) presença (imóvel) (do sono)])] (* = do gato)
108	SN 226) [O gato (sem [o (que nele é gato)])]

109	SN 227) [A morte* , (que é a ausência de gato no gato)] (* = do gato)
110	SN 228) [Gato]
111	SN 229) [coisa (entre as coisas)] SN com valor atributivo em relação ao SN 228
112	SN 230) [Gato (a esquecer), talvez (a enterrar)]. (A apodrecer).
113	SN 236) [(indiferente a[os cacos de vidro*]), um gato] (Aqui, já é UM TERCEIRO gato.)
114	SN 237) [[outro gato], [o empregato]] SN com valor atributivo

2ª CADEIA – O MURO

OCORRÊNCIAS	SNs da 2ª CADEIA
1	SN 1) [(Familiar a[os cacos (de vidro) (inofensivos) *]), o gato] (* = do muro)
2	SN 2 dentro do SAdv de “caminhava”) { por cima d[o muro] }
3	SN 22 dentro do SAdv) { em cima d[o muro] }
4	SN 48 dentro do SAdv de “recebeu”) { em cima d[o muro] }
5	SN 53 dentro do SAdv do verbo “ondulou”) { em cima d[o muro (erizado) (de [cacos (de vidro)])] }
6	Subsintagmas nominais do SN 72) [[Muro], [menino], [cacos de vidro], [gato], árvores], [sol] e [céu azul]]
7	SNs 80 [o muro] dentro do SPrep) (D[o muro] (a[o menino]), (d[a pedra]) (a[o gato])) : {como [a árvore] e [a sombra da árvore] }
8	SN 91) [O (estúpido) muro (coroadado de cacos de vidro)]

9	SN 118) [Um muro (permanente) (entre [[o menino] e [o gato]]]
10	SN 119) [(Entre [[todos] [os seres emparedados]]), [o muro]]
11	SN 120 com valor predicativo em relação ao SN 119) [[A divisa], [o limite]]
12	SN 121) [O (odioso) mundo (de fora d[o menino]), (indecifrável)]
13	SN 122) [[Tudo (que não é o menino)], [tudo (que é inimigo)]]
14	Subsintagma do SN 133) [As garras despertadas (unhando [o muro (entre dois abismos)])]
15	SN 136 dentro do SAdv) { pel[a crista do muro] }
16	SN 148 dentro do SAdv) { De cima d[o muro] }
17	SN 232) [O (intransponível) muro (entre [o menino] e [tudo (que não é [o menino])]]]
18	SN 235 dentro do SAdv) {Em cima d[o muro] }
19	SN 236) [(indiferente a[os cacos de vidro*]), um gato] (* = do muro)

3ª CADEIA – O MENINO

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 3ª CADEIA
1	SN 3) [o menino]
2	SN 11) [o menino]
3	SN 14) * Captando [o (inarticulado) segredo (d[as coisas])] (* = o menino)
4	SN 15) * Inventando [um ser] (* = o menino)

5	SN 16 dentro do SAdv de "inventando") { n[a tontura (de [imaginações* (espontâneas) como [um gás (que se desprende)])]] } (* = do menino)
6	SN 18) * leu { (n[o silêncio (d[a própria boca])]) } (* = o menino)
7	SN 40) [[o menino] e [o gato]]
8	SN 50) [o aviso (d[a presença (d [o menino])])]
9	SN 54) [o menino (songa-monga), (quietinho), (conspirando no quintal), (acomodado com o silêncio de todas as coisas)]
10	SN 55) [o menino]
11	[SN 56) [a * respiração] (* = do menino)
12	SN 57 dentro do SPrep) *ameaçando (de [asfixia]) (* = o menino)
13	Subsintagma nominal [ele] dentro do SN 58) [tudo (que em torno d[ele] com [ele] respirava, num só sistema pulmonar)]
14	SN 60) [O coração (d[o menino]) (batendo baixinho)]
15	Subsintagma nominal dentro do SAdj que pertence ao SN 61) [O gato (olhando [o menino (vegetalmente nascendo do chão, como árvore desarmada e inofensiva)])]
16	SN 62) [[A insciência], [a inocência (d[os vegetais])]]
17	Subsintagma do SN 71) [[Menino] e [gato] (ronronando em harmonia com a pudica intimidade do quintal)]
18	Subsintagma nominal do SN 72) [[Muro], [menino], [cacos de vidro], [gato], [árvores], [sol] e [céu azul]]
19	SN 73 de valor atributivo, predicativo em relação ao SN 72) [o milagre (d[a comunicação perfeita])]]
20	SN 74 de valor atributivo, predicativo em relação ao SN 72) [A comunhão (dentro de um mesmo barco)]
21	SN 75 de valor atributivo, predicativo em relação ao SN 72) [O (que existe aqui, agora, lado a lado, navegando)]
22	SN 76 de valor atributivo, predicativo em relação ao SN 72) [A confidência (essencial) (prestes a exalar), e (sempre adiada)]

23	Subsintagma nominal dentro do SN 77) [[o gato], [o menino], [as coisas]]
24	SN 78 de valor atributivo, predicativo em relação ao SN 77) [a vida (túmida) e (solidária)]
25	SN 79 de valor atributivo, predicativo em relação ao SN 77) [O (teimoso) segredo (sem fala possível)]
26	SN 81 dentro do SPrep) (D[o muro]) (a[o menino]), (d[a pedra] a[o gato]) : {como [a árvore] e [a sombra da árvore]}
27	SN 87) [o menino]
28	SN 88) [O susto (de [dois seres (que se agriem só por * se defenderem)])]. Por * existirem e, * não sendo um, * se esquivarem. (* = dois seres, o menino e o gato).
29	SN 89) [Quatro olhos (luminosos)]
30	SN 92) [O menino (sentado), (tramando uma posição mais prática)]
31	SN 95) [O menino]
32	SN 96) [o desejo de qualquer gesto *] (* = do menino)
33	[SN 98) [o menino]
34	SN 99 dentro do SAdv) { n[uma (traíçoeira) tentativa *(de [aliança e amizade])] } (* = do menino)
35	SN 113) [o menino, (forcejando por nomear [o gato], por decifrá-[lo])]
36	SN 115) [qualquer intercâmbio*] (* = entre o menino e o gato)
37	SN 116) [[gato] e [menino]]
38	Subsintagma dentro de um SAdj do SN 118) [Um muro (permanente) (entre [[o menino] e [o gato]]
39	Subsintagma do SN 121) [O (odioso) mundo (de fora d[o menino], (indecifrável)]
40	Subsintagma do SN 122) [[Tudo (que não é [o menino])], [tudo (que é inimigo)]]
41	SN 127) [o menino]
42	SN 128 dentro do SAdv) { n [o seu (mais oculto) silêncio] }
43	SN 149) [o menino]

44	SN 151) [A (obsedante) presença * (de [um gato (ausente)])] (* = para o menino)
45	SN 155) [O menino]
46	SN 156 dentro do SAdv) {com [o * calcanhar]} (* = do menino)
47	SN 158) [lhe] = d[ele]
48	SN 159 dentro do SAdv) {d[o joelho esfolado]}
49	SN 160) [um filete (de sangue)]
50	SN 161 dentro do SAdv) * Saiu {manquitolando { pel[o portão]} } (* = o menino)
51	SN 162) * ganhou [o patiozinho (d[o fundo da casa)] (* = o menino)
52	SN 163) [A sola (d[os pés*]) (n[as pedras (lisas) e (quentes)] SN 162 (* = do menino)
53	Subsintagma nominal do SN 164 dentro do SAdv) {A [a passagem (d[o menino)]] }
54	SN 169) * Agarrou-se a [a janela] (* = o menino)
55	SN 170) * escalou [[o (primeiro) muro], [o segundo*]] (1º * = o menino; o 2º * = muro)
56	SN 171) * alcançou [o telhado] (* = o menino)
57	SN 172 dentro do SAdv) * Andava descalço {sobre [o limo (escorregadio) (d[as telhas (escuras)])] } (* = o menino)
58	SN 173 dentro do SAdv) { *retendo [o (enfadonho) peso (do corpo)] { como quem segura [a respiração] } } (* = o menino)
59	SN 175) [[O refúgio * debaixo d[a caixa (d'água)], [a (fresca) acolhida (d[a sombra])]]] (* = do menino)
60	SN 178) *Afastou [o tijolo (d[a coluna])] (* = o menino)
61	SN 179) e * enfiou [a mão] (* = o menino)
62	SN 180) [[bolas (de gude)*], [o canivete (roubado)], [dois caramujos* (com as lesmas (salgadas na véspera))]] (* = do menino)

63	SN 181 com valor atributivo em relação aos SNs 180, 182 e 183) [O mistério] (Pessoal), (vedado aos outros) são 2 SAdjs do SN 181
64	SN 182) [[Uma pratinha* (azinhavrada)}, [o ainda perfume (d[a caixa de sabonete*])]] (* = do menino)
65	SN 183) [[A estampa (de São José)], [lembrança da Primeira Comunhão*]] (* = do menino)
66	SN 184) [o menino]
67	SN 190) [O menino]
68	SN 197) * localizou [um gato] (* = o menino)
69	Subsintagma [a sua mira] dentro do SAdj do SN 199) [um gato (N[a sua mira])]
70	SN 203) [O menino]
71	Subsintagmas do SN 232) [O (intransponível) muro (entre [o menino] e [tudo (que não é [o menino])])]

4ª CADEIA – O PORÃO

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 4ª CADEIA
1	SN 5) [o hálito (fresco) (d[o porão])]
2	SN 6) [Sua (úmida) penumbra]

5ª CADEIA – O QUINTAL (DO MENINO)

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 5ª CADEIA
1	Subsintagma do SN 10) [[Luminoso sol (a pino)] e [o (imenso) céu (azul), (calado), (sobre [o quintal])]]
2	Subsintagma nominal dentro do SN 54) [o menino (songa-monga), (quietinho), (conspirando n[o quintal]), (acomodado com o silêncio de todas as coisas.)]
3	Subsintagma do SN 59) [O (translúcido) manto (de calma) (sobre [o claustro (d[os quintais]))])]
4	SN dentro de um SAdv do SAdj do SN 71) [[Menino] e [gato] (ronronando {em harmonia com [a (pudica) intimidade (d[o quintal])] })]
5	SN 72) [[Muro], [menino], [cacos de vidro], [gato], [árvores], [sol] e [céu azul]]
6	SN 73 de valor atributivo, predicativo em relação ao SN 72) [o milagre (d[a comunicação perfeita])]
7	SN 117 dentro do SAdv) { n[um só quintal] }

6ª CADEIA – O CÉU AZUL

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 6ª CADEIA
1	Subsintagma nominal dentro do SN 10) [[Luminoso sol (a pino)] e [o (imenso) céu (azul), (calado), (sobre [o quintal])]]
2	SN 108 e 109 dentro do SAdv) { como se [o céu] desabasse de [seu azul] }
3	SN 152) { N[a (imensa) prisão (d[o céu azul])] }
4	SN 153) [as manchas (pretas) (d[os urubus])]
5	Subsintagma dentro do SN 154) [O bailado (d[as asas (soltas) ao sabor (d[os ventos (d[as alturas]))])] SN 153
6	SN 191) [a esfera (indiferente) (do céu azul), (sem nuvens)]]
7	SN 192) [o mundo]
8	SN 193) [Deus]
9	SN 194) [[todo] [segredo]]
10	SN 234 [O (inatingível) céu (azul)]

7ª CADEIA – A MUDEZ DE TUDO EM TORNO (ÁRVORES, BICHOS, COISAS)

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 7ª CADEIA
1	SN 12 dentro do SPrep) (com [a mudez (de [tudo (em torno)])])
2	SN 14) [o (inarticulado) segredo (d[as coisas])]
3	Subsintagma dentro de um SAdj do SN 54) (acomodado com [o silêncio (de [todas as coisas])])
4	SN 79 de valor atributivo, predicativo [O (teimoso) segredo (sem fala possível)]
5	SN 123) [Nenhum rumor (de asas)]
6	SN 124) [todas * (fechadas)]
7	SN 125) [Nenhum rumor]

8ª CADEIA – AS COISAS

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 8ª CADEIA
1	Subsintagma nominal dentro do SN 12) [a mudez (de [tudo (em torno)])]
2	Subsintagma nominal do SN 13) [[árvores], [bichos], [coisas]]
3	Subsintagma nominal do SN 14) [o (inarticulado) segredo (d[as coisas])]

4	SN 23) [As coisas]
5	Subsintagma nominal do SN 24) [a incompreensão (de [um nome (que não está cheio d[elas])])]
6	Subsintagma dentro de um SAdj do SN 54) (acomodado com [o silêncio (de [todas as coisas])])
7	SN 58) [tudo (que em torno dele com ele respirava, num só sistema pulmonar)]
8	Subsintagma nominal dentro do SN 77) [[o gato], [o menino], [as coisas]]
9	SN 78 de valor atributivo, predicativo em relação ao SN 77) [a vida (túmida) e (solidária)]
10	SN 79 de valor atributivo, predicativo em relação ao SN 77) [O (teimoso) segredo (sem fala possível)]
11	SN 90) [[todas] [as coisas (opacas)] por testemunha]]
12	SN 228 [Gato]
13	SN 229) [coisa entre as coisas]

9ª CADEIA – PEDRA/PEDRADA

OCORRÊNCIAS	SNs da 9ª CADEIA
1	SN 82 dentro do SPrep) (D[o muro]) (a[o menino]), (d[a pedra]) (a[o gato]):{ como [a árvore] e [a sombra da árvore] }
2	SN 135) [a pedrada]
3	SN 141 dentro do SPrep) Inatingível (a[as pedras]) e (a[o perigoso desafio (de [dois seres a se medirem])])

4	SN 144 com valor predicativo em relação ao SN 135) [O tiro ao alvo (sem alvo)]
5	SN 145 com valor predicativo em relação ao SN 135)) [A pedrada (sem [o gato])]
6	SN 146 dentro do SAdv, com valor predicativo em relação ao SN 135)) { Como [um soco (n[o ar])] }
7	SN 147 com valor predicativo em relação ao SN 135) [a violência (que não conclui), (que se perde no vácuo)]

10ª CADEIA – O MOMENTO DA RUPTURA(= o fim do "milagre da comunicação")

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 10ª CADEIA
1	SN 101) *Interrogava [o momento (d[a ruptura])] : o fim do "milagre da comunicação"
2	SN 102 dentro do SAdv) { como [um toque (que desperta (d [a hipnose*]))] }

11ª CADEIA – DUAS ROLINHAS

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 11ª CADEIA
1	SN 110) [duas rolinhas]
2	SN 111) * Beliscaram [um grãozinho de nada] (* = duas rolinhas)
3	SN 112) * cortaram [o ar] (* = duas rolinhas)

12ª CADEIA – A CASA (DO MENINO)

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 12ª CADEIA
1	SN 162) *ganhou [o patiozinho (d[o fundo da casa])]
2	SN 168) [A casa (sem [(aparente) presença humana)]]

13ª CADEIA – A CAIXA D'ÁGUA

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 13ª CADEIA
1	SN 175) [[O refúgio * debaixo d[a caixa (d'água)], [a (fresca) acolhida (d[a sombra])]]]
2	SN 176 dentro do SAdv) { N[a caixa] }
3	SN 177) [a água * (gorgolejante) (n[uma golfada de ar])]
4	SN 187) [o (súbito) silêncio (d[a caixa (d'água), (farta)])], [sua sede saciada]]

14ª CADEIA – UMA JOANINHA

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 14ª CADEIA
1	SN 185) [uma joaninha (que se encolheu), (hermética)]
2	SN 186) [A joaninha (indepassável), na palma da mão]

15ª CADEIA - O ODIOSO MUNDO DE FORA DO MENINO

(incluindo as outras casas e quintais)

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 15ª CADEIA
1	SN 121) [O (odioso) mundo (de fora d[o menino]), (indecifrável)]
2	SN 122) [[Tudo (que não é o menino)] , [tudo (que é inimigo)]]
3	SN 150) [o quintal vizinho]
4	SN 188 dentro do SAdv) { D[o outro lado da cidade] }
5	SN 189) [(quatro) badaladas (no relógio da Matriz)]
6	SN 195) [As casas (escarrapachadas) (dando-se as costas)]
7	SN 196) [os quintais (se repetindo na modorra da mesma tarde sem data)]
8	SN 231) [O silêncio (da tarde) (invariável)]
9	SN 232) [O (intransponível) muro (entre [o menino] e [tudo (que não é o menino)])]
10	SN 233) [[A cidade], [as casas], [os quintais], [a (densa) copa (da mangueira de folhas avermelhadas)]
11	SN 234) [O (inatingível) céu (azul)]
12	SN 238 dentro do SAdv) { para [a casa vizinha] }
13	SN 239) [o tédio (de [um mundo (impenetrável)])]
14	SN 240) [O vento (quente) (que desgrenhou [o mormaço])]
15	SN 241 dentro do SAdv) {de longe, de [outros quintais] }
16	SN 242) [o vitorioso canto de um galo]

16ª CADEIA – O TIJOLO

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 16ª CADEIA
1	SN 178) [o tijolo (d[a coluna]
2	SN 204) [o tijolo (com que vedava [a entrada do mistério])]
3	SN 211) [O tijolo]
4	Subsintagma dentro do SPrep do SN 222) [A cabeça * {de súbito} (esmighada), (suja de [sangue e tijolo])] (* = do 2º gato)

3.1.2.4 Estatística dos SNs das cadeias e análise da referenciação

Por meio da descrição das cadeias referenciais do conto de Otto Lara Resende, foi possível acompanhar a progressão dos SNs e dos tópicos discursivos, que se revelou coerente com: a) o modo de organização narrativo do gênero textual conto, b) os personagens principais e o conflito da narrativa, c) a forte presença do modo descritivo, por tratar-se de conto de atmosfera. Os tópicos discursivos expressos em SNs com os maiores números de recategorizações são os mais importantes informacionalmente e são justamente aqueles que mais contribuem para a construção da atmosfera. Eles estão na seguinte ordem:

Colocação	SNs/tópicos	Nº de aparições no texto
1º	“o gato”	1 categorização + 113 recategorizações
2º	“o menino”	1 categorização + 70 recategorizações.
3º	“o odioso mundo de fora do menino”	1 categorização + 15 recategorizações
	“as coisas”	1 categorização + 12 recategorizações
	“o céu azul”	1 categorização + 9 recategorizações
	OBS: Os três tópicos aparecem juntos porque estão diretamente ligados, constituem um tópico maior, que é o mistério de tudo no mundo (além do gato).	
4º	“o muro”	1 categorização + 18 recategorizações.
5º	“o quintal do menino”	1 categorização + 6 recategorizações
5º	“pedra/pedrada”	1 categorização + 6 recategorizações
5º	“a mudez de tudo em torno”	1 categorização + 6 recategorizações
6º	“a caixa d’água”	1 categorização + 3 recategorizações
6º	“o tijolo”	1 categorização + 3

		recategorizações
7º	“duas rolinhas”	1 categorização + 2 recategorizações
8º	“a casa do menino”	1 categorização + 1 recategorização
8º	“o porão”	1 categorização + 1 recategorização
8º	“o momento da ruptura	1 categorização + 1 recategorização
8º	“uma joaninha”	1 categorização + 1 recategorização

O gato, como personagem principal do conto e deflagrador do conflito, é o que contém maior número de SNs a ele relacionados: **1** categorização + **113** recategorizações. O gato é o grande mistério a ser decifrado, é o grande enigma que acaba “devorando” e derrotando o menino. Os três gatos que aparecem foram categorizados na mesma cadeia, pois fazem parte de um “moto-contínuo”: são três que dão continuidade ao mistério da existência do ser gato, não enquanto individualidade, mas enquanto espécie. Os três são exemplares do mesmo ser. É algo parcialmente semelhante ao que ocorrera no texto de Dalcídio: o sr. José Américo “de ontem” e o “de hoje” são facetas do mesmo ser e por isso ficaram na mesma cadeia. Só que o sr. José Américo era um ser que se dividia em dois por suas posições antagônicas. Por isso, o nome próprio não era suficiente para referenciá-lo, Dalcídio atribuía-lhe ao nome adjetivações. Os gatos são três que representam “o gato”, a espécie, a continuidade do mistério.

É como aparece no próprio título, síntese do texto: GATO GATO GATO. A presença absoluta do ser gato, que se torna uma obsessão para o menino. Para lidar com essa obsessão, ele se propõe à total apreciação do ser gato, à tentativa de fazer-se um próximo, um igual, “ronronando em harmonia”, e principalmente à exaustiva referenciação do gato na tentativa de, ao nomeá-lo, conseguir “etiquetá-lo”, defini-lo, e controlá-lo, resolvendo o mistério por meio da palavra, o que se mostrou impossível. Seguindo Tchekhov, ao fim deste conto de atmosfera não

há um final surpreendente ou a solução do conflito: o aparecimento do terceiro gato é uma forma de não solução, de potencializar o conflito, que permanece, como moto-contínuo.

O menino é o segundo mais referenciado no texto (1 categorização + 70 recategorizações). É o personagem humano que precisa decifrar os mistérios do mundo através da observação, da experiência e principalmente da referenciação que a linguagem lhe propicia. Conforme Azeredo (2008), “o mundo vive dentro do homem como palavra”. O homem tem a linguagem como interface com o mundo. Não temos acesso total ao mundo das coisas por meio das palavras, temos acesso à simbolização que fazemos sobre o mundo, temos acesso aos sentidos que construímos e não às coisas em si, na sua essência, no seu existir. Concordando com Marcuschi (2007): o mundo independe de nós, mas a linguagem depende de nós. O gato foi o alvo principal do menino, mas não é só ele o mistério. Todo o mundo ao seu redor é um mistério, que ele tenta compreender e controlar. É a eterna tentativa humana de dominar o mundo em que vive. Como dizia Clarice Lispector: “A palavra é o meu domínio sobre o mundo”. O que existe na relação com os outros seres e o mundo é a possibilidade do discurso.

Depois do gato, o mistério se amplia para tudo que não é o menino. Assim, três tópicos discursivos se relacionam e nesta estatística (para avaliação da referenciação) devem ser somados, pois fazem parte dos mistérios do mundo (além do gato). São eles: o “odioso mundo de fora do menino” (1 categorização + 15 recategorizações), “as coisas”, que são inanimadas, porém fazem parte do mistério (1 categorização + 12 recategorizações) e o “céu azul” (1 categorização + 9 recategorizações). Ao longo da narrativa, o céu azul é associado a “mundo”, a “Deus”, a “todo segredo” e também se torna um mistério e algo inatingível para o menino.

Na relação entre o menino e o gato, o muro é fundamental. É um local de destaque no espaço da narrativa: por cima dele aparece o gato. É categorizado e recebe mais 18 recategorizações, que variam conforme o ponto de vista (a quem o muro serve, a quem atrapalha). “Familiar aos cacos de vidro inofensivos, o gato caminhava molengamente por cima do muro”: os cacos de vidro do muro eram inofensivos ao gato. Para o menino, o muro era “erichado de cacos de vidro”. O muro, junto ao “menino, cacos de vidro, gato, árvores, sol e céu azul” já foi também “o milagre da comunicação perfeita”. Perdidas as chances de enganar o gato, o muro torna-se para o menino o “estúpido muro coroado de cacos de vidro”, um impedimento, um “muro permanente entre o menino e o gato”. E o narrador amplia a questão, filosofando: “Entre todos os seres emparedados, o muro. A divisa, o limite.” Na impossibilidade de desvendar

os mistérios do mundo, o muro também é parte do “odioso mundo de fora do menino, indecifrável. Tudo que não é o menino, tudo que é inimigo.” É o “muro entre dois abismos”, o “intransponível muro entre o menino e tudo que não é o menino”.

Os tópicos “o quintal (do menino)”, “pedra/pedrada” e “a mudez de tudo em torno” se igualaram em número de SNs (**1** categorização + **6** recategorizações). Representam respectivamente o local onde a cena se desenrola (o muro faz parte do quintal), o instrumento usado pelo menino na tentativa de liquidar o gato e seu enigma e o silêncio de tudo, que colabora para a manutenção da atmosfera de segredo, mistério.

Os outros tópicos são de menor importância na narrativa. Aparecem “a caixa d’água” e “o tijolo”, ambos com **1** categorização + **3** recategorizações, que equivalem ao local e instrumento para esconder o mistério pessoal do menino, “vedado aos outros”: é o mundinho que ele já dominava, pelo acúmulo de suas experiências, e por isso não faziam parte das inquietações de que trata o texto e sim de suas “certezas”: “bolas de gude, o canivete roubado, dois caramujos com as lesmas salgadas na véspera. [...] Uma pratinha azinhavrada, o ainda perfume da caixa de sabonete. A estampa de São José, lembrança da Primeira Comunhão.” Com o tijolo, o menino vai matar o segundo gato.

Os tópicos “duas rolinhas” (**1** categorização + **2** recategorizações) e os que ficaram em 8º e último lugar, como “a casa do menino” e “o porão” (**1** categorização + **1** recategorização) quase não aparecem na narrativa, pois é o que não interessa ao menino: os pássaros que aparecem do nada e interrompem a tensão, a casa e o porão do menino que não importam, pois estes já são conhecidos e o território a ser desbravado é o quintal e quiçá o mundo.

Os dados estatísticos mostram a coerência entre a construção da referenciação do texto, o gênero textual (conto de atmosfera) e o modo narrativo, com forte presença da descrição, misturando os acontecimentos à investigação psicológica das personagens. A atmosfera é criada pela tensão entre gato e menino, 1º e 2º tópicos em maior número de categorizações (114 e 71 SNs), em que são descritos, avaliados. O gato é o enigma central do texto, mistério que depois se expande para “tudo que não é o menino” (o odioso mundo, as coisas, o céu azul), tópicos que unidos ocupam o terceiro lugar, com 39 ocorrências. O muro, 4º lugar, em destaque dentro do “quintal (do menino)”, que ocupa 5º lugar ao lado de “pedra/pedrada” (tentativa inútil de decifrar o enigma) e “a mudez de tudo em torno” (que colabora com o mistério).

3.1.3 “Imitação da água”: a “tortura” da referenciação

O terceiro texto analisado é o poema “Imitação da água”, de João Cabral de Melo Neto, que faz parte do livro *Quaderna* (1960). É um texto estruturado pelo modo de organização descritivo, no qual a elaborada busca pela justeza da expressão leva a um sofisticado trabalho de construção das imagens poéticas. Os SNs, marcados **em negrito**, constituem quase todo o texto, mostrando a obstinada construção da referenciação de seu objeto observado: a mulher.

IMITAÇÃO DA ÁGUA

De flanco sobre o lençol,
paisagem já tão marinha,
a uma onda deitada,
na praia, te parecias.

Uma onda que parava
 ou melhor: **que se continha;**
que contivesse um momento
seu rumor de folhas líquidas.

Uma onda que parava
naquela hora precisa
em que a pálpebra da onda
cai sobre a própria pupila.

Uma onda que parara
ao dobrar-se, interrompida,
que imóvel se interrompesse
no alto de sua crista

**e se fizesse montanha
(por horizontal e fixa),
mas que ao se fazer montanha
continuasse água ainda.**

**Uma onda que guardasse
na praia cama, finita,
a natureza sem fim
do mar de que participa,**

**e em sua imobilidade,
que precária se adivinha,
o dom de se derramar
que as águas faz femininas**

**mais o clima de águas fundas,
a intimidade sombria
e certo abraçar completo
que dos líquidos copias.**

(Melo Neto, João Cabral de. *Poesias completas*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 175-6)

João Cabral de Melo Neto é um grande esteta da língua. Nascido a 9 de janeiro de 1920 em Recife, já em 1941 participa do 1º Congresso de Poesia do Recife, lendo o opúsculo "Considerações sobre o Poeta Dormindo". Em 1942, publica sua primeira coletânea de poemas, *Pedra do sono*, e se transfere para o Rio de Janeiro. No ano seguinte, publica seu segundo livro *O Engenheiro*, custeado pelo empresário e poeta Augusto Frederico Schmidt. Em 1947 ingressa na carreira diplomática que o levou a Barcelona, Londres, Sevilha, Marselha, Genebra, entre outras

idades. Nunca abandonou a poesia, exercendo magistralmente seu ofício de escrever; publicou entre outros: *Psicologia da composição* (1947), *O cão sem plumas* (1950), *Morte e vida Severina* (1956), *Uma faca só lâmina* (1956), *Quaderna* (1960), *Dois parlamentos* (1961), *Poemas escolhidos* (1963), *A educação pela pedra* (1966), *Museu de tudo* (1975), *A escola das facas* (1980), *Agrestes* (1985), *O crime na Calle Relator* (1987) e *Sevilha andando* (1989).

Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1968, tomando posse em 1969. Volta ao Brasil em 1987, voltando a residir no Rio. Em 1992, começa a sofrer de cegueira progressiva, doença que o leva à depressão. E em 9 de outubro de 1999 morreu no Rio de Janeiro, vítima de ataque cardíaco.

Cronologicamente situado na geração de 45, por seu apuro formal e preocupação estética, João Cabral não aceitava rotulações de estilo literário, acreditando que cada poeta apresentava um estilo próprio resultando em uma peculiar produção poética. Seu fazer poético está calcado no trabalho intelectual distante da inspiração e do sentimentalismo, é racional. Isto lembra a comparação de Jean Cohen (1966:38) entre um poeta e um artesão: “O poeta é poeta não pelo que pensou ou sentiu, mas pelo que disse. Ele é criador não de ideias, mas de palavras.” O próprio João Cabral reflete:

[...] o poeta, a partir do momento em que se torna exclusivamente lírico, passa só a falar dele próprio. Onde está a poesia que fala das coisas? [...] A poesia brasileira é uma poesia essencialmente lírica, e por isso eu me situo na linha dos poetas marginais porque sou profundamente antilírico. Para mim, a poesia dirige-se à inteligência, através dos sentidos. (ATHAYDE, 1998: 55)

Em *Quaderna* (1960), é a primeira vez em que o tema feminino é amplamente representado em sua poética, porém, como assinala MARQUES (2010:12), é um lirismo “que não transborda, mas que pensa e produz linguagem”. O poema em questão, “Imitação da água”, de temática lírico-amorosa, enfatiza o feminino por meio de uma linguagem que cria comparações entre a mulher e um elemento natural, a água, mas prioriza o próprio fazer poético como fonte de lirismo. Para João Cabral, a mulher (a ser “construída” no poema) era um tema para a poesia como outro qualquer, era objeto de sua poesia, não tinha biografia.

Cabral considerava o trabalho poético não como fruto de inspiração, mas como resultado de transpiração, trabalho com a linguagem: “exploração da materialidade das palavras e das

possibilidades de organização de estruturas verbais”, “rigorosa construção de estruturas formais lúcidas, lúcidos objetos de linguagem” (MELO NETO: 1999, 800). Assim, no seu construtivismo, o poeta se dedicava à sintaxe, à busca da expressão exata, que se constituía numa racional procura pela referenciação mais coerente com o seu projeto de dizer, numa total consciência de que o seu mundo poético era construído não pelas coisas em si ou pelo seu simples olhar para elas, mas pelo que a linguagem fosse capaz de expressar. E nisso, João Cabral era um mestre. Como disse LEMINSKI (1987: 289), as “línguas amam seus poetas porque, nos poetas, realizam seus possíveis. Um Fernando Pessoa, um Maiakóvski, um Pound, um Cummings, um Cabral [...] são poetas que conduzem sua língua aos extremos limites de expressão dela, quase assim na fronteira, no abismo do incomunicável.”

Em “Imitação da água”, João Cabral chega aos extremos limites de expressão. Como poema organizado pelo modo descritivo, há um objeto a ser descrito, no caso uma mulher “De flanco sobre o lençol”. O autor vai retratar sua experiência vivida no nível dos sentidos, no caso o olhar, o tato, a audição. Não se trata de comunicar objetivamente como a mulher é, porém de construir toda uma visualidade, plasticidade e sensorialidade pela linguagem. E então observamos sua escolha por palavras concretas para dizer o quase indizível. Na opinião de João Cabral: “Uma palavra concreta é muito mais sensorial que uma palavra abstrata. [...] Eu tenho a impressão que é muito mais fácil eu dar a ver com palavras concretas, que se dirigem aos sentidos, do que usando palavras abstratas.” (ATHAYDE, 1998: 66)

No poema, quem está sendo referenciado é a mulher e não a água. Mais precisamente: a mulher que imita a água, a mulher onda. No entanto, o importante não é exaltar a mulher (ela não tem biografia), nem o seu corpo como ele é, mas sim a partir de uma cena vista “congelar” o instante como uma foto para poder explorar através de imagens sensoriais o que essa mulher sugere a ele, poeta, enquanto essência feminina, e que o move a produzir discurso. O corpo da mulher é motivo para João Cabral mais uma vez exercer o seu ofício.

O prazer estético é gerado pelo trabalho exaustivo com a linguagem. A eroticidade brota das criadas associações com a água, com a onda. A escolha do elemento natural água e especificamente da palavra “onda” tem dupla utilidade:

- a) “dar a ver” por uma palavra concreta, que segundo João Cabral é muito mais sensorial do que uma palavra abstrata: ao ler “onda” imagina-se a curva do quadril da mulher “de flanco sobre o lençol”;

- b) e ligar-se à mulher e à eroticidade enquanto símbolo. A água é fonte de vida; a vida nasceu no mar. O desejo é pulsão de vida, ligado a Eros, ao amor, e que se materializa no ato sexual, em ambiência aquosa.

Para realizar a minuciosa referenciação da mulher onda, João Cabral constrói SNs com vários SAdjs que caracterizam essa onda. Os SAdjs, a partir da segunda estrofe, passam a ser orações pois o poeta passa a caracterizar a onda pelo que ela faz.

3.1.3.1 Sequência de SNs:

TÍTULO:

No título há um silenciamento do agente: quem imita a água? O SN poderia ser: [IMITAÇÃO (D[A ÁGUA]) (PEL[A MULHER])] ou [IMITAÇÃO (D[A ÁGUA]) (POR[TI])]. A palavra “mulher” ou “tu” (a interlocutora do poeta) não aparece no texto. O texto é enxuto, sem sentimentalismos. O foco é a comparação com a onda e a investigação, pela linguagem, da natureza feminina.

SN DO TÍTULO) [IMITAÇÃO (D[A ÁGUA])]

PRIMEIRO SEGMENTO DE SENTIDO:

Corresponde à primeira estrofe do poema. No primeiro segmento de sentido, o poeta revela uma cena que tinha sido vista por ele e que começa a descrever. Ele foca naquele instante como uma foto, o que vai propiciar o início da descrição, quando faz a primeira comparação da sua interlocutora (o “tu”) a uma onda: é o SN 3, dentro do SPrep, (a [**uma onda (deitada), (na praia)**]), que é um SN pequeno, com somente dois SAdjs.

Logo no primeiro SN, temos um caso curioso, que lembra o SN 21 do texto “GATO GATO GATO”: [(**Aquele**) *(**ali**), (**ocioso**), (**lento**), (**emoliente**)]: aparentemente o SN seria composto somente por SAdjs, na função de adjuntos adnominais. O que ocorria é que o núcleo do SN, “gato”, estava elíptico (registrado pelo *), ou seja, fazia parte do SN em ausência. [*(**De**

flanco sobre [o lençol]]), que à primeira vista parece ser um SAdv, na verdade é um SN com elipse do núcleo nominal. É a mulher (o “tu”) em uma determinada posição (de flanco sobre o lençol). Isto se comprova pelo segundo SN, **[paisagem (já tão marinha)]**, que é um aposto, reduplicação de um núcleo nominal anterior. Observamos que novamente a mulher (o “tu”) não aparece explicitamente na linearidade do texto. Em “* te parecias” também ocorre a elipse do “tu”.

1) [*(De flanco sobre [o lençol])]

2) [**paisagem (já tão marinha)**]

3) (a [**uma onda (deitada), (na praia)**]) * te parecias

SEGUNDO SEGMENTO DE SENTIDO:

Corresponde ao restante do poema, da segunda à oitava estrofes. Neste segundo segmento, o poeta reflete sobre a cena vista, realizando uma “tortura” da referência. Com exceção do sintagma verbal “te parecias” (e do SPrep (a [**uma onda (deitada), (na praia)**])), que por sinal abriga um SN), todo o resto do poema é composto apenas por SNs. Isto é altamente sintomático: quase todo o texto é dedicado à referência, ao exaustivo trabalho de construção e reconstrução da linguagem, criando 4 SNs bem grandes com SAdjs em forma de orações adjetivas que vão apresentar o que a onda fazia. Como os SAdjs são orações, a predicação delas também faz parte do grande SN. Assim, para percebermos como João Cabral constrói a referência, é fundamental nesses SAdjs atentar para:

- a) os verbos escolhidos e seus tempos e modos: geralmente o primeiro e o segundo verbos estão no Indicativo, às vezes aparece uma forma nominal, e depois os outros verbos aparecem no Subjuntivo;
- b) o uso de palavras concretas, como “folhas”, “pálpebra”, “pupila”, “montanha”, “praia cama”, que a partir de sua materialidade permitem a criação de imagens como metáforas para dar concretude a algo que não é concreto, que só existe e é possível conceber pela construção da linguagem.

Vamos à sequência de SNs do segundo segmento de sentido:

4) [Uma onda (que parava) ou melhor: (que se continha); (que contivesse um momento [seu rumor (de folhas líquidas)])]

“Parava” → “continha” → “contivesse”. Há uma gradação, pois “conter-se” é mais específico do que “parar”. Parar pode ser ato involuntário, pela presença de um obstáculo, por exemplo. Conter-se indicia ato voluntário, calculado, planejado e executado. “Parava” e “continha” estão no Pretérito Imperfeito do Indicativo, como algo mais concreto, que realmente acontecesse na visão e comparação do poeta, justificando o Indicativo. O quadril, como uma onda, parava, se continha. Acredito que o tempo seja Pretérito Imperfeito porque é algo que acontecia e se repetia no passado, reiterando o uso da primeira estrofe: “a uma onda deitada, na praia, te parecias”, também por isso “paisagem já tão marinha”, evocando “já tão conhecida”.

“Contivesse”, no Imperfeito do Subjuntivo, já está em um nível mais alto de abstração: é como se contivesse. O verbo anuncia algo hipotético, que só poderia existir como metáfora, algo que realmente não ocorreria concretamente (conter “seu rumor de folhas líquidas”). A escolha do modo verbal Subjuntivo revela a total consciência de João Cabral do que é o fazer poético, pois este procedimento está no nível da possibilidade de criar mundos através da linguagem.

O SN 4 corresponde a toda a segunda estrofe.

5)[Uma onda (que parava {n[aquela hora precisa (em que a pálpebra da onda cai sobre a própria pupila)}})]

Aqui é muito interessante a justeza da imagem. De flanco sobre o lençol, a mulher oferece à apreciação, entre outras coisas, o formato de seu quadril, de lado, que o poeta compara a uma onda, mas tem de ser uma onda que para “no alto de sua crista”, que para “naquela hora precisa em que a pálpebra da onda cai sobre a própria pupila” para não permitir o movimento completo que levaria a onda a se desfazer e não se parecer mais com o quadril de lado, com a mulher de

flanco sobre o lençol. “Pálpebra” e “pupila” são palavras concretas que constroem uma metáfora que permite visualizar o movimento arredondado da onda, da sua crista até sua base. Este SN 5 reforça a ideia de parar, só que especifica mais que o SN anterior.

O SN 5 corresponde a toda a terceira estrofe.

6)[Uma onda (que parara {ao dobrar-se, interrompida}), (que imóvel se interrompesse no alto de sua crista) e (se fizesse montanha {por horizontal e fixa}), mas (que {ao se fazer montanha} continuasse água ainda).

“Parara”, no Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo → Uma onda que ao dobrar-se, parara, ou seja, parou antes de dobrar-se totalmente, por isso “interrompida”. Se a onda se dobrasse completamente, ela se desfaria e se tornaria inadequada à comparação com a mulher de flanco, sobre o lençol. O SN 6 retoma os conceitos das imagens do SN anterior, através de imagens novas e em maior número. O SAdj “que ao se fazer montanha continuasse água ainda” mostra aquilo que se faz fixo, mas não imutável, pois enquanto água poderia se desfazer a qualquer momento.

O SN 6 corresponde a duas estrofes (quarta e quinta).

7)[Uma onda (que guardasse {n[a praia cama, (finita)] }, [a natureza (sem fim) (do mar de que participa)], e ({em [sua imobilidade, (que precária se adivinha)]}, [o dom (de se derramar) (que as águas faz femininas)] mais [o clima (de águas fundas)], [a intimidade (sombria)] e [certo abraçar (completo) (que dos líquidos copias)]].

“Uma onda que guardasse / na praia cama, finita, / a natureza sem fim / do mar de que participa” lembra Drummond (“O mundo é grande”): [...] “O mar é grande e cabe/ na cama e no colchão de amar.”

Como analisou tão bem SENNA (1980: 100), faço minhas as suas palavras: “Note-se que a qualidade “marinha” da mulher, além de exaustivamente restringida a uma espécie “x” de onda, é ainda mais uma vez original. Ela não é misteriosa como o mar, volúvel como o mar, serena como o mar _ todos conteúdos já explorados pela poética tradicional _ , mas, como certa manifestação finita do mar que lhe contém a infinitude, a mulher tem a propriedade de, imóvel, anunciar o “abraçar completo” peculiar a sua natureza feminina.” E esse anunciar funciona como uma promessa de a qualquer momento (já que sua imobilidade se adivinha precária) se “derramar” e realizar o “abraçar completo”.

O último SN, 7, enorme, corresponde às três últimas estrofes (6^a, 7^a e 8^a).

3.1.3.2 Os tópicos do texto

No texto, há 8 SNs (o título mais sete), sendo que 4 deles são enormes, com a presença de vários SAdj em forma de orações subordinadas adjetivas que especificam “uma onda”. Os SNs foram organizados em 2 colunas, indo de A até B, correspondendo aos 2 tópicos do texto, citados abaixo:

A- imitação da água

B- tu (a interlocutora, a mulher) = uma onda

O tópico sublinhado “imitação da água” aparece apenas uma vez. Ele não reaparece recategorizado nos SNs, mas funciona como uma síntese de todo o texto. O tópico “uma onda” apresenta várias recategorizações bem detalhadas do SN, formando uma única cadeia. Apresentaremos, portanto, uma tabela que corresponde à cadeia referencial desse texto.

3.1.3.3 Cadeia referencial do texto

1ª E ÚNICA CADEIA – TU/MULHER = UMA ONDA

OCOR- RÊN- CIAS	SNs da 1ª CADEIA
1	SN 1) [* (De flanco sobre [o lençol])] (* = tu/mulher)
2	SN 2) [paisagem (já tão marinha)]
3	SN 3 dentro do SPrep) (a [uma onda (deitada, na praia)])
4	SN 4) [Uma onda (que parava) ou melhor: (que se continha); (que contivesse um momento [seu rumor (de folhas líquidas)])]
5	SN 5)[Uma onda (que parava {n[aquela hora precisa (em que a pálpebra da onda cai sobre a própria pupila)]})]
6	SN6)[Uma onda (que parara {ao dobrar-se}, interrompida), (que imóvel se interrompesse no alto de sua crista) e (se fizesse montanha {por horizontal e fixa}), mas (que {ao se fazer montanha} continuasse água ainda).
7	SN 7)[Uma onda (que guardasse {n[a praia cama, (finita)] }, [a natureza (sem fim) (do mar de que participa)], e ({em [sua imobilidade, (que precária se adivinha)]}), [o dom (de se derramar) (que as águas faz femininas)] mais [o clima (de águas fundas)], [a intimidade (sombria)] e [certo abraçar (completo) (que dos líquidos copias)]].

3.1.3.4 Estatística dos SNs das cadeias e análise da referenciação

Por meio da descrição da única cadeia referencial do poema “Imitação da água”, conseguimos acompanhar a progressão dos SNs correspondentes ao tópico discursivo “uma onda”, o mais importante informacionalmente, pois era a imagem que permitia a descrição da interlocutora que estava “de flanco sobre o lençol”.

Colocação	SNs/tópicos	Nº de aparições no texto
1º	“tu/mulher = uma onda”	1 categorização + 6 recategorizações

Considerando que o poema possui 8 SNs, pode-se dizer que o poema se dedique integralmente a referenciar o tópico “uma onda” (**1** categorização + **6** recategorizações), caracterizando à exaustão o que seria essa onda, o que é levar às últimas consequências o modo de organização descritivo. A cada SN, o detalhamento vai sendo maior e os SNs vão aumentando de tamanho por conterem a cada sintagma um número maior de orações adjetivas como SAdjs. Na primeira estrofe os SNs têm o tamanho de um verso e, a partir da segunda estrofe, passam a ter o tamanho de uma estrofe, de duas, de três... A sensação que se tem é que os SNs vão se avolumando como a onda que ao se imobilizar parou um processo e parece que vai se adensando com mais água. A repetição de “Uma onda” no início de vários versos se constituiu em uma anáfora também enquanto figura de linguagem, que não tem apenas o valor de retomada, mas o papel estilístico de enfatizar, de repetir, não como uma redundância, mas como um adensamento da imagem da “atmosfera marinha”.

Esse trabalho exaustivo de linguagem, a que chamei “a tortura da referenciação”, como uma extremada descrição, revela o estilo próprio de João Cabral: o de explorar ao máximo o seu objeto poético, retomando ao longo dos versos os conceitos das imagens e desdobrando esses conceitos em novas e mais detalhadas imagens. Ele realizava a elocubração racional da linguagem para criar o ficcional, já que considerava que a poesia se dirigia “à inteligência, através dos sentidos” (ATHAYDE, 1998: 55), e não ao coração, e que era resultado de transpiração. Assim, João Cabral não se permite contaminar pelo sentimentalismo e realiza uma sofisticada poética (anti)

lírico-amorosa, porque difere do lirismo tradicional. Aqui, a figura feminina é reinventada por um discurso poético que prioriza o laborioso exercício da escritura como fonte de lirismo. E ele vai quase “ao abismo do incomunicável” para realizar o seu ofício.

CONCLUSÕES

Pela explanação ao longo da tese, ficou comprovado que acompanhar a referenciação de um texto, observando os seus aspectos linguísticos e seu funcionamento discursivo (através do acompanhamento das categorizações e recategorizações da cadeia coesiva referencial, em paralelo com as condições de produção do texto e os modos de organização textual) seja uma forma de detectar que intenções comunicativas direcionam o enunciador para escolhas gramaticais sintático-semânticas dentre as opções do sistema da língua portuguesa e, assim, construir em interação com este enunciador os sentidos possíveis e a coerência deste texto.

Considerando que a textualidade se compõe dos aspectos pragmáticos, semântico-conceitual e formal, penso que um texto se processe da seguinte forma: o aspecto formal ou microtextual é trabalhado de acordo com os aspectos pragmáticos (tanto para a produção quanto para a interpretação de um texto) e esses dois em sintonia é que compõem o aspecto semântico-conceitual, a coerência textual.

O acompanhamento dos SNs permite mesmo o acompanhamento passo a passo do sentido que vai sendo construído ao longo do texto e permite ver como é dinâmica essa estruturação. Ela é que dá movimento ao texto: a estruturação do SN recebe influência do ponto em que o texto se encontra e produz o movimento seguinte do texto. Ela é um reflexo do movimento até aquele ponto e é um prenúncio do movimento que o texto terá na sequência. Por isso, o papel muito importante da referenciação na coesão do texto e no direcionamento do sentido: como é que o sentido percorre o texto. O texto é um território. Os caminhos que vão se abrindo é que vão constituindo o sentido do texto. São ramificações. Às vezes se ramificam aqui, depois lá na frente se encontram. O texto funciona como um trançado de linhas que vão se superpondo, se separando aqui, se unindo lá na frente.

A análise dos três textos comprovou que há uma grande relação entre a arquitetura sintático-semântico-discursiva da referenciação, o gênero textual e o modo de organização do texto. No subitem “Estatística dos SNs das cadeias e análise da referenciação”, pudemos constatar que os tópicos mais importantes informacionalmente tinham maior número de SNs e coincidiam com as principais estratégias textuais daqueles gêneros e modos de organização. No 1º texto, um artigo jornalístico assinado, predominantemente argumentativo, os tópicos mais valorizados foram aqueles ligados à defesa da tese e aos argumentos e à intertextualidade que

fazia parte da construção da argumentação. No 2º texto, um conto de atmosfera, predominantemente narrativo, mas com forte presença da descrição, os tópicos com maior destaque foram aqueles que apresentavam as recategorizações dos personagens principais, do espaço, do cenário, que estavam sob sondagem psicológica do narrador, principalmente o gato. A nomeação exaustiva do gato pelo menino era uma forma de tentar apreender a essência do gato e desvendar o enigma. Rotulá-lo com um nome “justo” seria uma forma de controle e dominação por meio da linguagem. Assim como a linguagem não espelha o mundo, o menino não consegue vencer o enigma. O 3º texto, um poema descritivo, apresentou uma única cadeia referencial, que explorava o tópico discursivo que ocupava todo o poema, mostrando a torturante busca pela referenciação do objeto descrito, em um laborioso empenho de criação artística.

As diversas recategorizações durante a progressão do texto, vão (re)construindo os objetos-de-discurso, as quais constituem um modo de avançar informacionalmente e de o enunciador revelar o seu mundo conhecido, através de seu discurso. Por fim, considero que esse tipo de investigação se justifique, pois reconhecer que nosso conhecimento do mundo se dá pela construção discursiva e aprofundar o estudo dos caminhos da referenciação contribuem para o desenvolvimento da metaconsciência textual e para a conscientização do papel da linguagem na vida humana.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. Said. *Grammatica secundaria da lingua portugueza*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--].
- _____. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7 ed. melh. aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. 8. ed. Rio de Janeiro : Record, 1984.
- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la reference et strategies de designation. *TRANEL (Travaux neuchâtelois de linguistique)*, n. 23, p. 227-271,1995.
- ARIEL, Mira. The demise of a unique concept of literal meaning. *Journal of Pragmatics*, v. 34, p. 361-402, 2002.
- ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. São Paulo: Parábola, 2006.
- ATHAYDE, Félix de. *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Nova Fronteira,1998.
- ÁVILLA, Maria Raquel Leira. Quaderna – quadrado – quadra: quatro. In: CAMPOS, Maria do Carmo (Org.) *João Cabral em perspectiva*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1995. p. 159-166.
- AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. *Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. Espelho, mapa, ferramenta ou de como as palavras dão corpo às ideias. *Matraga* : revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 158-179, jan./jun. 2007.
- _____. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- _____. A palavra como limite. In: VALENTE, André C.; PEREIRA, Maria Teresa G. *Língua portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. *Dispersos*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BIASI, Bernardete (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. (Série Clássicos da Linguística).

_____. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: UFC, 2011.

CHAFE, W. L. *Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. *Pistas e travessias II*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

_____. Introdução à linguística cognitiva. *Matraga* : revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 77-96, jan./jun. 2009.

COHEN, Jean. A ordem das palavras. In: _____. *Estrutura da linguagem poética*. São Paulo: Cultrix, 1966. p. 148-181.

COSTA VAL, Maria da Graça. Repensando a textualidade. In: AZEREDO, José Carlos de. *Língua portuguesa em debate*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DAVIDSON, Donald. [1974]. De la idea misma de un esquema conceptual. In: DAVIDSON, Donald. *De la verdad y de la interpretation*. Barcelona: Gedisa, 1995. p. 189-203.

_____. [1991]. *Three varieties of knowledge*. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, intersubjective, objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 205-220.

DIJK, Teun Adrianus van. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2010.

DIK, S. C. Formal and semantic adjustment of derived constructions. In: BOLKESTEIN, A. M.; GROOT, C.; MACKENZIE, J. L. (Org.). *Predicates and terms in functional grammar*. Dordrecht-Holland/Cinnaminson: Foris Publications, 1985. p. 1-28.

_____. *The theory of functional grammar*. Dordrecht-Holland/ Providence RI: Foris Publications, 1989.

_____. *The theory of functional grammar*. 2 ed. By K. Hengeveld. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

- DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- DUARTE, Inês. *Língua portuguesa: instrumento de análise*. Lisboa: Universidade Aberta, 2000.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ELIA, Sílvio. *Ensaio de filologia e linguística*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.
- FERRARI, Lílian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FIGUEIREDO, Olívia. *Anáfora nominal em textos de alunos: a língua no discurso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2003.
- FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- GIVÓN, Talmy. Topic continuity in discourse: an introduction. In: _____. (Org.). *Topic continuity in discourse: quantitative cross-language studies*. Amsterdam/ Philadelphia. John Benjamins, 1983. p. 5-41.
- _____. Topic continuity in discourse: the functional domain of switch reference. In: HAIMAN, J.; MUNRO, P. *Switch reference and universal grammar*. Amsterdam, J. Benjamins, 1983. p. 51-82.
- GOMES, Alfredo. *Grammatica portuguesa*. 17. ed. corr. aum. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1918.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- HENGEVELD, K. Dynamic expression in functional discourse grammar. In: GROOT, C.; HENGEVELD, K. (Org.). *Morphosyntactic expression in functional grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 53-86. (Functional Grammar Series 27).
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Nomenclatura gramatical brasileira: 50 anos depois*. São Paulo: Parábola, 2009.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2002.

JESPERSEN, Otto. *The philosophy of Grammar*. London: Allen & Unwin, 1924. p. 63.

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. A produção textual do sentido. In: VALENTE, André (Org.). *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998. p. 153-162.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Argumentação e linguagem*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOCH, Ingedore V.; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore G. Villaça et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. 4. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

LANGACKER, Ronald W. The contextual basis of cognitive semantics. In: NUYTS, Jan; PEDERSON, Eric (Org.). *Language and conceptualization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 229-252.

LEMINSKI, Paulo. Poesia: a paixão da linguagem. In: CARDOSO, Sérgio (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras. 1987. p. 283-306.

LIMA, Mário Pereira de Souza. *Grammatica expositiva da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

MACIEL, Maximino. *Grammatica descriptiva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore G. Villaça. Referenciação. In: *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 381-399.

MARÇALO, Maria João Broa Martins. *Fundamentos para uma gramática de funções aplicada ao português*. Évora: Centro de Estudos em Letras – Universidade de Évora, 2009.

MARQUES, Patrícia. *Quaderna: a lírica erótico-amorosa de João Cabral de Melo Neto*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Literatura e Crítica Literária. São Paulo: PUC-SP, 2010. 103 f.

MEDEIROS, Benício. *Brilho e sombra: uma biografia de Otto Lara Resende*. Este livro integra o Arquivinho 3 Otto Lara Resende. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006.

MELO FILHO, Murilo. Otto: oitenta anos depois. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *80º aniversário de Otto Lara Resende*. [S.l.]: ABL, [2002]. p. 79. (Mesa-redonda realizada na ABL, no dia 21 de novembro de 2002, sob a coordenação de Alberto da Costa e Silva, com a participação de Arnaldo Niskier, Lêdo Ivo, Murilo Melo Filho e Benício Medeiros.) Disponível em: <www.academia.org.br/abl/media/celebracao8b.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2013.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Organização de Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

_____. Entrevista. In: SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina (Org.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. *TRANEL (Travaux neuchâtelois de linguistique)*, n. 23, p. 273-302, 1995.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

PARINI, Jay. *A arte de ensinar*. Tradução de Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Tradução de: *The Art of Teaching* (Oxford University Press, 2005).

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 59. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

PEREIRA, Soraia Farias Reolon. *A complementação nominal em português: construção sintagmática e expressão textual*. 2001. 219 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001

RIBEIRO, Júlio. *Grammatica portugueza*. 2. ed. ref. aum. São Paulo: Teixeira & Irmão Editores, 1885.

RIBEIRO, João. *Grammatica portugueza: curso superior – 3º anno de portuguez*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.

RONCARATI, Cláudia. *As cadeias do texto construindo sentidos*. São Paulo, Parábola, 2010.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. O papel da gramática na construção do sentido. In: VALENTE, André (Org.). *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998. p. 261-277.

SENNÁ, Homero. *Uma voz contra a injustiça: Rui Barbosa e o caso Dreyfus*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004. 2. ed. rev. ampl. (Orelha: Rejane de Almeida Magalhães. Tradução da carta de Zola: Marta de Senna.)

SENNÁ, Marta de. *João Cabral: tempo e memória*. Rio: Antares, INL, 1980.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VALENTE, André. Intertextualidade: aspecto da textualidade e fator de coerência. In: _____. *Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos*. São Paulo: Contexto: 2002. p. 177-193.

VENDRYES, J. *El lenguaje*. Barcelona: Cervantes, 1943.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore G. V. *Gramática da língua portuguesa*. Cimbra: Livraria Almedina, 2001.

WERNECK, Humberto. *Cronologia de Otto Lara Resende*. Este livro integra o Arquivinho 3 Otto Lara Resende. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006. p. 13.

ANEXO A – CRÔNICA “SOBRE O AMOR, ETC”

Sobre o Amor, etc.

Dizem que **o mundo** está cada dia menor.

É tão perto **do Rio a Paris!** Assim é na verdade, mas acontece que raramente vamos sequer **a Niterói**. E **alguma coisa**, talvez **a idade**, alonga **nossas distâncias sentimentais**.

Na verdade há **amigos espalhados pelo mundo**. Antigamente era fácil pensar que **a vida** era **algo de muito móvel**, e oferecia **uma perspectiva infinita** e nos sentíamos contentes achando que **um belo dia** estaríamos **todos** reunidos em volta de **uma farta mesa** e nos abraçaríamos e **muitos** se poriam a cantar e a beber e então **tudo** seria bom. Agora começamos a aprender **o que há de irremissível nas separações**. Agora sabemos que jamais voltaremos a estar juntos; pois quando estivermos juntos perceberemos que já somos **outros** e estamos separados pelo **tempo perdido na distância**. **Cada um de nós** terá incorporado **a si mesmo o tempo da ausência**. Poderemos falar, falar, para nos correspondermos por cima dessa **muralha dupla**; mas não estaremos juntos; seremos **duas outras pessoas**, talvez por **este motivo, melancólicas**; talvez nem **isso**.

Chamem de **louco e tolo** ao apaixonado que sente **ciúmes** quando ouve a sua amada dizer que na **véspera de tarde** o céu estava **uma coisa lindíssima**, com **mil pequenas nuvens de leve púrpura sobre um azul de sonho**. Se ela diz “nunca vi **um céu tão bonito assim**”, estará dando, certamente, **sua impressão de momento**; há **centenas de céus extraordinários** e esquecemos da maneira mais torpe **os mais fantásticos crepúsculos que nos emocionaram**. Ele porém, na **véspera**, estava dentro de **uma sala qualquer** e não viu **céu nenhum**. Se acaso tivesse chegado à **janela** e visto, agora seria feliz em saber que em **outro ponto da cidade** ela também vira. Mas **isso** não aconteceu, e **ele** tem **ciúmes**. Cita **outros crepúsculos** e mal esconde **sua mágoa daquele**. Sente que **sua amada** foi infiel; **ela** incorporou **a si mesma alguma coisa nova que ele não viveu**. Será **um louco** apenas na medida em que **o amor é loucura**.

Mas terá **toda razão, essa feroz razão furiosamente lógica do amor**. Nossa amada deve estar conosco solidária perante **a nuvem**. Por isso, indagamos com **tão minucioso fervor sobre a semana de ausência**. Sabemos que **aqueles 7 dias de distância** são **7 inimigos**: queremos analisá-los até o fundo, para destruí-los.

Não nego **razão aos que dizem que cada um deve respirar um pouco, e fazer sua pequena fuga**, ainda que seja apenas ler **um romance diferente** ou ver **um filme que o outro amado não verá**. Têm **razão**; mas não têm **paixão**. São espertos porque assim procuram adaptar **o amor à vida de cada um**, e fazê-lo sadio, confortável e melhor, mais prazenteiro e liberal. Para resumir: querem (muito avisadamente, é certo) suprimir **o amor**.

Isso é bom. Também suprimimos **a amizade**. É horrível levar **as coisas** a fundo: **a vida** é de sua **própria natureza** leviana e tonta. **O amigo que procura manter suas amizades distantes e manda longas cartas sentimentais** tem sempre **um ar de naufrago fazendo um apelo**. Naufragamos a **todo instante no mar bobo do tempo e do espaço**, entre **as ondas de coisas e sentimentos de todo dia**. Sentimos perfeitamente **isso** quando a **saudade da amada** nos corrói, pois então sentimos que **nosso gesto mais simples** encerra **uma traição**. **A bela criança que vemos correr ao sol** não nos dá **um prazer puro**; **a criança** devia correr ao sol, mas **Joana** devia estar aqui para vê-la, **ao nosso lado**. Bem; mais tarde contaremos a **Joana** que fazia **sol** e vimos **uma criança tão engraçada e linda que corria entre os canteiros querendo pegar uma borboleta com a mão**. Mas não estaremos incorporando **a criança à vida de Joana**; estaremos apenas lhe entregando morto **o corpinho do traidor**, para que **Joana** nos perdoe.

Assim somos na **paixão do amor**, absurdos e tristes. Por isso nos sentimos tão felizes e livres quando deixamos de amar. **Que maravilha, que liberdade sadia em poder viver a vida por nossa conta!** Só **quem** amou muito pode sentir **essa doce felicidade gratuita que faz de cada sensação nova um prazer pessoal e virgem do qual não devemos dar contas a ninguém que more no fundo de nosso peito**. Sentimo-nos fortes, sólidos e tranquilos. Até que começamos a desconfiar de que estamos sozinhos e ao abandono trancados **do lado de fora da vida**.

Assim **o amigo que volta de longe** vem **rico de muita coisa** e sua conversa é prodigiosa de riqueza; **nós** também despejamos **nosso saco de emoções e novidades**; mas para **um sentir a mão do outro** precisam se agarrar **ambos a qualquer velha besteira: você**

se lembra **daquela tarde em que tomamos cachaça num café que tinha naquela rua e estava lá uma louca que dizia, etc., etc.** Então já não se trata mais de **amizade**, porém de **necrológio**.

Sentimos perfeitamente que estamos falando de **dois outros sujeitos, que por sinal já faleceram – e eram nós**. No **amor** isso é mais pungente. De onde concluireis comigo que **o melhor** é não amar, porém aqui, para dar fim a **tanta amarga tolice**, aqui e ora vos direi **a frase antiga**: que é melhor não viver. No que não convém pensar muito, pois **a vida** é curta e, enquanto pensamos, **ela** se vai, e finda.

Maio, 1948

BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 139-141.

ANEXO B – LETRA DE MÚSICA “PAIS E FILHOS”

Pais e Filhos

Estátuas e cofres e paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu.
Ela se jogou da **janela do quinto andar**
Nada é fácil de entender.

Dorme agora,
é só o **vento** lá fora.

Quero **colo!** Vou fugir de **casa!**
Posso dormir aqui com **vocês?**
Estou com **medo**, tive **um pesadelo**
Só vou voltar depois das **três**.

Meu filho vai ter **nome de santo**
Quero o **nome mais bonito**.

É preciso amar **as pessoas**
Como se não houvesse **amanhã**
Porque se **você** parar pra pensar
Na verdade não há.

Me diz, por que que o **céu** é **azul?**
Explica a **grande fúria do mundo**
São **meus filhos**
Que tomam conta de **mim**.

Eu moro com a **minha mãe**
Mas **meu pai** vem **me** visitar
Eu moro na **rua**, não tenho **ninguém**
Eu moro em **qualquer lugar**.

Já morei em **tanta casa**
Que nem **me** lembro mais
Eu moro com **os meus pais**.

É preciso amar **as pessoas**
Como se não houvesse **amanhã**
Porque se **você** parar pra pensar
Na verdade não há.

Sou **uma gota d'água**,
sou **um grão de areia**
Você me diz que **seus pais** não **te** entendem,
Mas **você** não entende **seus pais**.

Você culpa **seus pais** por **tudo**, **isso** é absurdo
São **crianças** como **você**
O que **você** vai ser,
Quando **você** crescer?

Legião Urbana

ANEXO C - POEMA “MORTE E VIDA SEVERINA: auto de natal pernambucano” (1ª parte)

MORTE E VIDA SEVERINA**(auto de natal pernambucano)****O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI**

— **O meu nome é Severino,**
não tenho **outro de pia.**
Como há **muitos Severinos,**
que é **santo de romaria,**
deram então de **me** chamar
Severino de Maria;
como há **muitos Severinos**
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo **o da Maria**
do finado Zacarias.

Mas **isso** ainda diz pouco:
há **muitos** na **freguesia,**
por causa de **um coronel**
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem fala
ora a **Vossas Senhorias?**
Vejam: é **o Severino**
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.

Mas **isso** ainda diz pouco:
se ao menos **mais cinco** havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.

Somos **muitos Severinos**
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.

E se somos **Severinos**
iguais em tudo na vida,
morremos de **morte igual,**
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

Somos **muitos Severinos**
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.

Mas, para que **me** conheçam
melhor **Vossas Senhorias**
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser **o Severino**
que em vossa presença emigra.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta*. 17. ed.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 70-72.

ANEXO D - TRECHO DO LIVRO “O QUE É IDEOLOGIA”

O real não é constituído por coisas. Nossa experiência direta e imediata da realidade nos leva a imaginar que o real é feito de coisas (sejam elas naturais ou humanas), isto é, de objetos físicos, psíquicos, culturais oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências.

Assim, por exemplo, costumamos dizer que **uma montanha é real** porque é **uma coisa**. No entanto, **o simples fato de que essa “coisa” possua um nome, que a chamemos “montanha”, indica que ela é, pelo menos, uma “coisa-para-nós”, isto é, algo que possui um sentido em nossa experiência.** Suponhamos que pertencemos a **uma sociedade cuja religião é politeísta e cujos deuses são imaginados com formas e sentimentos humanos, embora superiores aos dos homens, e que nossa sociedade exprima essa superioridade divina** fazendo com que **os deuses sejam habitantes dos altos lugares.** A **montanha** já não é **uma coisa: é a morada dos deuses.** Suponhamos, agora, que somos **uma empresa capitalista que pretende explorar minério de ferro** e que descobrimos **uma grande jazida numa montanha.** Como **empresários,** compramos **a montanha,** que, portanto, não é **uma coisa,** mas **propriedade privada.** Visto que iremos explorá-la para **obtenção de lucros,** não é **uma coisa,** mas **capital.** Ora, sendo **propriedade privada capitalista,** só existe como tal se for **lugar de trabalho.** Assim, **a montanha** não é **coisa,** mas **relação econômica** e, portanto, **relação social.** A **montanha,** agora, é **matéria-prima num conjunto de forças produtivas,** dentre **as quais** se destaca **o trabalhador,** para quem **a montanha é lugar de trabalho.** Suponhamos, agora, que somos **pintores.** Para **nós,** **a montanha é forma, cor, volume, linhas, profundidade – não é uma coisa,** mas **um campo de visibilidade.**

Não se trata de supor que há, de **um lado,** a **“coisa” física ou material** e, de outro, a **“coisa” como ideia ou significação.** Não há, de um lado, **a coisa em-si,** e, de outro, **a coisa para-nós,** mas **entrelaçamento do físico-material e da significação, a unidade de um ser e de seu sentido,** fazendo com que **aquilo** que chamamos **“coisa”** seja sempre **um campo significativo.** **O Monte Olimpo, o Monte Sinai** são **realidades culturais** tanto quanto as **Sierras** para a **história da revolução cubana** ou as **montanhas** para a **resistência espanhola**

e francesa, ou a Montanha Santa Vitória, pintada por Cézanne. O que não impede ao geólogo de estudá-las de modo diverso, nem ao capitalista de reduzi-las a mercadorias (seja explorando seus recursos de matéria-prima, seja transformando-as em objeto de turismo lucrativo).

O que dissemos sobre a montanha, podemos também dizer a respeito de todos os entes reais. São formas de nossas relações com a natureza mediadas por nossas relações sociais, são seres culturais, campos de significação variados no tempo e no espaço, dependentes de nossa sociedade, de nossa classe social, de nossa posição na divisão social do trabalho, dos investimentos simbólicos que cada cultura imprime a si mesma através das coisas e dos homens.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 16-18.

ANEXO E - HORÓSCOPO “PREVISÃO ANUAL 2013 E O ANO DA SERPENTE”**Horóscopo: Previsão Anual 2013 e o Ano da Serpente**

2013 é o Ano da Serpente no Horóscopo Chinês (que se inicia em fevereiro)

O Ano da Serpente, marcado pela cor azul, será de muita reflexão, planejamento, tomada de decisões. Dará ênfase à comunicação seja no âmbito interpessoal ou profissional.

Trará diálogo, busca pelo entendimento e harmonia no âmbito amoroso e sorte para os solteiros que procuram a alma gêmea.

Na vida profissional, trará comunicação objetiva, clareza de propósitos, metas exequíveis, garra e força para superação dos obstáculos.

No aspecto negativo, pode trazer eventos catastróficos em nível internacional, a exemplo de outros anos da Serpente.

Serpente

O sexto ramo da astrologia chinesa é simbolizado pelo signo de Serpente. O senso de estratégia é seu ponto forte. Possui grande sentido de observação e cada um de seus passos é cuidadosamente planejado - por isso, costuma ter sucesso em seus empreendimentos.

Estas nativas mantêm um ar misterioso que as torna absolutamente fascinantes, sobretudo no aspecto sexual. Ambição, sabedoria, habilidade para extrair o melhor de cada situação, dignidade e calma são seus mais importantes atributos. Dotada de um certo ceticismo, a pessoa que nasce sob o signo de Serpente não se impressiona com facilidade e não se entusiasma com inovações ou promessas de mudança. Tem natureza introspectiva, mas valoriza as amizades verdadeiras. É organizada, sensata e inteligente.

Nascer sob o signo da Serpente é ter ideias incríveis, pensamentos elevados, espírito firme e sensato. São discretas, agem com cuidado e resolvem problemas aparentemente complicados, tomando decisões no momento certo. Gostam de meditar e

conhecer sobre **todos assuntos que as cercam**, quer **eles** sejam sobrenaturais ou humanos. Fazem **descobertas que beneficiam e purificam a alma e o espírito**, usando **suas habilidades** sempre em nome da **espiritualidade** e em favor do **seu próximo**.

As mulheres de Serpente têm a seu favor **uma sensualidade sempre em evidência**, além de **um modo afetuoso de tratar as pessoas, que faz com que sejam companhias agradáveis e procuradas**. Exigem, porém, serem tratadas com **tolerância**, pois precisam se sentir com **espaço para experimentar seus vãos**. Apreciam a **sinceridade nas pessoas** e têm **uma intuição muito aguçada, que as torna tremendamente perceptivas e receptivas**, captando **as intenções das pessoas** com **certa facilidade**, embora nem sempre interpretando-as corretamente nem estando atentas a **elas**, deixando de ver **as intenções ocultas**. Sua capacidade de trabalho é sempre elogiada, pois sabem, como **ninguém**, penetrar nos **loais mais escondidos** e obter **a informação ou aquilo que querem**, ainda que à custa da **teimosia**.

Dominar este **signo** é **uma questão muito delicada**, pois, pela **sua natureza** e pela **simbologia no Horóscopo Chinês**, a **Serpente** caminha de **cabeça erguida** e jamais dobra a **espinha**. Sua **teimosia** pode ser muitas vezes entendida como **o orgulho próprio que é uma atribuição particular das nativas desse signo**. Oscilando entre **o conservadorismo** e a **vanguarda**, a **Serpente** faz **um jogo interessante no amor e no sexo**, pois dificilmente cede ou se mostra capaz de não levar para **a relação** e para **a cama um certo egoísmo que nem sempre é entendido pela outra pessoa**. Tem vocação para **o lar**, embora esta não seja **a sua prioridade**, pois a **regência de Marte** dá-lhe **um espírito guerreiro inquebrantável, capaz de fazê-la se erguer tantas vezes quantas forem necessárias para se firmar e mostrar seu valor**.

<http://www.umoutroolhar.com.br/2013/01/horoscopo-previsao-anual-2013-e-o-ano.html>.

1º de janeiro de 2013.

ANEXO F - RECEITA CULINÁRIA “PUDIM DE LEITE CONDENSADO”**Pudim de Leite Condensado****Ingredientes**

1 lata de leite condensado

1 lata de leite de vaca

4 ovos inteiros

Calda:

1 xícara de chá de açúcar, 1/3 de xícara de chá de água.

Modo de Preparo

1. Bata tudo no liquidificador
2. Coloque em forma untada com açúcar queimado e leve ao banho-maria por aproximadamente 40 minutos
3. Para a calda, basta derreter o açúcar numa frigideira; quando virar caramelo coloque a água e mexa bem até ficar homogêneo.

ANEXO G - RECEITA CULINÁRIA PORTUGUESA:**“PASTEL DE BACALHAU E PIMENTOS”****Pastel de Bacalhau e Pimentos****Ingredientes:**

- 500g de bacalhau
- 1 cebola
- 2 dentes de alho
- 250 ml de azeite
- 4 pimentos verdes pequenos
- 1 kg de batatas
- 50 ml de leite
- uma noz de manteiga
- 250 ml de bechamel

Preparação

Poe-se o bacalhau de molho em água fria durante 24 horas, mudando de água duas ou três vezes. Escorre-se, tira-se pele e espinhas reservando a pele, e deixa-se à temperatura ambiente. Numa frigideira com azeite frita-se a cebola picada até que comece a tomar cor. Acrescentam-se dois dentes de alho, refoga-se e incorpora-se o bacalhau, mexendo até que se desfaça. Acrescenta-se a pele com a parte negra para cima, para que solte a gelatina. Retira-se do lume. Assam-se os pimentos no forno e pelam-se.

Descascam-se as batatas. Cortam-se em bocados e refogam-se num pouco de manteiga. Cobrem-se com água e cozem-se até estarem tenras. Reduzem-se as batatas a puré juntamente com os pimentos e junta-se-lhes um pouco de leite se for necessário, mas deve

resultar um creme espesso. Tempera-se de sal e pimenta a gosto. Unta-se um recipiente de ir ao forno, coloca-se uma camada de purê de batata e pimentos, outra de bacalhau, uma terceira de puré, e termina-se com uma camada de bacalhau, esta última mais grossa, cobrindo-se tudo com molho bechamel. Gratina-se durante alguns minutos e serve-se.

Conselho Final

Para poupar tempo, pode-se utilizar puré de batata de pacote e pimentos vermelhos. O resultado será igualmente saboroso.